A DISCIPLINA DO AMOR

Grandes da Literatura Brasileira

Lygia Fagundes Telles

A DISCIPLINA DO AMOR

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Copyright © 1980 Lygia Fagundes Telles

Direitos sobre o texto "A literatura como um ato de amor"

gentilmente cedidos por Ricardo Ramos

Capa: Natanael Longo de Oliveira

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Editora Nova

Fronteira S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda. Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro

S.A.

2468 10 97531

88 90 91 89 87

Para meu filho Goffredo

Estranho, sim. As pessoas ficam desconfiadas, ambíguas diante dos

apaixonados. Aproximam-se

deles, dizem coisas amáveis, mas guardam certa distância, não invadem o

casulo imantado que

envolve os amantes e que pode explodir como um terreno minado, muita

cautela ao pisar nesse

terreno. com sua disciplina indisciplinada, os amantes são seres

diferentes e o ser diferente é excluído

porque vira desafio, ameaça. Se o amor na sua doação absoluta os faz mais

frágeis, ao mesmo tempo

os protege como uma armadura. Os apaixonados voltaram ao Jardim do

Paraíso, provaram da Árvore

do Conhecimento e

agora sabem.

Os gatos

Ele fixaria em Deus aquele olhar de esmeralda diluída, uma leve poeira de

ouro no fundo. E não

obedeceria porque gato não obedece. Às vezes, quando a ordem coincide com

sua vontade, ele atende

mas sem a instintiva humildade do cachorro, o gato não é humilde, traz

viva a memória da liberdade

sem coleira. Despreza o poder porque despreza a servidão. Nem servo de

Deus. Nem servo do Diabo.

Mas espera, já estou me precipitando, eu pensava naquela fábula da

infância: é que Deus Nosso

Senhor pediu água ao cachorro que lavou lindamente o copo e com sorrisos

e mesuras foi levá-lo ao

Senhor. Pedido igual foi feito ao gato e o que fez o gato? O fingido

escolheu um copo todo rachado,

fez pipi dentro e dando gargalhadas entregou o copo nojento na mão

divina.

Acreditei na fábula, na infância a gente só acredita. Mais tarde,

conhecendo melhor o gato, descobri

que ele jamais teria esse comportamento, questão de feitio. De caráter.

Ele ouviria a ordem e

continuaria deitado na almofada, olhando. Quando se cansasse de olhar,

recolheria as patas como o

chinês antigo recolhia as mãos nas mangas do quimono. E mergulharia no

sono sem sonhos, gato

sonha menos do que cachorro que até dormindo se parece com o homem. Outro

ponto discutível: dando gargalhadas? Mas gato não dá gargalhada, só

cachorro. Meus cachorros riam demais abanando o rabo, que é o jeito

natural

que eles têm de manifestar alegria, chegavam mesmo a rolar de rir, a boca

arreganhada até o último

dente. O gato apenas sorri no ligeiro movimento de baixar as orelhas e

apertar um pouco os olhos, como se os ferisse a luz. Esse o sorriso do

gato ô bicho sutil! Indecifrável. Inatingível.

Nem pior nem melhor do que o cachorro, mas diferente. Fingido? Não, ele

nem se dá ao trabalho de fingir. Preguiçoso, isso sim. Caviloso. Essa

palavra saiu da moda mas deveria ser reconduzida, não existe melhor

definição para a alma do felino. E de certas pessoas que falam pouco e

olham. Olham.

Cavilosidade sugere esconderijo, cave - aquele recôncavo onde o vinho

envelhece. Na cave o gato se esconde, ele sabe do perigo. Mas o cachorro

se expõe, inocente.

Foi na minha juventude que conheci o gato bem de perto. Me preparava para

os vestibulares da

Academia do Largo de São Francisco, era noite. E eu lia Iracema sem

vontade, lia em voz alta, aos brados, para espantar o sono. Então ouvi um

ruído brusco de coisa algodoada entrando pela janela e parando atrás da

minha cadeira. Senti o olhar da coisa se fixando em mim. Fui me voltando

devagar, afetando aquela calma que estava longe de sentir: um gato

malhado, espetado nas quatro patas, me encarava, perplexo. Eu também

perplexa. Fomos nos recuperando do susto, eu menos tensa do que ele. Meu

apartamento era no primeiro andar de um prédio cercado de casario e essa

janela da sala

dava para o telhado de uma casa velhíssima, por onde transitavam os gatos

do bairro.

Por onde andam hoje os gatos que não encontro mais nenhum. Naquele tempo

havia gato à beça

10

nos muros, nos telhados. "É que a vida apertou e gato dá um BOM cozido",

explicou o jornaleiro. A

fome aumentou e o telhado diminuiu, onde agora os telhados nos quais eles

ficavam tomando sol?

Caçando passarinho. Amando. Os ratos todos em plena circulação,

fortalecidos. E os gatos, onde

estão os gatos? Pois aquele era um gato de telhado, as manchas amarelas e

pretas num fundo branco.

E os olhos. Por alguma razão obscura, escolheu minha casa: estendi a mão

afeita a acariciar cabeça de

cachorro. Mas cabeça de gato não é cabeça de cachorro - primeira lição

que ele deu ao recuar com

uma soberba que me confundiu. A conquista do gato é difícil, embrulhada,

não tem isso de amor

repentino: mais um movimento de aproximação e ele fugiria ventando.

Fui buscar o pires de leite, deixei-o ao alcance do visitante da noite e

continuei a ler o romance da

virgem dos lábios de mel mas em voz baixa, intuí que ele preferia o

silêncio. Ele ou ela? Sexo de gato

não é nítido como sexo de cachorro, outra diferença importante. Leva

algum tempo para a descoberta

do sexo, da unha e da idade. Gato ou gata, vai se chamar Iracema,

resolvi. E deixei o meu hóspede, a

casa é sua.

Então ouvi o ruído delicado, ele bebia

leite mas não como os cachorros bebem, sofregamente, espirrando em redor.

O gato é discreto. Há

que amá-lo discretamente, pensei e fiquei sorrindo. Tenho um gato.

"Tudo passa sobre a terra!" - estava escrito no final do romance que

achei triste. Olhei para a outra

Iracema que dormia no meio do tapete. Também você vai passar? Tu quoque,

Iracema?! Não sabia

ainda que permaneceria infinita na minha finitude.

11

17 de janeiro

Me alinhei ao lado dos humildes e descobri que não era bastante humilde

para ficar junto deles, falsa

a minha curvatura, falso o despojamento. Me alinhei ao lado dos fortes e

vi que não era

suficientemente forte para sustentar por mais tempo aquela arrogância,

representava planar sobre os

outros porque acreditei que assim não seria esmagada pelo rolo

compressor. Teria que subir acima

desse rolo, pisar nele

- ah, meu Deus, mas era isso o que eu queria?

Não, também não era isso. Quis ficar só para ser verdadeira, agora queria

apenas ficar só e então

sonhei que era uma rainha num coche desgovernado, em vão chamei por

alguém que eu sabia por

perto, onde? E o coche rodando para trás, para os lados, sem cavalos e

sem cocheiro. Consegui descer

e encontrei uma gata cor de mel com seu gatinho, me aproximei

enternecida, e o pai? perguntei e

apareceu um leão de juba desgrenhada e olhar de pedra. Corri, tinha uma

mulher na casa mas a mulher

gesticulava e não podia fazer nada enquanto o leão ia fechando o cerco,

acordei com as

pisadas na minha retaguarda. Mas quem me detesta tanto assim para me

atacar até no sonho? quis

saber e nesse instante vi minha imagem refletida no espelho.

18 de janeiro

Volto à antiga cidadezinha em busca dos meus fantasmas. Entro no velho

Hotel dos Viajantes sem

viajantes e vejo que ninguém me reconhece e eu não reconheço mais

ninguém. Saio sem ser vista. Já

é tarde e o Largo do Jardim está deserto na noite fria. Fecho o casaco e

me sento num banco. A igreja.

O

12

coreto. Olho as casas fazendo um círculo em redor do jardim e não sei

mais qual delas teria sido a

nossa, são parecidas na decadência e no escuro. Me levanto num susto: não

era detrás daquela figueira

que minha pajem gostava de se esconder? Procuro o Beco das Cocadas. A

casa da velha desapareceu

mas ficou o muro arruinado, coberto de musgo. Passo a mão no musgo úmido.

Parece emitir certa

luminosidade e penso que minha mãe pode estar atrás desse muro, dou a

volta correndo e não

encontro nada. Não encontro viva alma, ela usava essa expressão, não tem

vivalma. Nem viva nem? .

. . Sigo pela rua principal que vai dar no cemitério. Por aqui iam os

enterros importantes com meu pai

na frente entre o padre e o prefeito, ele era o mais alto de todos e

falava alto, as passadas largas, o

padre tinha que arregaçar a batina para acompanhá-lo. A casa da esquina:

aqui morou o tio que foi

assassinado num comício, pai da priminha que entrou para o Convento das

Carmelitas Descalças e

morreu logo depois,

eu só queria andar descalça quando ela morreu. Fiz no porão um altarzinho

com seu retrato, ia lá

acender vela e rezar todas as tardes. Na procissão, não quis minha roupa

de anjo, queria uma roupa

igual à de Santa Teresinha do Menino Jesus. Depois, não pensei mais nem

nela nem no altar, ganhei

um par de patins. O portão preto com as rosáceas de ferro, corolas de

quatro pétalas de hastes

entrelaçadas nas grades. Espio. No quintal onde brincávamos juntas tudo

está escuro e quieto. Passo

as pontas dos dedos na mureta onde ficava o prego com a chave do cadeado,

encontro o furo do prego.

Olho para trás. O que julguei ser o vulto do tio é apenas a sombra da

minha sombra que a lua verde

projeta na calçada.

No dia seguinte, enquanto me serve o café da manhã, o dono do hotel conta

em voz baixa que na noite

passada foi visto o fantasma de uma mulher

13

que atravessou o jardim, vagou pelas ruas e becos e sumiu na direção do

cemitério.

No princípio era o caderno

Quando mocinhas, elas podiam escrever seus pensamentos e estados d'alma

(em prosa e em verso)

nos diários de capa acetinada com vagas pinturas representando flores ou

pombinhos brancos levando

um coração no bico. Nos diários mais simples, cromos coloridos de

cestinhos floridos ou crianças

abraçadas a um cachorro. Depois de casadas, não tinha mais sentido pensar

sequer

em guardar segredos, que segredo de mulher casada só podia ser

bandalheira. Restava o recurso do

cadernão do dia-a-dia, onde, de mistura com os gastos da casa

cuidadosamente anotados e somados

no fim do mês, elas ousavam escrever alguma lembrança ou uma confissão

que se juntava na linha

adiante com o preço do pó de café e da cebola.

Os cadernos caseiros da mulher-goiabada. Minha mãe guardava um desses

cadernos que pertencera à

minha avó Belmira. Me lembro da capa dura, recoberta com um tecido de

algodão preto. A letrinha

vacilante, bem desenhada, era menina quando via minha mãe recorrer a esse

caderno para conferir

uma receita de doce ou a receita de um gargarejo. "Como mamãe escrevia

bem! - observou mais de

uma vez. - Que pensamentos e que poesias, como era inspirada!"

Vejo nas tímidas inspirações desse cadernão (que se perdeu num incêndio)

um marco das primeiras

arremetidas da mulher brasileira na chamada carreira de letras - um

ofício de homem.

14

Sur mon coeur amoureux

Durante o dia, como os vampiros, Iracema ficava completamente sumida,

chegava com a noite. Então

eu abria a janela e ela entrava silenciosa, limpa. Nunca perguntei pelos

seus negócios lá fora:

aceitava-a simplesmente. Tudo bem, Iracema? Ela andava um pouco pela

sala, roçava o focinho

pesquisador nos móveis, fixava-se mais em algum objeto e depois de

verificar que as coisas

continuavam sem novidade, como na véspera, infiltrava-se por entre meus

pés, traçando um meio

círculo

- um afago? Deitava-se no centro do pequeno tapete e ali ficava na sua

posição de esfinge, as patas

dianteiras recolhidas contra o peito, os olhos luminosos. Sua presença

tranquila agia em mim como

um tranquilizante, tudo bem, sim. Tudo bem.

Comprei duas tigelas de barro, uma para o leite, outra para a carne.

Comia sem se afobar, com

elegância, sem demonstrar qualquer fastio, o que seria indelicado: o

apetite exato. Depois, a toalete,

as patinhas brancas tão brancas, intactas as luvinhas de arminho que

recolhia, como os mandarins

escondendo nas mangas as pontas dos dedos.

Os mandarins. Quando andei pela China, eles já tinham desaparecido.

Também não vi nem cachorro

nem gato. Mas por que em Pequim não tem gato? perguntei a Mister Wang e

ele sorriu o chamado

sorriso amarelo: "Não podemos sustentar bichos domésticos, madame.

Estamos reconstruindo nosso

país, esses luxos ficam para o Ocidente". Tive vontade de lhe dizer que

não gostaria nada de morar

num país sem bichos: cachorro ou gato é sempre um fragmento do Paraíso

Perdido. Como viver sem

um pouco desse fragmento nas cidades de cimento e ferro?

Iracema era a presença do Paraíso na nossa sala

15

de visitas sem visitas, estávamos pobres. E pobre não tem mesmo atrativo,

a atração maior ainda era

eu com a minha juventude e minhas aflições, muito cedo para se falar em

angústia existencial e outras

angústias, a moda viria mais tarde.

Você sabe latim? Me ajuda no latim – pedi lhe mais de uma vez.

Nunca teria feito pedido igual a um cachorro, mas gato tem um certo ar de

latinista que vai até a raiz

das coisas, me ensina! supliquei rodopiando com ela no ritmo de valsa,

tinha uma valsa no

toca-discos. Pulou do meu colo, gato não gosta de dança, gosta de poesia,

rios de poetas foram se inspirar em gatos com suas emanações de

sortilégio. Magia.

Fragmento do Paraíso, eu disse. "Mas tem parte com o Diabo" - disse minha

tia que chegou a se

benzer quando Iracema, do fundo da noite, varou como uma seta a nossa

janela e - vupt! - foi cair de pé no meio da sala. Sagrados e profanos.

Por que às vezes as orelhas se aguçavam para trás, pontudas, malignas, e

o pêlo se eriçava elétrico, o rabo na vertical. Também o olho diferente,

o verde invadido pelo negro da pupila dementada, retida apenas por um aro

de brasa - por que a metamorfose? De curta duração, ser Diabo é por

demais laborioso e ela era uma indolente, companhia voluptuosa dos

contemplativos. Das bruxas cismarentas. Dos amantes na idade da razão e

depois ainda, memória e cinza. Amei meu gato quando descobri Baudelaire,

viens mon chat, sur mon coeur amoureux. . .

Meu coração queimando e Iracema impassível, a carta que não chegava e

Iracema, o telefone mudo e

ela - vai, Iracema, fala por que ele não me ama, fala!? E o beau chat

desligado. Brigamos, ou melhor,

eu briguei. Um cachorro teria vindo me consolar, lamber minhas lágrimas,

fazer piruetas para eu rir,

mas Iracema era uma comodista, você é uma como-

16

dista, uma apática! Eu aqui rolando de aflição e você com essa cara de

lata, ah! por que não tenho um

cachorro. Ela então me deu as costas e ficou voltada para fora, olhando a

lua. Depois, sem uma

palavra, pulou a janela e sumiu.

Dei-lhe dose dupla de leite quando descobri que estava grávida, era mesmo

gata. Ficou mais bonita,

mais suave. Os grandes olhos úmidos me interrogavam com certa

insistência, acalmei-a: este é o

caixotinho que preparei para você, está vendo? Vai ficar aqui junto da

janela, você vem e pula nele,

forrei com panos, veja que quentinho. Ela aprovou. Forrei o chão com uma

espessa camada de

jornais, fiz recomendações à vizinha que ficou com a chave do apartamento

e partimos para minhas

férias de janeiro.

Quando voltei, o porteiro do prédio veio me dizer com aquela indiferença

tão indiferente que minha

gata tinha morrido. Achou-a de manhãzinha no telhado, ao lado da janela

fechada, na pressa da

viagem minha mãe esqueceu de deixar ao menos uma fresta. Estava morta com

os dois gatinhos

prematuros, na véspera tinha desabado uma tempestade.

Outras casas, outros bichos, mas aquela Iracema. Vejo-a em pensamento

arranhando o vidro da

janela, tentando entrar e peco-lhe perdão pela janela fechada. E por

aquela nossa briga, quando me

deu as costas e ficou olhando a noite.

17 de janeiro África

Nas minhas andanças, fui parar na África e lá conversei com aqueles

homens da UNESCO, os bons, não os burocratas. Um deles me disse: "Cada

vez

17

que morre um velho africano é uma biblioteca que se incendeia".

Fiquei pensando no nosso índio. Pensando na Amazónia, índio, escritor e

árvore - as três espécies em

processo de extinção. Condenadas ao aniquilamento, o índio

principalmente. Será que antes de

chegarmos à solução final do nosso problema indígena teremos tempo de

captar um pouco da sua arte

e de sua vida, nas quais o sagrado e a beleza se confundem para alimentar

nossa cultura e nosso

remorso?

Senso de humor

Na minha idade de ouro, costumava fazer - e refazer - uma hierarquia de

valores e nessa hierarquia a

coragem ocupava o primeiro lugar. A virtude maior. Coragem de amar e

desamar, coragem de morrer

e desmorrer, coragem da cólera, da tristeza

- ô Deus! - até nos enterros as pessoas tão contidas, tão exemplares. Se

controlando para não chorar

alto porque se o choro fica forte, já vem alguém com a pílula, a injeção,

o analista: fechar as portas, as

janelas, os buracos. Até os anjinhos de Giotto se desesperaram diante de

Jesus crucificado, lá estão

eles no céu, arrancando os cabelos, os olhos inundados de lágrimas. Mas o

homem tem que ficar no

nível, sem transbordar. Sem claudicar: claudico, claudicas, claudicavi,

claudicatum, claudicare. A

origem naquele imperador Cláudio, que mancava. Então se a gente dá uma

mancada, já vem a terapia

de apoio: pisar

firme. Não chore, não tussa, não ria, isto é, ria discretamente porque

senão o próximo já vem pegar no

seu braço, ficou de porre? Não, não

18

é isso não, é que estou contente, com vontade de cantar, queria cantar,

posso?

Medo de desafinar - ai! - que duro o julgamento desse próximo, medida de

todas as coisas. Tão atento

o nosso próximo. Atento e desatento: condena, absolve, aconselha,

desaconselha e depois vai tomar

chope, esquece. O objeto do julgamento - o réu - levando tudo tão a

sério, fazendo e desfazendo. E o

outro, como no poema, tirando ouro do nariz.

Neste sistema burguês, onde só tem importância a aparência, com todos

defendendo ferozmente essa

aparência, incluindo-se os neuróticos mais angustiados ainda porque

reprimidos - dentro desse

mecanismo, comecei a superestimar a coragem. Emocionada com o rei que

antes do grito da criança,

"mas ele está nu!", espontaneamente se reconhece em sua nudez, exposto

por inteiro, face e coração:

aqui estou.

Mudei de pensar. Melhor ainda do que ter coragem é ter senso de humor,

dom mais raro. E mais

nítido. Há todo um leque de ambiguidades na conceituação do comportamento

corajoso, é coragem

cortar os pulsos? Se atirar de um vigésimo andar? E o soldado que acerta

em cheio a bomba de

napalm no vilarejo e recebe medalhas e tratamento de herói

- esse é um bravo? Desertar pode indicar coragem. Também ficar.

No reconhecimento do humor não há equívoco. Ou existe ou não existe e seu

portador sabe disso, o

portador e os que estão em redor. Tente fingir BOM humor perto de uma

criança. De um cachorro. Faça aquelas caras, a voz postiçamente mansa. O

cachorro vem, fareja os

fluidos, sente o peso da aura

- uma barra - e vai saindo com o rabo entre as pernas. BOM humor é charme

e as pessoas querem ser

charmosas, os políticos em primeiro lugar, não é

19

com vinagre que se apanha mosca. Mas se esmerando embora na

representação, é difícil para o

fingidor sustentar por muito tempo a máscara do BOM humor, o mascarado se

cansa e acaba se

descobrindo.

Sense of humour. Mas o que vem a ser afinal esse senso de humor? Difícil

a definição. Mas sabese o

que ele não é: não é a graça irreverente das anedotas na boa tradição

lusitana ou carioca, o repertório

pornográfico do anedotário oral e escrito é delirante, incluídas as

histórias em quadrinhos. Mas não se

trata disso: nem piada obscena nem bem-comportada. O humor também não

reside no humor negro

do anedotário tragicômico. Não confundir ainda o senso de humor (que pode

ser adquirido e, nesse

caso, maior o mérito) com o humorismo profissional de teatro ou

televisão, o profissional ri e faz rir

por ofício. Longe do público, fecha seu repertório, está descansando. E

no descanso pode ser até um

malhumorado, um chato.

Em seu estado puro, o senso de humor não é negro nem vermelho nem azul

mas tem as sete cores do

arco-íris numa faixa só. Nem

erótico nem puritano, não tem implicações de ordem ética mas estética, o

bem-humorado é um esteta.

Uma filosofia de vida? Digamos, uma doce filosofia que nos permite

vislumbrar uma certa graça nas

coisas desengraçadas. Sem sarcasmo, que o sarcasmo é cruel. Sarcasmo é

veneno. E o senso de humor

é que nos impede de virarmos uma esponja de fel, a casa pegou fogo? O

louco bem-humorado dá uma

volta em tomo, tira o cigarro do bolso que não existe e acende o cachimbo

numa brasa do fogão.

20

Os visitantes

Quando acordei, vi um diabinho montado no meu peito e outro no teto,

dependurado no lustre.

Coçava o ouvido com o rabo. Olhei para um, olhei para outro e não senti

nem medo nem curiosidade,

não senti nada, absolutamente nada. Ausência de emoção de qualquer

espécie, o oco. Inerte, branca,

fiquei olhando e meu olhar era exaurido como um sol apagado, só memória

do outro sol mas sem

nostalgia. Sem sofrimento. O diabinho mais próximo viu minha indiferença

e ficou de pé no meu

peito, se desmanchando em caretas para me impressionar. Não me

impressionei: tinha chegado o fim

do amor e desse incêndio não restara pedra sobre pedra, osso sobre osso,

Roma de trás para diante

com letra por letra queimada e reduzida a carvão. Ora, que me importa, eu

disse. Vocês aí, que me

importa. Rolei a cabeça no travesseiro e minha cabeça era opaca sem o

gorro de pedras fulgurantes

que durou enquanto durou a aventura. Fiquei olhando a parede vazia, os

olhos também vazios.

Quando os abri de novo, os diabinhos já tinham ido embora, podia imaginá-

los murchos, de rabo

entre as pernas, saindo em fila do quarto. Perdi meus demónios, pensei.

Infernizada, eu poderia voltar

à luta, reagir na cólera e quem sabe então a esperança, ei! onde é que

vocês estão? chamei-os. Voltem,

pelo amor de Deus, não me abandonem, voltem! A janela se abriu e o vento

espalhou o punhado de

cinza fria que restara no meu peito. O cheiro de enxofre foi

desaparecendo.

21

A nave dos loucos

com muita ênfase um psiquiatra declarou que o número de loucos na nossa

cidade aumentou

assustadoramente. Grande novidade. Era como se estivesse nos informando

que o mel é doce.

Nem será preciso fazer pesquisas, acumular números, basta dar um giro

pelas ruas e já nos sentimos

passageiros da própria nave desatinada, solta no mar profundo.

Profundíssimo - ô meu Deusinho!

quem vai me trazer de volta ao porto?

Nos usos e costumes da Renascença estava incluído esse original sistema

de enfiar os loucos todos

dentro de um navio e lançá-los ao mar: um pouco de pão, de água (rações

que durariam três, quatro

dias) e eis a nave vogando em meio dos ventos, arrecifes, tempestades,

adeus! Adeus. Solução rápida

para o problema demorado: o mar é grande mas Deus ainda é maior. Quem

sabe então esse Deus se

ocuparia desses inocentes? Hem? E onde fica o grão do acaso? Do

imprevisto? Ao invés de dizer,

meu irmão está trancafiado numa cela,

tão mais poético dizer ele foi pró mar. Está no mar! Tanta água, tanta.

Nela também se lavavam as

mãos.

Neste nosso tempo as naves ficam em terra firme. Nada difícil o

passaporte para o embarque nos

asilos, sanatórios, clínicas de repouso, institutos dezenas de nomes,

rótulos que variam com a

condição económica do passageiro. Se é louco pobre, nada de cerimónia, é

hospício mesmo.

"O louco come merda", dizia a minha pajem. E eu ficava preocupada porque

levava a coisa ao pé da

letra. Só mais tarde entendi, ela queria se referir ao sofrimento, louco

sofre demais, principalmente

louco do Brasil. E lá fora?

P. E. tem um amigo psiquiatra, Jean Oury, diretor de uma clínica nos

arredores de Paris. Instalada

22

num antigo castelo em meio de um prado verdejante, com os enfermos soltos

por ali, confundidos

com os médicos, com os enfermeiros, me pareceu o próprio paraíso da

loucura. Se um dia

enlouquecer, posso vir pra cá? perguntei e Jean Oury teve aquele sorriso

lento mas com uma ligeira

ponta de preocupação: no dia anterior (soube depois) uma jovem

esquizofrênica tinha se afogado no

rio que passava pelo bosque, ela gostava de passear nesse bosque. Pensei

logo em Ofélia coroada de

florinhas, descalça, cantarolando até mergulhar na água, os longos

cabelos misturados às ervas

verdes, flutuando com os juncos ô literatura! Por

que as coisas nos parecem sempre belas quando protegidas pela distância?

O castelo com suas torres

brancas, com seus loucos passeando numa outra língua. . . Vista naquelas

lonjuras, até a sinistra

stultifera navis não chega a ter um certo encanto? A ambiguidade dos

prisioneiros acorrentados a um

barco completamente livre. No mar livre.

29 de janeiro

"O homem é tão necessariamente louco que não ser louco representaria uma

outra forma de loucura",

escreveu Pascal. Deve ter pensado nisso a psiquiatra Karen Horney quando

fez uma lista dos sintomas

básicos da neurose, uma lista enorme, dela quase ninguém escapa. A

loucura no cardápio. Basta ler e

apontar, esta é a minha. Selecionei as neuroses mais comuns e que podem

nos levar além da fronteira

convencionada: necessidade neurótica de agradar os outros. Necessidade

neurótica de poder.

Necessidade neurótica de explorar os outros. Necessidade neurótica de

realização pessoal.

Necessidade neurótica de despertar piedade. Necessidade neuró-

23

tica de perfeição e inatacabilidade. Necessidade neurótica de um parceiro

que se encarregue da sua

vida

- ô Deus! - mas desta última necessidade só escapam mesmo os santos. E

algumas feministas mais

radicais.

Tão difícil a vida e o seu ofício. E ninguém ao lado para receber a

totalidade (ou parte) do fardo. Os

analistas, caríssimos, t na maioria, um lixo: um lixo Freud considerava a

totalidade dos seres

humanos, isso nos últimos anos da sua vida sem muita ilusão. Ele não

conheceu seus discípulos. E por

acaso

é com o analista que se comenta a fita na saída do cinema? O livro. Õ

sabor do vinho, esse gosto meio

frisante, hem? E esta pele e esta língua. A minha tiazinha falava muito

na falta que lhe fazia esse

ombro amigo, apoio e diversão, envelheceu procurando um. Não achou nem o

ombro nem as outras

partes, o que a fez choramingar sentidamente na hora da morte, mas o que

você quer, queridinha?! a gente perguntava. Está com alguma dor? Não, não

era dor. Quer um padre? Não, não queria mais nenhum padre, chega de

padre. Antes do último sopro, apertou desesperadamente aprimeira mão ao

alcance: "É que estou morrendo e não me diverti nada!"

8 de fevereiro

Leio hoje no jornal que chegou da Europa um circo importantíssimo, com um

mágico estupendo. E o

nome do mágico estupendo é o mesmo do meu tio das mágicas caseiras,

aquele que estourou feito

uma romã madura, o vermelho encaroçado saindo pela fenda: "Quero que o

mundo saiba que a minha

morte é um protesto!" - ele gritou escancarando a janela para a rua e

apontando o cano do revólver

24

na cabeça. Lado esquerdo, era canhoto. Queria que o mundo soubesse do seu

protesto e nem sequer a rua soube, estava deserta naquele feriado. Na

versão familiar, era um homem equilibrado e bom, um

tanto tímido. com mania de mágicas, não me lembro das suas feições nem da

sua voz, me lembro das longas mãos silenciosas fazendo aparecer e

desaparecer cartas do baralho, lenços,

flores, usava um lenço branco com as quatro pontas aparecendo no bolsinho

do paletó. À noite,

acendia uma vela e projetava na parede a mímica das sombras, adivinha que

bicho é este! Vieram os

distúrbios emocionais agravados por problemas de alimentação, transporte,

dificuldades económicas, abuso de pílulas - teve todos os estímulos que

excitam o desenvolvimento dainsegurança. Do medo.

A cidade propícia à loucura. Mas não oferecendo jamais a mesma

propiciação quanto ao tratamento.

Médico caro. E raro. Os estabelecimentos psiquiátricos enfartados de

doentes. Nas clínicas

particulares, nem pensar porque além do doente teriam que deixar um saco

de ouro em pó. A solução que ele encontrou para não voltar a ser

internado foi se matar. Sob protesto.

Solução melhor é não enlouquecer mais do que já enlouquecemos, não tanto

por virtude, mas por

cálculo. Controlar essa loucura razoável: se formos razoavelmente loucos

não precisaremos desses sanatórios porque é sabido que os saudáveis não

entendem muito de loucura. Ò jeito então é se virar em casa mesmo, sem

testemunhas estranhas. E sem despesas.

25

15 de fevereiro

Aperto o botão e começa a sucessão das cenas das enchentes afogando

cidades, tragédia a cores é

mais demagógica do que em preto e branco: casas com água até o telhado,

os moradores amontoados

no telhado - um menino segurando um cachorro, uma galinha enrouquecida,

os pés amarrados, a

crista vertendo sangue. Barquinhos com seus barqueiros

inexperientes lutando contra a correnteza das águas lamacentas que

arrastam nos seus rodopios tufos de folhagem, destroços de móveis, pneus

desgarrados numa fúria incontrolável para chegar - chegar onde?

Choveu. Então os rios transbordaram (estão sempre transbordando) e devido

aos esgotos entupidos

(estão sempre entupidos) as águas subiram e buscaram tumultuadas seus

próprios caminhos que por

coincidência são os caminhos dos homens. Dezenas de afogados.

Desaparecidos. Desabrigados que

apontam vagamente para o lugar onde devia estar a casa, a mulher, o

cachorro. Os olhos secos de um

homem que aperta a boca sem dentes, de cantos caídos, o esgar é o da

máscara da tragédia, apenas

essa não é máscara de teatro mas a face viva da dor humana: ele podia

enlouquecer mas não

enlouquece, podia morrer mas não morre. Abre as grandes mãos sujas de

terra, balança o corpo

magro, batido pelo vento, fecha os punhos mas o cinegrafista já desviou a

máquina para a mulher

sentada numa lata. A repórter faz perguntas, quer saber o que a mulher

perdeu na enchente. A mulher

coça o braço, junta os pés descalços, encolhe os ombros: está

desinteressada, já viu antes essa gente,

não viu? E perguntando as mesmas coisas, já viu antes essa máquina,

talvez a mesma moça das

perguntas. Já faz tempo que isso se repete. Coça a perna, tira da saia um

fiapo r'e linha. Olha

26

em redor. A máquina (o cinegrafista é hábil) acompanha esse olhar que

percorre o cenário de desolação e morte. Os detalhes, há uma boneca sem

braços meio enterrada no capim mas a cara de celulóide está intacta. O

menino de barriga inchada e short começa a rir, envergonhado, se

escondendo da máquina. É preto e por isso os cacos de dentes parecem

excepcionalmente brancos. Quando tapa a boca e se agacha, a máquina o

abandona e se fixa na velha que enxuga os olhos na manga do casaco, ouve-

se a palavra epidemia e a repórter ressurge no primeiro plano para avisar

no seu tom enérgico que há perigo de epidemia porque as vacinasainda não.

16 de fevereiro

As dores agora são fisgadas mais violentas, entremeadas com raios

fulgurantes, minha cabeça fica

azul. Tomo outra dose dupla de Beserol e you me sentindo bucólica,

bovina. É a trégua. Fico

mastigando devagar um caramelo de leite no ritmo das vacas ruminando

ervas, a sonolência meio

torpe, me assusto, a baba verde, não! Peço a P. E. que telefone ao primo

R., quero saber que

providências tomar se a dor ficar insuportável, ele já teve que vir de

madrugada para me aplicar uma

injeção de morfina e hoje é sábado, dia em que os doentes pioram. Nos

sábados, domingos e feriados

(os médicos na praia) é que sobe a febre e o braço quebra e o apêndice.

Farmácias e caminhos

fechados.

Cabreiro - esse o nome de origem popular e rural. Eu teria roçado em

alguma folhagem por onde

passou alguma cobra ou me enxugado numa toalha por

onde ela teria deslizado - ô Deus - até quando essa serpente vai nos

perseguir?!

27

Fui ver no dicionário Aurélio a definição de herpes. Fixei-me no tópico

herpes-zoster, erupção de

vesículas, de um lado só do corpo, acompanhando o trajeto de um nervo.

Fiquei repetindo o nome (de

origem grega) que quer dizer réptil: herpes, herpes. Carregando no í a

sonoridade se aguça num silvo

rastejante, perigoso - mas por que na minha cabeça? Dos piores lugares,

precisamente na central

elétrica da dor, quando levantei o cabelo perto da nuca, lá estava no

couro cabeludo o longo vergão

rubro, cobrinha ardente. Latejante. A cura? Benzeduras, o malefício só se

corta com rezas, alecrim

queimado, fumo e teia de aranha de mistura com outras substâncias não

identificáveis que a feiticeira

da fazenda preparou no seu fogão de lenha. Porque a medicina é meio vaga

a respeito dessas mazelas

que devem fazer parte do rol das doenças tropicais, indevassáveis como a

hiléia amazônica: o vírus se

desenvolve, atinge seu esplendor (as dores mais fortes) e depois morre a

prazo fixo, dez dias?

Quinze? Perfeita a explicação científica mas me inclino para os mistérios

ofídicos.

17 de fevereiro

Entro no sol, atravesso seu coração vermelhocálido e acordo num campo de

ouro que pode ser

também um mar. Noite. A névoa foi então subindo do chão ou da água,

subindo rápida até meus

joelhos, subiu mais, atingiu meu peito e quando

chegou quase na altura do meu queixo, fui tomada de pânico, é a morte. É

a morte, pensei me

debatendo, tentando me livrar da névoa que já atingia a minha boca,

ultrapassou-a: então respirei

leve, transparente, mas era isso morrer? Abri os olhos para a manhã

28

que me varou com sua luz e eu era mais límpida do que a manhã. Fiquei

calma, uma doce vontade de

não ser quando me deitei de bruços no alto da montanha e fiquei vendo lá

embaixo os rios rolando.

Cruzavam-se e as águas ondulantes iam formando na base da montanha um aro

movediço:

inclinei-me para ver melhor, não, não eram rios de água mas rios de

gente, rios humanos - indo para

onde? Os mortos. São os mortos, pensei. Nesse instante, alguém destacou-

se de um daqueles rios e

veio subindo a montanha na direção onde eu me encontrava. Esperei. Na

metade do caminho vi que

era uma mulher. Os trajes eram de uma antiga dama egípcia, as mãos

cruzadas sobre o peito, os olhos

pintados de lápislazúli. Aproximou-se e a uns dez passos apenas de

distância, parou e ficou me

olhando. Havia em sua expressão qualquer coisa que me pareceu familiar, o

que era? Sorriu e de

repente me vi sorrindo no seu sorriso - o seu sorriso era meu e meu

aquele rosto que me encarava

como num espelho. Animei-me: eu fui você! gritei. Um dia, num outro

tempo, eu fui você! Ela moveu

afirmativamente a cabeça. Fiquei feliz com a descoberta, tudo não passava

de um transformar

contínuo, não era simples? E agora? lembrei-me de perguntar. O que you

ser agora? No fundo do seu

sorriso senti uma certa malícia que me fez sorrir

também. Você vai ver, respondeu sem palavras. Levantou a mão espalmada,

que eu esperasse: você

vai ver. No seu passo que mal tocava o chão, foi descendo a montanha, a

silhueta esguia e reta

seguindo a mesma trilha da subida. Mesmo sem distinguir-lhe as feições

pude adivinhar que estava

sorrindo quando me olhou pela última vez antes de se integrar ao rio,

você vai ver. Não me dirá nunca,

pensei mas isso não tinha mais importância, eu estava contente ali na

montanha de sol, mascando um

favo de mel, fechei os olhos. Dormi.

29

20 de fevereiro

Não posso ler nem escrever. Ligo a televisão. Plumas, pedrarias, dourados

- é o desfile do carnaval

milionário. Os holofotes estão tontos, tonto o cinegrafista porque os

apelos são excessivos, tudo é

importante, focalizar o passista é perder a mulata que já vem vindo no

auge, fantasia de estrela, hora e

vez da estrela no carro de glória mas cuidado! que os lamês e lantejoulas

não cubram os seios, o

ventre, o traseiro - câmera abre no traseiro rebolante. Corte para o

passista, um menino vestido de

príncipe que desaparece sob o leque de plumas vermelhas e ressurge logo

adiante, num salto que é um

voo corte para o público aplaudindo delirante. Câmera abre na rainha

rodopiando com seu estandarte,

a rainha avança e o enfoque vai para o ventre de uma sambista com o rubi

encravado no umbigo,

câmera lenta para o detalhe do umbigo no meneio desossado, os seios, a

boca que se abre e os

colares se abrindo no giro desvairado. Corte para o fiscal-feitor de

terno branco e palheta, não sabe do

olho da câmera e por isso não disfarça, está desesperado, o júri que

classifica, desclassifica, nega ou

dá a verba pode estar vendo a baiana que desmaiou de cansaço, vocês aí!

mais depressa, depressa! repete e corre até o passista, câmera abrindo no

passista que capricha vida? Morte? Corte para o júri, detalhe da mão

segurando o copo, enfoque maior para o polegar do César nopalanque, vida?

Corte. Câmera abre em Garrincha num trono dourado. O detalhe dos olhos

cheios de lágrimas, está perplexo como um boneco que não entende - herói

usado e desusado, símbolo dos deuses caídos, já rendeu? É um enfeite para

emocionar o público que aplaude, grita. Corte para um negro da

arquibancada, o negro chora, levanta os braços, Câmera lenta acompanhando

a boca desden-

30

tada que diz Gar-rin-chaaaa, Gar-rin-chaaaa. . . Corte rápido para a

cantora que dá uma entrevista,

está suada, rouca, diz que adora o carnaval e que vai ganhar quem merece,

quer falar mais e o coro vai

cobrindo a voz como uma vaga espume j ando na avenida, as águas vão

rolar! / garrafa cheia eu não

quero ver sobrar! Câmera abrindo no carro alegórico com um Pierrô de

cetim branco, o bandolim de

lantejoulas, ele ri e faz gestos largos de quem toca

o bandolim. Atira beijos. Corte para a ambulância, a luz vermelha

acendendo e apagando, a sereia, o

aglomerado na calçada, corte para uma mulher chorando e gritando. Corte

para o público da

arquibancada, detalhe da criança fantasiada de bailarina, dormindo no

colo da mãe. Câmera abrindo

na cara da mulher que ri e grita, já ganhou!

Aperto o botão e a tela vai se fechando. A pálpebra. A penumbra. Os

últimos sons demoram um

pouco no ar ainda tumultuado. As ondas vão submergindo.

2J de fevereiro

Por que não lhe disse antes? Apertá-lo demoradamente contra o meu peito e

dizer. Não disse porque

pensava que tinha pela frente a eternidade. Só me resta agora esperar que

aconteça outra vez,

vislumbro esse encontro - mas you reconhecê-lo? E you me reconhecer nos

farrapos da memória do

meu eu? Peço que me faça um sinal e responderei ao código secreto na

noite e no silêncio dos navios

que se comunicam quando se cruzam no mar.

31

O sonho

Nasci junto com o dia. Então me lembrei que já tinha nascido na véspera e

vi que não ia nascer mas

ressuscitar. Duas mãos se colocaram firmemente nas minhas costas e me

empurraram para fora da

cama, vai! A estrada comprida. Opaca. A ventania levantou meu cabelo e

disse dentro do meu ouvido

que era preciso calçar sapatos de ferro. Olhei para os meus pés

descalços. Então ela me levantou em

seus braços - a ventania tem

braços - e me depositou no fundo. A água transparente. Morna. Quis subir

mas pesava meu coração de

ferro inoxidável, tem um tesouro dentro? perguntei quando os peixes

menores começaram a nadar em

círculos em minha volta e depois se afastaram sem olhar para trás. Agora

estou só na estrada e é noite.

No céu, as estrelas seguem em cardumes cintilantes, como os peixes. O

silêncio. E a floresta escura

me esperando lá no fim. Sei que não posso voltar e a floresta ficando

mais perto, o medo, quero

assobiar como aprendi nas histórias, tinha sempre um viajante que

assobiava para espantar o medo

mas o sopro que sai da minha boca

- fogo e gelo - não tem nenhum som. Vejo então um homem de sobretudo

preto e chapéu desabado

caminhando firrne na minha frente. Tem as mãos metidas nos bolsos e anda

com segurança, sem

olhar para os lados na sua marcha decidida em direção à floresta. Me

animo, tenho companhia, you

com ele! resolvi e eis que um homem semelhante apareceu com seu sobretudo

e chapéu, andando

alguns passos atrás do primeiro. Um é o Bem e o outro é o Mal

- alguém me avisou ou descobri de repente. Parei sem saber qual escolher,

nenhuma diferença, tão

iguais! E a floresta mais próxima, a opção rápida, aquele? Os dois

prosseguindo implacáveis, qual era

o Bem? O outro? Quis rezar a reza da infância mas

32

e as palavras? Não enxergava as palavras e a estrada se acelerando,

virou uma escada rolante, me equilibrei no último degrau, depressa!

resolvi correndo até o homem

que ia na frente. Entramos na floresta.

Domingo

Chove mas não tem importância porque a chuva não perturba o espetaculoso

concurso do baile de

fantasias. E agora a atmosfera é de solenidade, as fantasias são solenes:

reis, rainhas, imperadores e

deusas desfilam gravemente porque sustentam nas frágeis cabeças coroas

pesadíssimas, pirâmides,

gôndolas, jardins suspensos da Babilónia, isso sem falar no peso que

carregam nos ombros onde se

equilibram asas, conchas, polvos, raios - quilos de pedrarias e cetins e

acrílicos. Brava gente que

disfarça o calor, o cansaço e a ansiedade com gestos melífluos. Sorrisos.

Mesuras. O detalhe do suor

escorrendo sob as perucas e turbantes, formigando o braço que equilibra o

sarcófago em miniatura de

Tutancâmon - mas e a fibra? Fibra de Atlas na postura perfeita,

sustentando o mundo.

Me lembrei que um executivo de carnaval é dono de um banco de sangue e a

denúncia feita é que ele

estaria comprando o sangue dos foliões a baixo preço, vampirizando os que

estão dispostos a vender

até a alma, tivesse a alma alguma cotação no mercado: meu sangue por uma

peruca! E as

multinacionais no meio. O Atlas dessangrado levanta num último esforço o

seu mundo na forma de

um estandarte.

Oh tempos! Oh costumes! Em latim a exclamação ficaria melhor mas o latim

foi afastado das escolas.

Das igrejas. Me pergunto se terá algum re-

33

sultado acordar a consciência dos exploradores (e deformadores) dessa

festa que está nas nossas mais

fundas raízes. A indústria do carnaval, do futebol, das enchentes. Etc.

Me pergunto se será justo

acordar qualquer consciência. "Não me despertes se sonho!" - pediu dom

Quixote. A diferença é que

o sonho quixotesco era só desejo de amor.

Testemunhar o seu tempo - respondi a um jovem que me perguntou qual é a

função do escritor. Volto

para a minha máquina de escrever e peço a Deus que me ajude.

Geléia de maçã

Quando subi no noturno, o chefe veio me avisar que minha companheira de

cabine, uma senhora

muito distinta, ficaria com o leito inferior, isso se eu não fizesse

questão. Não fiz questão. Quando

voltei do carro-restaurante, a velha senhora já estava recostada nos

travesseiros, comendo biscoito

com geléia. Usava uma camisola de flanela com florinhas azuis, os olhos

também azuis - só faltava a

touca de rendinhas para compor a gravura antiquada da velha dama

insistindo para que eu aceitasse

um biscoito com geléia de maçãs colhidas no seu próprio quintal, foi a

nora que lhe mandou a receita,

eu não gostava de geléia? Sentei-me na beirada da cama e na semi-

obscuridade da cabine (acesa

apenas a luz embutida na cabeceira) pude ver que sob o branco esfarinhado

da velhice ainda lhe

restara alguma beleza, por

acaso era alemã? Não, nenhuma ascendência estrangeira, o filho único é

que se casara com uma

austríaca, era médico. Formou-se, ganhou uma bolsa de estudos na Alemanha

e hoje era um

psiquiatra importantíssimo, diretor de uma clínica em

34

Viena. Tão feliz com a mulher, os cinco filhos e os netos, dois

alemãezinhos lindos que não sabiam

uma palavra sequer de português e era preciso? Limpou os cantos da boca

com um lenço de papel que

tirou da sacola e falou com brandura enquanto tapava o vidro de geléia:

saudades? Ah, sim, no início

a saudade era quase insuportável mas ela e o marido acabaram se

acostumando, a gente se acostuma

com tudo, não é verdade? A gente só não se acostuma com a morte, ela

disse e a sombra de uma

sombra passou rápida pelos seus olhos transparentes. E pensar que ele

estivera à beira do suicídio!

sim, esse filho tão bonito, tão brilhante, as melhores notas da turma.

Mas sob aquela aparência tão

disciplinada, tão saudável se escondia um segredo terrível, soube naquela

noite mesmo, quando ele

chegou e se trancou no quarto e ela desconfiou, abra, filho! pediu

batendo com os punhos na porta, o

marido viajando, a empregada fora, abra esta porta! suplicou porque via

como se a porta fosse de

vidro o desespero dele, em prantos, escondendo o revólver debaixo do

travesseiro, abra esta porta,

filho! Quando se deitaram é que sentiu aquela coisa dura sob o

travesseiro de penas, levou-o depois

no bolso do roupão e

ele...

No solavanco mais forte do trem apagou-se a luz da cabine, só ficou a voz

subitamente rejuvenescida

no estilo seco, galopante. O jovem era um edipiano feroz que muito cedo

descobriu que a impotência

sexual vinha desse complexo, ódio pelo pai, paixão pela mãe, aquela

embrulhada que

desesperadamente tentou desembrulhar com amores devassos, amores castos,

tentativas com

donzelas, prostitutas, negras e arianas, lésbicas e homossexuais, quem

sabe era um homossexual

enrustido? Antes fosse e o drama seria solucionado, mas tudo em vão,

continuava a ansiedade, o

sofrimento: tentou análises, terapia individual e de grupo, choques,

chegou a recorrer a

35

um padre muito bonzinho que fizera sua primeira comunhão, ficaram amigos,

pensou mesmo em

entrar para um convento mas desistiu, outra fuga? Voltou à vida dupla

porque teve que se dividir em

dois, o moço estudioso, tranquilo e o outro - o delirante na busca que

não lhe dava trégua, mais outra

tentativa, outra ainda e nada, NADA. O gozo só vinha mesmo na

masturbação, quando se fazia

menino, um nené pedindo o peito, a ejaculação doloridíssima suavizada

pela lembrança do leite

morno na boca. Mas por que não me contou, filho?! perguntou também

desfeita em lágrimas, a mãe

sempre a última a saber, tão contentinha andava com o sucesso do filho. E

ele se castigando na luta

pelas melhores notas, pelas medalhas de ouro nas corridas de resistência

ou atirando dardo,

peso, disco - ah! se pudesse se flagelar com um chicote! Então se

deitaram chorando e se consolando,

tamanha a solidariedade e a compreensão que foi com naturalidade que da

compreensão passaram

para a ação num amor que durou essa noite (quando ela achou o revólver) e

se estendeu por toda a

semana que antecedeu a viagem, quando se buscavam e se encontravam no

desejo nítido, sem

tibiezas. Abrasador. Difícil explicar o inexplicável mas no silêncio e no

escuro do casarão foi se

fazendo ordem lá dentro dele, as coisas desajustadas se ajustando nos

lugares: rompeu-se o cordão

umbilical e dessa vez para sempre. Ele pôde renascer inteiro. E assim

continuava lá na bela Viena,

realizado, felicíssimo. E não é que em seguida as relações dela com o

marido (que Deus o tenha!)

também se fizeram mais profundas? Mais plenas?

A luz voltou na cabine, azul e tão pálida que ela mal pôde ver as horas

no reloginho de pulso, ih!, que

tarde, queixou-se e a voz voltou tão esmaecida como a luz, era uma velha

novamente. Gostava muito

desse reloginho, presente dos netos, pena é que os

36

números eram complicados, difícil de entender esses números modernos,

preferia aqueles

tradicionais, graúdos. Se dormia bem em trem? Como uma criancinha, ah,

adorava esse balanço, não

parecia um berço?

Subi para o leito superior. Quando acordei de manhãzinha, ela já tinha

desembarcado. Na cabine, um

perfume adocicado de maçãs.

Às vezes Ira

Na Pérsia, todos os gatos são persas, os gatos e os tapetes. Eu pisava

nos grandes tapetes do grande

hotel, bebia o vinho dourado e ficava olhando a miniatura tão rica em

minúcias do rótulo

vermelhoouro da garrafa, queria uma lupa para ver melhor o príncipe de

turbante, tocando um

bandolim - era um príncipe ou o poeta Ornar Khayyam, bebendo e sonhando

no seu jardim? O persa

hedonista que fez vibrar minha juventude puritana quando ensinava que é

preciso beber e não pensar,

beber e esquecer porque amanhã a lua talvez venha nos procurar em vão.

Não procurou em vão, na noite seguinte eu ainda estava viva para o

coquetel de abertura do festival

internacional de cinema, não éramos amigos mas convidados do rei - o que

é diferente, hem, Manuel

Bandeira? Como pensei no nosso poeta nessa Pérsia que às vezes ficava

Ira. Mas espera, agora é a

Pérsia dos dosséis bordados de ouro, das abóbadas azuis ornadas de

estrelas, dos reis e leões alados,

perfis de pedra no relevo das escadarias. Pérsia de Isfahan e Pasárgada -

mas então existia mesmo essa

Pasárgada que Bandeira escolheu como refúgio

37

sonhado? O poema dos meus verdes anos nas horas de evasão. "Vou-me embora

pra Pasárgada / Lá

sou amigo do rei". . .

Não amigos mas convidados. A emoção quando vi a pedra carcomida da tumba

do rei Ciro, fundador

dessa Pasárgada, mas não pensava em Ciro, o Grande,

pensava em Bandeira, o Poeta. Repeti baixinho seus versos e algumas

pessoas em redor estranharam,

que idioma era esse? E que gente? Espera, ainda estamos no coquetel do

palácio com Farah Diba que

é persa na sua beleza e na sua finura, o Ira do petróleo e das rebeliões,

esse ficou lá fora. Um Ira que

víamos pouco porque nossas guias tão gentis tinham por missão mostrar aos

convidados só o lado

amável do império. Nas raras ocasiões em que tentamos a fuga, logo

apareceu a jovem com seu

tailleur azul-claro e francês corretíssimo, ficávamos espantados, mas ela

brotou da terra? Pois se não

estava aqui. . . Estava, sim, presença infatigável que esclarecia,

orientava enquanto quase

insensivelmente ia nos reconduzindo aos caminhos programados, tínhamos um

programa.

Programa cumprido com certa resistência, éramos indóceis, gostávamos de

escapulir das festas

oficiais, todas muito sedutoras com seus vinhos e seu caviar do mar

Cáspio, o melhor caviar do

mundo, úmido e denso, de cor cinza-chumbo - sedução das seduções. Mas

agora queríamos Teerã

com a realidade das suas praças, seus mercados. Seu povo. Podíamos

transgredir sem remorso, eu

prometera enviar de Paris à nossa anfitriã imperial (o longo de musseline

verde-água, a discreta coroa

de esmeraldas e o discretíssimo broche, tão leves as pedras que nem

fizeram pender com seu peso o

diáfano tecido do vestido) a antologia com o poema do nosso poeta em

tradução francesa, "Quando

de noite me der / Vontade de me matar / Lá sou amigo do rei" - e então?

Não era esse um verdadeiro presente real?

38

A lua nascendo vermelho, em carne viva, que lua! eu disse e entramos na

cidade sem festa, não

tínhamos nenhum plano mas por instinto fomos nos aproximando do centro,

lá onde devia pulsar o

colérico-manso coração iraniano. Nos perdemos e nesse andar de perdição,

fomos desembocar na

praça fervilhante de gente, não era estranho? Embora as pessoas se

cruzassem e se comunicassem

ativamente, ouvíamos apenas murmurejes, vozes miúdas, reprimidas como nas

rezas. Mas não

estavam rezando, estavam conspirando que esse era o tom da conspiração -

o que tramavam sob o luar

que agora estava lívido? A linguagem impossível, as caras impossíveis das

mulheres veladas. Dos

homens com panos rudemente enrolados na cabeça, no feitio de turbante.

Andavam de um lado para

outro, inquietos mas contidos, um jeito furtivo de sombras se entendendo

mais no silêncio do que na

fala, olhos baixos, ombros curvos, prontos para - para o quê? Fomos nos

adiantando e eles foram

abrindo passagem para os dois estrangeiros. Desconfiavam, sentimos o

cheiro dessa desconfiança

quase tão forte quanto o cheiro do medo, P. E. me puxou pelo braço, vamos

voltar? Mas o caminho

(passagem no mar Vermelho) já tinha se fechado atrás de nós. Um velho

barbudo, de panos e bata

preta me entregou um panfleto e desapareceu em seguida, olhei os densos

caracteres da subversão e já

ia guardar o panfleto quando alguém, inesperadamente, o arrancou da minha

mão, aquilo não era para

nós, mas o que queríamos afinal? Podem sair daqui! ordenou com o olhar o

homem alto e agressivo

que se pôs na nossa frente. Sim, queríamos sair mas a praça era

enorme, que direção tomar? O homem nos examinou com seu olhar severo e

fez um pequeno gesto,

que o acompanhássemos. Obedecemos. E paramos estarrecidos: diante de nós,

num claro aberto em

meio do povo, quatro forcas com os

39

corpos dos quatro enforcados pendendo das cordas, parados no ar, as

cabeças entortadas - baixei

depressa a minha, meu Deus. Meu Deus, fiquei repetindo. Meu olhar fora

breve e ainda assim,

guardara tanto: as forcas toscas com os corpos metidos em camisolões, os

pés descalços, encardidos.

Um dos enforcados tinha a cabeleira negra fechada como um capacete, era

jovem. Eram jovens? O

homem que nos conduzia esperava calmamente, ele queria que víssemos,

tínhamos subido (ou

descido?) a escadaria e agora ele queria que guardássemos bem aquela

imagem. A flâmula presa ao

tronco de uma árvore devia denunciar o crime dos enforcados, mas era

preciso? Traduzir esses

dizeres? Prosseguimos andando atrás do homem. Eu tremia, a cabeça ardendo

e aquele frio repentino.

Eram jovens, sim, os quatro rebeldes. Não queria lembrar e lembrava com

nitidez atroz dos pés

daquele primeiro e da língua. O homem parou. com gesto firme, indicou a

rua que devíamos seguir e

sua fisionomia não era mais agressiva, ao contrário, havia nela apenas

uma polida tristeza. Ousei

ainda um olhar, agora que já estávamos na fronteira da praça: os perfis

negros das forcas com os

corpos pareciam pairar sobre a massa murmurejante. Voltou o detalhe: a

luz da lua na língua da

mesma cor cinzachumbo do caviar.

18 de março

Ele estava com um livro na mão mas não lia, olhava em frente, quieto.

Perguntei o que ele estava

olhando. "Estou olhando aqui dentro de mim mesmo" - ele respondeu. E o

que você está vendo é

bonito? - eu quis saber e seus grandes olhos esverdeados estavam úmidos e

neles, como num espelho,

40

vi refletido o seu interior. Fui saindo na ponta dos pés.

Da delicadeza

Os delicados preferem morrer - escreveu C. D. A. Mas os delicados aos

quais se refere o poeta não são

aqueles que apanham a luva que caiu, no tempo ern que se usava luva. Ou

que cedem a poltrona na

sala repleta ou que seguram a porta do elevador enquanto as senhoras

estão saindo, não se trata dos

delicados dos manuais de boas maneiras mas de um tipo de delicadeza que

revela a falta de vocação

para a vida.

Os delicados podem ter vocação para o piano. Para o teatro. Para a

poesia. Para o magistério. Vocação

para a máquina, H. O. era um excelente relojoeiro. S. V. era outro

delicado, um físico raro que

estudava a estrutura da bolha de sabão. Mas nenhum deles com vocação para

viver. com toda sua

vitalidade, o moço do trapézio voador que só voava sem rede também era um

delicado, minha mãe

tapou meus olhos mas pela fresta negra dos dedos - ela usava luva - vi o

corpo de giz branco ir se

fazendo vermelho na lona do picadeiro, ele queria isso, disse o gerente

do

circo. Ele esperava por isso. Minha colega de Academia não contava as

pílulas dos tubos que ia

engolindo, um primo míope tirava os óculos para não ver o sangue enquanto

ia cortando os pulsos

com gilete azul - todos os delicadíssimos saindo sem ruído pela porta da

morte que é a mais fácil. Sem

olhar para trás.

E os fortes? Na classificação sumária, acho que somos os fortes

simplesmente porque estamos vivos.

E fazendo tudo para seguir nesse estado, mais do

41

que isso! lutando por essa vida e com que obstinação. Provas?

Atravessamos a rua feito um raio para

não sermos atropelados, desviamos depressa a cara quando nela o ônibus

sopra aquela fumaça de

enegrecer pulmão de anjo. Bebemos água filtrada, passamos álcool no

dedinho inflamado,

gargarejamos com sal e limão quando a garganta rateia, corremos à

farmácia quando desembarca no

aeroporto um novo vírus de gripe, todo ano chega um de impermeável e

chapéu-Gelot, ô meu Pai! o

que de ingente esforço e despesa. A massa de tempo que se canaliza na

luta para manter o coração e

acessórios em boa forma. Em boa postura porque senão a coluna,

compreende? Massagem. Ginástica.

As novidades rejuvenescedoras, tempo de correr. Tempo de sentar. Quilos

de vitaminas. Litros de

poções, mesmo os que parecem distraídos estão atentos, fingem uma

displicência de superfície

porque no particular, e essa dorzinha no

ombro, hem? Pomadinhas. Lenimentos, cresci ouvindo minha mãe falar no

lenimento do dr. Sloan,

como guardei esse cheiro! Tantas bulas, tantos doutores, tantas barbas:

Magnésia Fluida do Dr.

Murray, uma colher de chá para as damas de estômago delicado, as damas

eram delicadíssimas. Talco

do Dr. Ross para odores, frieiras. E a Maravilha Curativa do Dr.

Humphreys? Um imenso leque de

indicações, desatei a falar tanto nele que meu filho cresceu ouvindo esse

nome, era menininho ainda e

veio me dizer quando perguntei quem tinha tocado a campainha, "é o dr.

Humphreys que quer falar

com

você

4t

Da vocação

Na vocação para a vida está incluído o amor, inútil disfarçar, amamos a

vida. E lutamos por ela dentro

e fora de nós mesmos. Principalmente fora, que é preciso um peito de

ferro para enfrentar essa luta na

qual entra não só o fervor mas uma certa dose de cólera, fervor e cólera.

Não cortaremos os pulsos, ao

contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas. E tem

muita ferida porque as

pessoas estão bravas demais, até as mulheres, umas santas, lembra?

Costurar as feridas e amar os inimigos que odiar faz mal ao fígado, isso

sem falar no perigo da úlcera,

lumbago, pé frio. Amar no geral e no particular e quem sabe nos lances

desse xadrez-chinês

imprevisível. Ousar o risco. Sem chorar, aprendi bem cedo os versos

exemplares, não chores que a

vida / é luta renhida. Lutar com aquela expressão de criança que vai

caçar borboleta, ah, como

brilham

os olhos de curiosidade. Sei que as borboletas andam raras mas se sairmos

de casa certos de que

vamos encontrar alguma... O importante é a intensidade do empenho nessa

busca e em outras.

Falhando, não culpar Deus, oh! por que Ele me abandonou? Nós é que O

abandonamos quando

ficamos mornos. Quando a vocação para a vida começa a empalidecer e

também nós, os delicados, os

esvaídos. Aceitar o desafio da arte. Da loucura. Romper com a falsa

harmonia, com o falso equilíbrio

e assim, depois da morte - ainda intensos - seremos um fantasminha claro

de amor.

43

19 de abril

"Você está sempre indo de um lado para outro, você não pára, mas afinal,

do que você está fugindo?

- perguntou H. H. Riu. - Seja o que for essa coisa da qual você está

fugindo, acho que ela não vai te

alcançar nunca."

A moda do Diabo

com D maiúsculo, jamais fazer o jogo dele que é o de negá-lo neste Tempo

da Provação, o nosso

tempo. Apareceu pela primeira vez sob a forma humana no século VI e é dom

Cabrol (nome meio

suspeito) quem o descreve em seu dicionário como sendo um homem alto e

corpulento, de traços

simples, um tanto rudes. A boca carnuda e o nariz forte fazem pensar num

camponês de caráter

voluntarioso embora não pareça animado de qualquer má intenção. O sorriso

irónico - ele é sorridente

- seria seu único toque de malícia.

Na

descrição do padre Simenon ele é uma bela e opulenta mulher de boca

vermelha como um talho. E

olhar enevoado, aquela névoa de fundo de abismo que vem subindo e

nivelando de tal modo o chão

que cavalo e cavaleiro, no trote da inocência, se despencam na boca sem

socorro, ai! malvada. Já em

outras ocasiões ele prefere aparecer sob a forma de uma criança negra,

evidente o duplo preconceito

do padre: sexo e raça. Satã pode ser um negro. Ou uma mulher, a própria

porta do Diabo, na definição

do polemista Tertuliano. Em algumas ocasiões ele tomaria ainda a forma de

um belo mancebo de

cabelos louros e olhar demorado: o Anjo Sedutor. Na hora em que as

mulheres castas se deitam (as

perdi-

44

das já estão perdidas) ele canta brandamente ao som de um bandolim, a

música é necessária. Descerra

em seguida o reposteiro (século XVIII) e com seus dedos polpudos, num

gesto irreal de tão suave,

começa a carícia na face, resvala a carícia para o pescoço, para o lóbulo

da orelha esquerda e em voo

certeiro, para o seio que se contrai sob a cambraia da camisola fechada,

tantos botões! Mas ele prefere

botões ao zíper inventado bem mais tarde, botão é mais sensual porque

mais difícil, uns botõezinhos

severos que ele contoma, alisa antes de arrancá-los bruscamente das

casas, rua! Ela reage, mas o que

é isso?! e ofegante, querendo dificultar, acaba por ajudá-lo, mas que

dedos são esses que

agora avançam livres no despenhadeiro, you gritar, desmaiar, acenda a

vela! quer ordenar e apenas

suspira porque os dedos já chegaram à meia-lua do ventre na carícia

circular que vai se espiralando, o

hálito escuro num sopro de fornalha sob o linho dos lençóis.

Esse Anjo Sedutor seria a mesma Mulher-Diaba que com seus fartos peitos e

cabelos desatados, toda

untada de óleo de rosas, ia atazanar os velhos monges de olhos revirados

no esforço agudo da

resistência, as rezas se engrolando nas bocas murchas, miserere nobis!

eles repetem enquanto os

corpos encarquilhados vão se umedecendo nos perfumes, mas como uma só

mulher pode cheirar

tanto? Cheira. E destila mel a ponta da língua rosada que sobe e desce

infatigável, tarefa árdua da

Mulher-Diaba pesquisar as quase extintas zonas erógenas dos ascetas de

pele de jacaré. Chegam a se

iludir, daqui a pouco ela se cansa e desaparece assim como apareceu mas

no coração eles sabem que a

Serpente tem pela frente a eternidade, ai! me ajuda, minha mãe, meu pai,

meus primos! gemem os

velhos insones, a tentação se enleando na memória do que foram. E do que

poderiam ter sido.

45

O mais sábio, o mais belo dos anjos. Mas atenção, muita atenção para os

pés dos moços pois só esses

pés caprinos (ou de sapo) podem indicar as obscuras origens. Variedade de

formas. De nomes: Satã,

Demónio, Diabo, Adversário, Príncipe do Império do Ar, Maligno, Belzebu,

Serpente, Príncipe das

Trevas,

Mefistófeles, Lúcifer - ah! impossível contá-los. No Evangelho de São

Marcos, ao ordenar que o

espírito maligno saísse de um homem endemoninhado, Jesus perguntou-lhe

pelo nome. "Legião é o

meu nome porque somos muitos", ele respondeu. Meu nome é legião.

Jean Wier, um demonologista inconformado com essa resposta, resolveu

pesquisar e o resultado foi

alarmante: há sessenta e dois príncipes trevosos e sete milhões e

quatrocentos e cinquenta mil

assessores diretos, os diabinhos ou capetinhas, executores de tarefas

menores.

As estatísticas. Que o abade Sereno rejeita porque jamais chegarão elas a

um número sequer

aproximado da multidão de maus espíritos que transitam livremente entre

este planeta enfermo e o

céu. Tantos são eles, mas tantos e tão atuantes que chega a ser da maior

conveniência que

permaneçam mesmo invisíveis. com o que concorda Platão, um cético na

contagem dos daimones

aéreos e subterrâneos - volantes em disponibilidade e tão numerosos

quanto os residentes fixos,

instalados em nós.

Encerrados no inferno? Que esperança! Sabese que antigamente a morada

dessa corte era o deserto,

tinham eles verdadeira paixão pelas areias escaldantes. Mas já faz tanto

tempo que se transferiram

para as cidades, satanizando os frágeis filhos de Deus por demais

desgastados, tanta gripe. Tanta

chateação. Areia é quente mas o corpo humano é mais macio do que areia.

com a vantagem de ser

mais divertido.

46

Satanificação

A Ira, a Soberba, a Inveja, a Luxúria, a

Avareza, a Gula e, finalmente, a Preguiça, o sonolento Demónio do Meio-

Dia - esses os sete pecados

capitais que já podem ser identificados na satanificação, isso de acordo

com local e hora. Os

diabinhos da Ira estão no trânsito, olhos injetados de fumaça e ódio j a

boca espumejando no ranger de

dentes e freios: seis horas da tarde, Hora da Ave-Maria, lembra? Tinha um

quadro que vi em várias

salas de visita da minha infância: no doce colorido do crepúsculo, um

grupo de camponeses

bem-vestidos e rosados, as mulheres de longos aventais e touca, os homens

de sapatões rudes mais

sólidos, as mãos limpas, os olhos baixos no fervor da prece por entre os

montes de feno dourado,

Ave-Maria - acho que era esse o nome do quadro. Lembro que tinha um

bebezinho louro num cesto

ou berço de madeira, queria eu ser aquele bebezinho, pensei na tarde em

que vi um tipo descer do

carro (ao lado do meu) e verde e aumentado em cólera apontar o revólver

para um velho que teria

propositadamente amassado o seu pára-lama. Hora de vítimas de desastres e

da fuzilaria, as armas

esperando no porta-luvas, que luvas? Hora de vítimas dos assaltos, quando

o carro pára no sinal

vermelho e um outro vermelho se acende no peito. Na nuca. Tinha um antigo

programa no rádio nessa

hora crepuscular, as músicas tão espirituais, minha mãe chamava a gente

para rezar junto, só

pensamentos elevados enquanto o chefe de família - mas que família? Que

chefe?

Os possessos da Soberba evitam as aglomerações, as

misturas. Portas fechadas, o horror da invasão. Dos nivelamentos. Gostam

das reuniões sociais seletas

mas espaçosas, onde os peitos estufados, cobertos de medalhas, iniciam a

lenta dança dos pavões

47

- poder político, poder económico e outros poderes, varetas dos leques

que se cruzam mas não se

olham, o que digo? se olham para admirar a própria imagem refletida no

olho do outro. Já os

possessos da Inveja têm especial predileção pelos palácios burocráticos e

centros de artistas do baile

das quatro artes, ô Deus! como sofrem os invejosos na luta competitiva à

qual são condenados, os

olhos cozidos como os olhos das lagostas em água fervente, sou Caim

matando meu irmão? Sou

Judas traindo o meu Mestre? O invejoso só tem trégua com a infelicidade

do próximo mas por que no

lugar desse próximo aniquilado nascem dez, vinte vencedores?! Um

sofrimento. De todos os

pecadores, talvez o invejoso seja o que mais sofre embora os possessos da

Luxúria também rodopiem

sem descanso, as injúrias (era assim que minha pajem chamava às partes

baixas) açuladas e

trespassadas pelos garfos dos diabinhos luxuriosos, a voz pesada, o olhar

pesado - tantas ruas do

prazer e o desprazer da insatisfação. Os estímulos da indústria do sexo

no auge do aperfeiçoamento

para o desempenho à altura e ainda a ansiedade, o desassossego na busca

que é só obsessão, sou

caçador? Ou caça? Mas essa gente não pensa noutra coisa? - perguntaria

tia Pombinha diante de uma banca de revistas e jornais. Pensa, sim. Pensa

muito em guardar e agora

as caras e casas tomam um ar respeitável, estamos entrando na rua dos

bancos e dos negócios: eis a

Avareza com seus demoninhos de olho vivo, umedecendo a ponta do dedo

entortado de tanto contar

dinheiro, medo de dar, medo de dividir. O medo dos medos: medo de perder,

ih! como acumular tudo

numa vida assim provisória? "Mas por que o desperdício dessa vela acesa?"

- reclamou o avarento

que preferiu morrer no escuro. Quanto aos possessos da Gula e da

Preguiça, esses se espalharam tão

intensamente: os da Gula nos bairros

48

ricos de preferência, não por virtude dos pobres mas por simples

insuficiência económica. Se a beleza

(que os luxuriosos amam) virou artigo de luxo, a comida só pode ser um

belo vício nos bairros de

classe A. É por acaso que falo nos dois pecados assim juntos porque o

preguiçoso nunca é um guloso.

A gula exige empenho, imaginação do apetite. Mastigar cansa e esse

dispêndio de energia o

preguiçoso evita, prefere papinhas, líquidos. Quando o guloso chega à

saciedade e não está saciado

(nunca está) mete o dedo na garganta, quer recomeçar tudo. Mas eis uma

violência que o preguiçoso

detesta: o ato de vomitar. Ou antes, que não aprecia porque ele não odeia

nem ama, a paixão é

laboriosa, exige fervor e o preguiçoso nunca esquenta. Não se define

nem define: contoma. Na imobilidade se defende dos prazeres da cama e da

mesa. No alheamento que

chama de privacidade, se guarda. Música suave, que não seja solicitante.

Pessoas que não façam

perguntas, ele que nem sequer termina as frases, os gestos. A graça das

coisas incompletas no ar. . .

Vem a mosca obumbrada, pousa na sua face e ele afasta a mosca com um

movimento brando mas

quando ela volta uma segunda vez ele deixa ficar.

2J> de abril

Abro uma antiga mala de velharias e lá encontro minha máscara de esgrima.

Emocionante o momento

em que púnhamos a máscara - tela tão fina

- e nos enfrentávamos mascarados, sem feições. A túnica branca com o

coração em relevo no lado

esquerdo do peito, "olha esse alvo sem defesa, menina, defenda esse

alvo!" -- advertia o professor e

eu me

49

confundia e o florete do adversário tocava reto no meu coração exposto.

26 de abril

Releio alguns trechos Do amor, do padre António Vieira, e you me

enrolando nos panejamentos

barrocos, fico esférica, subo em espiral. Anoto: "O amor deixará de

variar se for firme, mas não

deixará de tresvariar se é amor".

Fragmento da carta à mãe em prantos

Me lembro que era quase uma menina impregnada de um certo halo de

fragilidade e amor. Saía de

uma aula da faculdade, o suéter e os dedos sujos de tinta, "minha caneta

estourou", disse. "Estava aqui no bolso e de repente fez puff! não é

estranho?" E mostrou a nódoa azul

no peito do suéter vermelho. Aconselhei-a, não usasse mais a caneta

naquele bolso bem na altura do

coração, o calor ali era excessivo, capaz de fundir acrílicos, metais

todas as canetas acabariam

explodindo.

Ela riu com a alegria meio irónica de uma criança amadurecida. O vento

despenteava seus cabelos

luminosos (havia sol) mas seu olhar secreto tinha o tom verde-lilás de

violetas e folhagem - essa a

lembrança que me veio da sua filha quando soube que tinha morrido num

acidente. Resisti à ideia da

sua morte como resisto sempre ao impacto da notícia absurda, crueldade

sem explicação, não! não

pensei em você mas nela que se preparava com uma alegria selvagem para

cumprir seu tempo de

vida. Mas que

50

é

tempo era esse que lhe foi prometido e em seguida tirado?

A manhã de sol. Num acidente? fiquei repetindo e meu primeiro movimento

foi de resistência. Me

vieram os versos da poeta: "Dentro, lá dentro das trevas da morte / vão

ter o belo, o meigo, o BOM. /

No silêncio do nada / vão desaparecer o inteligente, o gracioso, o forte.

/ Eu sei. Mas não aprovo. E

não estou resignada".

Tentativa de consolo com a lembrança do pássaro que vi cair em pleno voo,

tão perfeito era o seu

equilíbrio,

tão harmoniosa a curva da asa. E a morte estourando o pequeno coração

como estourou aquela caneta,

o suéter vermelho de amor. E a tinta vazando. Morreu em ascensão, disse

para mim mesma. Morreu

em estado de graça, repeti sem a menor convicção, as palavras bem

formadas procurando ajeitar a

morte desajeitada.

Curioso é que o apaziguamento só me veio de você porque só em você

comecei a reencontrá-la

fragmentos daquela imagem estilhaçada se buscando e se encaixando até

compor a peça única. Foi o

que tentei dizer-lhe, então não vê? sua filha está em sua carne e além

dela, essência indestrutível que

se revela no úmido dos seus olhos, nesse simples gesto com que há pouco

você arrumou o cabelo -

não, ninguém morre. É que os mortos são discretos. Tão silenciosos. Os

braços de éter, a voz de

aragem. Habituada ao mundo visível, você se desespera com a aparente

ausência, quer tocá-la e não

atinge - ô Deus! - estou tateante porque as palavras são difíceis e a

morte, fácil. Mas espera, tinha um

doce com um nome que nunca entendi o que queria dizer: nozes fingidas.

Mas o que eram essas nozes

fingidas? Sei agora, as nozes fingidas têm só aparência, imitação da noz

sem a noz. Assim como a

rosa fingida é

51

a imitação da rosa sem a rosa e os mortos fingidos, a imitação da morte

sem a morte. Queria dizer

ainda:

29 de setembro

Nas estepes siberianas fica a cidade de Omsk. No inverno ela é batida

pelos ventos em meio de densas

tempestades de neve. No verão, desabam sobre ela as tempestades de areia.

Rude e desataviada, é

uma característica cidade de fronteira com suas construções de pedra e

ruas sem asfalto, pelas quais

passam caravanas de camelos. Banham-na os rios Om e Irtisch.

Especialidades da terra? Peles,

tecidos e cereais, peles principalmente, "Deus dá coberta para quem tem

frio".

Estou em Omsk. O aeroporto abriga estranhas gentes de falas estranhas,

estou perdida no mapa. Só no

mundo. Há alguns homens vestidos à moda europeia mas a maioria usa

pesados casacos de couro,

gorros de pele e botas. Muitos bigodes, não o bigode ocidental mas

aqueles vastos bigodões com o

mesmo aspecto eriçado do vento. As mulheres são fortes, quadris largos.

Ombros largos. Os pés

grandes. Vestem-se de escuro (é outono em Omsk) e usam na cabeça o

clássico lenço atado sob o

queixo. Meias grossas. Sapatos sólidos, de tacões baixos.

É noite e o vento que sopra faz estremecer o vidro das janelas. Sibéria.

Estou na Sibéria. Para essas

lonjuras o governo russo mandava exilados políticos e prisioneiros de

crimes comuns, condenados a

trabalhos forçados. A Sibéria de Dostoiévski retratada implacavelmente

nas Recordações da casa dos

mortos. No soturno presídio atrás de uma muralha, no extremo de uma

cidadezinha siberiana seria

Omsk? - o próprio Dostoiévski estivera en-

52

carcerado quatro anos como prisioneiro militar. E prosseguem os exílios e

perseguições por crime de

opinião. Os dissidentes. Afastar as vozes discordantes para as paragens

onde a voz do vento é mais

forte, ô Deus! a tragédia do homem se resumirá nisso, em repetir os

mesmos erros, os mesmos erros

sempre? A vontade aguda, a esperança de um caminho novo. Diferente. As

revoluções dentro e fora

do homem, desafios que ele assume porque esse é o seu destino, o seu

papel desde a primeira forma

de Adão. A busca da felicidade na luta desse caminho, ele quer ser feliz.

E a descoberta de que está

pisando ainda nas mesmas pegadas que renegou, insatisfeito e aflito como

o viajante perdido na

floresta: anda, anda sem parar à procura de uma saída e quando pensa que

está salvo, descobre que

andou em círculos porque a árvore na qual deixou a marca do início, é a

mesma que reencontra no fim

da evasão.

A mulher de Omsk

Visto todos os abrigos que descubro na mala e por cima de todos o casacão

que tem um nome

intraduzível na perfeita definição da senhora C., cachemisère. As malhas

são descombinadas mas o

casaco tem a missão de escondê-las, isso se não fossem assim grossas, ele

reage e estouram dois

botões. Peço à mulher do toalete (estou no toalete do aeroporto) que me

arranje uma agulha com

linha. A linguagem das mãos. Gesticulo e acho elegante o movimento que

faço com a mão direita,

costurando o espaço com uma agulha

invisível na ponta dos dedos, chego ao requinte de imitar o movimento

coleante da ponta varando o

tecido. A mulher de olhos azuis e nariz vermelho fez um gesto, um

momento. Saiu e voltou

53

em seguida, triunfante, com a agulha e o carretel de linha preta.

Ofereceu-me um banco, sentou-se na

minha frente e ficou muito atenta enquanto eu pregava os botões. Chegou

uma mulher mais jovem e

mais baixa, as faces queimadas de frio, cabelos louros presos num grossa

trança no alto da cabeça,

como um diadema. Trouxe duas grandes canecas de chá fumegante. Ofereceu

uma caneca à

companheira e assim que terminei de pregar os botões me estendeu a outra

caneca e saiu rapidamente.

A mulher sentada diante de mim soprou a fumaça do chá, sorriu e apontou a

caneca, que eu bebesse,

estava BOM, não estava? Fiz que sim com a cabeça e ficamos as duas ali em

silêncio, uma olhando

para a outra e bebendo o chá em pequeninos goles. Apertam-se seus

olhinhos azuis numa expressão

de afetuosa curiosidade e me fazem perguntas, mas quem eu era? De onde

vinha e para onde ia?

Tinha cara de Alexandra Petrovna. Fechei as mãos em tomo da caneca, no

mesmo gesto dela e meus

dedos aquecidos foram ficando vermelhos, quem eu era e para onde ia?

Difícil responder isso,

Alexandra Petrovna, difícil. Era evidente que se tratava de uma mulher de

uma só língua e essa era tão

inacessível quanto a linguagem do vento soprando lá fora. O bem-estar que

vinha do chá quente foi se

alargando em mim num sentimento de

libertação por me ver assim sem nome e sem passado diante daquela mulher.

Como se tivesse

acabado de nascer, não era estranho? a impossibilidade da comunicação

através da palavra nos

aproximava ainda mais. Lembrei-me da pergunta odiosa, frequente no Brasil

e decerto em outros

países, a natureza do homem é parecida em qualquer idioma: "O senhor sabe

com quem está

falando?"

Ninguém sabe, ninguém. Na Sibéria ninguém sabe de nada, inútil tirar do

bolso o cartão de depu-

54

tado, as condecorações, os louros. Para a Sibéria deveriam ser mandados

os narcisos em delírio num

pequeno estágio de humildade. Os ventos passam, os homens passam e

ninguém sabe.

O seu chá estava excelente, Alexandra Petrovna - eu disse devolvendo-lhe

a caneca e a agulha. Levei

a mão ao peito, na altura do coração, uma delícia de chá. Ela prendeu a

agulha na gola do casaco. O

gesto era eterno, todas as mulheres do mundo tinham gesto igual ao

receber uma agulha e sem saber

no momento onde guardá-la: na gola do casaco.

Pousou a mão no meu ombro, à maneira de despedida. Sorriam brilhantes os

olhinhos numa

expressão fraterna. Adeus, Alexandra Petrovna. Levo no meu casaco um

pouco da linha siberiana.

Laranja-da-china

Eu sabia que laranja-da-china era apenas uma laranja maior do que as

outras. Assim como negócio da

china era também um negócio graúdo, importante, "hoje fiz um negócio da

china!" - ouvia meu pai

dizer. Onde

fica isso?, perguntei e alguém respondeu que ficava tão longe que dá a

volta no globo o caminho para

se chegar lá. E quem está lá, fica exatamente de pé em cima da nossa

cabeça. "É tão longe, menina,

mas tão longe que quando aqui é dia, lá é noite. Quando vamos dormir

aqui, lá estão acordando." No

meu atlas encontrei apenas uma vasta zona pintada de amarelo e muito

difícil de ser desenhada.

Depois, já adolescente, fui conhecendo a China através do cinema

americano, uma China encardida,

miserável com sua gente de cara inexpressiva correndo pelas ruas como

formigas assustadas de um

for-

55

migueiro onde alguém afundou o pé. Chegava a heroína vaporosa e loura com

seu vestido de

musseline e sombrinha transparente, transportada pelo homem do riquixá

sorridente e falso, o

anti-herói pertencente a uma rede de espiões envolvidos em ópio, mercado

de brancas, contrabando

de ouro - a ralé desbaratada pelo oficial americano disfarçado de

repórter, se saindo

maravilhosamente das ciladas e golpes armados em quartos de hotéis com

paredes falsas e camareiros

mais falsos ainda, escondidos detrás de biombos de madrepérola. Já na

metade do filme os amarelos

iam caindo como moscas, um punhal também amarelo cravado até o cabo nas

costas enquanto a

heroína frágil porém corajosa acabava sendo salva pelo oficial

corajosíssimo que a levava de navio

para longe das terras malditas.

Isso no cinema. Na literatura amarela, os mesmos vícios: contrabando e

prostituição com intrigas

mais complexas nos romances de Vicki Baum e mais sentimentais e bem-

arrumadas nos livros de

Pearl Buck. Mares da China. Tinha sempre um branco chegando com seu terno

branco impecável. E

que logo era corrompido pelos donos dos antros fumacentos como o inferno

e onde ele esquecia a

família e os companheiros de golfe, a roupa enxovalhada, a barba

crescida, seduzido pela dançarina

de unhas recurvas e olhos de amêndoa, a adaga escondida no corpete de

brocado. Esse e outros

personagens tinham que morrer sem falta para destaque e glória do herói

que entrava dentro de um

Buda de ouro e saía pela porta do fundo levando inviolado o segredo

inglês cobiçado pela metade da

população amarela e mais o dono do hotel.

Aprendi depois, fora da ficção, que em certos aspectos a realidade não

estava muito longe das

imagens dos cineastas e romancistas. A população era de fato densa o

quanto pode ser densa uma

população.

56

E ignorante, viciada no ópio - da maior conveniência o analfabetismo e o

vício para manter o povo

desfibrado, apático. As contradições: não comiam mas tinham garantida sua

quota-parte da droga.

E os mandarins de cetim? E os palácios de marfim e jade? Realidade também

mas para cada palácio

havia mil casebres com seus habitantes amontoados, imundos, assolados por

epidemias,

inundações, lutas internas. A obscura face da medalha que só interessava

ao cinema e à literatura

como bons temas de atração, mais nada. Romanticamente eu preferia essa

face requintada,

abominável na sua alienação mas de aparência limpa, a burguesia só dá

importância à apa-

rência.

As "confissões" de Santo Agostinho

"Tarde eu te amei, beleza tão antiga e tão nova. Eis que habitavas dentro

de mim e eu lá fora a

procurar-te!"

Pequim

Olho ansiosamente em redor para ver se distingo as famosas muralhas de

doze metros de altura que

circundam a cidade. Mister Wang então me diz num francês misturado com

espanhol e

reminiscências de chinês que as muralhas ficam distantes do centro,

iríamos vê-las um dia.

Pe-King, capital do Norte. Desde 49, proclamada uma república pela

revolução de Mão Tsé-tung.

Piso nas largas ruas da capital vermelha da Ásia. Bandeiras, lanternas,

flores de papel, balões - de-

57

coração dourada e rubra nas fachadas das casas e nos edifícios públicos

para as festas de 1.° de

Outubro. O vento brando agita as bandeiras e faz farfalhar a folhagem das

árvores. As árvores

chinesas, tão parecidas com a arte chinesa, principalmente com o desenho:

os troncos são delicados,

frágeis, laboriosa a sinuosidade da folhagem de ouro em miniatura, é

outono. Penso nas árvores do

Brasil, exuberantes, violentas como se nas raízes não corresse a

simples seiva mas o próprio sangue latino. um sangue quente. Mister Wang

vai falando e é como se

eu tivesse uma daquelas pequenas árvores caminhando a meu lado, o tronco

fino, um tanto esquivo, a

folhagem trabalhada: é um BOM guia, discreto na sua amabilidade,

orgulhoso dessa nova Pequim que

de certo modo se divide em quatro partes, a cidade central, onde viveram

em outros tempos os

imperadores no Palácio Imperial. Mais para o sul, a cidade chinesa e que

foi antigamente o âmago de

Pequim com seu ramificado comércio e antros de prazeres. A cidade

industrial a leste com suas

principais fábricas, bancos e grandes blocos de habitações para

operários. Na parte leste, a cidade das

universidades, dos novos hospitais e escritórios administrativos. Nesse

bairro fica ainda o Jardim

Zoológico e o Palácio de Verão, residência da última imperatriz e

transformado hoje num parque

cultural aberto ao povo. Lá está também o túmulo dos Mings, fundadores da

cidade. No dia do meu

embarque, o meu menino quis saber se na China tinha muito chinês. you

responder num postal:

alguns.

n

10 de outubro

Meia-noite. H. S. está com saudades dos filhos. Do analista. O que

estaria fazendo sua gente nesta

hora? pergunta e eu me pergunto como funcionará a pequena alavanca da

janela que não consegui

fechar

- um verdadeiro enigma as janelas do Hotel CheinMein. Tem tantos outros

mistérios, difícil para uma ocidental entender esse jogo. Mexo ainda na

alavanca que tem seu segredo

e me volto para H. S. que já se prepara para dormir: dobra o lenço preto

para cobrir os olhos como os

condenados à morte no paredão, com ou sem a venda? Estamos cansadas o dia

foi intenso - mas

vamos nos aproximando desse xadrez-chinês. Pergunta-me se quero dizer-lhe

alguma coisa antes de

tapar os ouvidos, vai ficar incomunicável. Desejo-lhe uma linda noite e

me debruço na janela. A

insónia. A praça deserta, nenhum boémio. Nenhum gato. Nenhuma prostituta.

Logo mais vai começar

o movimento das bicicletas dos trabalhadores, acordam de madrugada e já

saem bicicletando, não são

os carros os donos do asfalto mas as bicicletas. E os triciclos,

substitutos dos abolidos riquixás que

exigiam dos condutores um esforço excessivo, ou ficavam tuberculosos ou

morriam ainda jovens de

lesões cardíacas.

Pe-King. Visitaremos amanhã a Cidade Proibida com seus gramados,

quiosques e pavilhões de tetos

arrebitados, os leitos de marfim e jade reservados às concubinas dos

imperadores. Passaram os

imperadores, passaram as concubinas, ficaram as escadarias de mármore e

as colunas que contam

histórias nos baixos-relevos. Em seguida, os visitantes irão a Shangai.

Visitantes que voltam dizendo

maravilhas ou dizendo horrores: ou são tomados do delírio bajulatório ou

do ódio preconceituoso que

já existia antes da viagem, na hora mesmo em que o

59

convite era aceito. Serei justa na minha avaliação? Prometo a mim mesma

suspender o juízo quando

não entender alguma coisa e fico sorrindo para a alavanca da janela. Olho

o céu luminoso. Tento

imaginar de que lado estaria o Cruzeiro do Sul e penso na gravura do

cavalo negro que vi numa

vitrine, gostaria de levar comigo aquele cavalo.

12 de outubro

Sinto o perfume quente do chá de jasmim. Shangai. Shangai com S, a

sinuosidade da letra é

indispensável como porta do nome da cidade que mais estimulou a minha

imaginação. Tentaram

despojá-la do seu mistério, da sua lendária corrupção - limpála do

passado dourado e vermelho.

Conseguiram? Ainda não, a revolução popular tem apenas dez anos, é cedo.

Ainda está impregnada,

sinto na sua pele essa impregnação como se sente na pele de um viciado em

tratamento, está se

recuperando, sem dúvida, mas de vez em quando, na fala... no olhar que

fica enevoado. Pequim é uma

cidade reta, rígida, um pouco como um quartel sem soldados, não vi

soldados mas senti a disciplina

no povo uniformizado, calça e túnica azul, boné. O corte rente do cabelo,

esse corte é obrigatório por

motivos de higiene, a população da antiga China estava perdida de

piolhos. Outro detalhe: muita

bandagem em qualquer pequeno corte ou ferida, numa quase obsessão de

desinfetar um povo que foi

assolado por toda sorte de epidemias e infecções transmitidas por piolhos

e ratos.

Minha razão

admira essa Pequim que simboliza a luta dramática da República Popular

dentro de um clima que

chega a ser místico. Mas meu coração se inclina para essa Shangai

sumarenta e viciosa na

60

sua inocência, fleur du mal que se abre quando anoitece - não, Mister

horn Tim-Tim, não quero ouvir

o coral universitário, quero vagabundear pelas ruas, pelas lojas, pelo

porto coalhado de embarcações

que vão se acendendo quando começa a anoitecer, que belo é o porto quando

começa a anoitecer, as

luzes dançarinando nas águas, estou corrompida.

14 de outubro

Achille-Cléophas Flaubert, pai de Gustave Flaubert, reunia os filhos

todas as noites para contarlhes

histórias, podiam desabar os maiores imprevistos mas a hora mágica era

preservada. A dura infância

de Machado de Assis era doce quando Madrinha contava suas histórias. As

crianças não ouvem mais

histórias? Eram crianças que se sentavam em redor do pai, da mãe ou da

avó e ficavam ouvindo

histórias de gnomos da floresta e fadas, gigantes e princesas que falavam

e saíam da boca rosas e

pérolas. Das princesas ruins, saíam cobras e sapos. Histórias do arco-da-

velha - nunca mais? O

imaginário se desenrolando como uma fita cintilante. As crianças não

sabem mais inventar: ficam

paradas diante da televisão, vestem a roupa-padrão do Super-Homem e

apontam para os adultos suas

metralhadoras de plástico.

15 de outubro

O preço da criação literária seria mesmo o sofrimento?

Penso na minha experiência e lembro que justamente nos instantes mais

agudos das minhas

61

atribulações eu não consegui escrever uma só palavra. Mesmo depois, na

convalescença, se vinha a

vontade, faltava a energia, o movimento era apenas da alma. Olhava para a

minha mesa como alguém

com sede fica olhando um copo d'água: quer beber mas fica rodeando o

copo, fax outras coisas na

frente e embora pense o tempo todo na água, não faz o gesto essencial

para toma-la. Não sei dizer se

os frutos colhidos mais tarde (alguns até doces) teriam vindo dessa

figueira-brava.

16 de outubro

Estamos no hall do Hotel da Paz, tomando chá com perfume de eucalipto e

ouvindo Mister horn

Tim-Tim falar de um tempo antes da revolução, quando a cidade de Shangai

era dominada pelo

imperialismo francês e inglês. Tanto os negócios limpos como os negócios

sujos eram totalmente

controlados pelo estrangeiro, dono do contrabando de ópio e de pedras

preciosas. Senhor da máquina

da prostituição e da jogatina. Era tão intenso o movimento nos antros de

jogo que havia quatro

grandes centros só de corridas de cães. Não entendi o que poderiam ser

essas corridas e Mister horn

Tim-Tim explicou que o público (ingleses, franceses e norte-americanos)

fazia apostas milionárias e

ficava açulando a cachorrada que corria numa pista cheia de curvas e

obstáculos, perseguindo um

coelho

mecânico.

Fiquei sabendo também de um episódio que me perturbou: Bernard Shaw, de

passagem pela cidade,

hospedara-se neste hotel e quisera conhecer Lu-Sin, considerado o maior

escritor do país. Convidou-o

para vir ao hotel onde jantariam juntos. Conduzido por dois amigos (ele

era quase paralítico) com

62

grande dificuldade Lu-Sin chegou para o encontro. E o chinês

recepcionista impediu-o de entrar,

proibida a entrada de visitantes chineses. Lu-Sin ficou em silêncio,

olhando para o recepcionista. E

pediu aos dois amigos que o levassem de volta para casa.

"Eu não estaria aqui neste hotel, tomando este chá - disse horn Tim-Tim

pousando a caneca de

porcelana azul. - Antes da revolução, teria de esperá-los na rua."

Não consegui dizer nada.

17 de outubro

Colho no caminho a folha ferruginosa de uma árvore-anã e guardo-a dentro

do livro de poesias de

Mão Tsé-tung, cada membro da delegação recebeu um exemplar. Mister Wang

viu meu gesto e

continuou imperturbável mas, antes de entrarmos no centro cultural de

estudantes, me ofereceu uma

folha rara de um outro tipo de árvore: fez a leve mesura e avisou, "para

a vossa coleção". Os chineses.

Procuro imaginar o que estarão pensando a nosso respeito e me perco nas

ideias, estou perplexa,

minha cabeça gira - o clima? O prédio onde funciona o centro

cultural foi o maior bordel da cidade. E o mais luxuoso, só frequentado

por estrangeiros. Enquanto os

jovens de cara limpa tocam seus instrumentos e cantam as novas canções

heróicas de esperança e fé

no regime, you percorrendo com o olhar o vasto salão: por mais que

tentassem fazer desaparecer as

marcas infamantes, sempre ficou alguma coisa desse tempo nas portas

frívolas. No lustre luxurioso

do teto com suas florinhas de porcelana enroscadas nos pingentes de

cristal. Apesar das vozes agudas,

pode-se ouvir o vento brando soprar os pin-

63

gentes que batem uns nos outros num tlim-tlim de taças. Me fixo nas

paredes forradas de veludo

vermelho, um vermelho tão violento. Descubro um furo negro no veludo,

alguém apagou ali um

charuto.

20 de outubro

Durmo acordada feito o dragão de goela vermelha que vi no alto de uma

escada de mármore. Tinha

uma bola dourada presa entre os dentes, o mundo? Abro a Bíblia: Génesis.

Como não acreditar na

hereditariedade? A herança que recebemos de toda essa gente que nos

antecedeu se diluiu no éter? A

começar pelos nossos pais expulsos do chão de ervas tenras para o chão de

urzes e víboras -

desapareceu essa herança de insegurança e medo? Quero acreditar que o

homem é livre e vejo na

história do homem os mesmos erros se repetindo inexoravelmente. Queria

estar convicta, como

Sartre, de que até as personagens de ficção devem ser livres, nunca

atrelar seus passos a um destino

que significa

uma prévia condenação. Mas não são essas personagens feitas à imagem e

semelhança do homem?

Para escapar do chão deslizante do medo, o homem precisa do poder. Então

recomeça tudo outra vez.

O homem esquece. Cicatrizada a ferida, ele repete no próximo (talvez no

mesmo lugar) o ferimento

que sofreu na carne e além dela. O escritor Lu-Sin foi proibido de entrar

no hotel da sua cidade porque

nesse hotel (dirigido por um chinês) só podia entrar chinês na condição

de serviçal. Lu-Sin morreu.

Lembro agora o gesto inesperado de Mister Wang me oferecendo a folha para

a minha coleção. Volto

a Sartre, o homem é imprevisível e se é imprevisível, é livre, aposto

nesse homem: um novo Lu-Sin

jamais

64

colocará um dia na porta do seu importante hotel em Shangai o mesmo

aviso: Proibida a entrada de

cachorros e chineses.

Nossos campos têm mais flores

Nunca senti a vida monótona, nem mesmo quando frequentava a escolinha de

freiras dirigida por

madre Mônica. Todas se vestiam igual, os chapelões engomados com a mesma

proa dos veleiros, as

almôndegas com o mesmo gosto dos quiabos. E que variedade! As poesias que

a gente devia decorar

para as festas também eram sempre as mesmas, versos que dizem que nosso

céu tem mais estrelas,

nossa vida, mais amores. E os campos. Não menciona nossas ruas,

especialmente essa Rua Barão de

Itapetininga (um brasileiro ilustre)

onde roubaram minha carteira e meus documentos. Entro na fila infinita da

papelada e a fila avança

num silêncio tão conformado que chega a ser inquietante. Uma virtude

raríssima se desenvolve no

nosso povo afeito a esse tipo de mecanismo que faz parte do sistema,

virtude modesta como uma flor

miúda que ninguém plantou e à qual ninguém dá atenção: a paciência. Vejo

as caras concentradas das

pessoas que já vieram ontem e terão que voltar amanhã e penso que o

paulistano é antes de tudo um

forte. Mas cansa.

Kafkandura

Meu colega de olhos pálidos e mãos úmidas foi quem me falou sobre Kafka

pela primeira vez. Eu

terminara o ginásio e me preparava para os vestibu-

65

lares, uma jovenzinha que já tinha lido alguma coisa da literatura

brasileira mas a literatura universal

era universal demais! Tantas chaves, tantos nomes que o professor do

cursinho ia ditando e

escrevendo, a mão delirante perseguindo o giz naquela lousa que não

acabava mais, começava na

parede da frente, continuava ao lado e quando eu dava acordo de mim, lá

estava ele na lousa da

retaguarda a abrir novas chaves com as subsubchaves. Dentro de uma delas,

o nome do autor fácil de

guardar mas difícil de ler, vi isso depois: Franz Kafka.

O colega de olhos pálidos convidou-me para entrar na lei teria, era moda

convidar as meninas para as

leiterias. Pedi um suco de uvas, ele pediu uma coalhada. Lembro-me de que

suas mãos tinham o

mesmo tom vagamente

esverdeado do soro em cuja superfície flutuavam os coágulos de leite.

Abriu o caderno. Fiquei

estraçalhando nas unhas o canudinho de palha enquanto ele falava sobre o

judeu estranhíssimo que

tinha nascido em Praga, que escreveu em língua alemã e morreu tuberculoso

num sanatório próximo

de Viena.

Praga, eu repeti como num sonho, localizando no mapa-múndi da memória a

cidade que percorreria

um dia. Kafka, repeti e não sabia que um dia iria compreendê-lo até as

raias do amor. Meu colega me

emprestou os livros, o caderno e duas semanas depois eu prestava a prova

oral: caiu Dickens. Fiquei

aturdida: a solução era desviar o transparente inglês Charles Dickens

para o embuçado judeu Franz

Kafka. E depois, não era mesmo uma ideia causar um impacto na banca

tratando de um autor que

poucos tinham lido? Inconscientemente, lançava mão da técnica kafkiana:

dentro de uma aparente

ilogicidade, escamoteara os temas deixando a banca examinadora sem atinar

com a razão por que eu

trocara o comunicativo inglês pelo incomunicável jovem de Praga.

66

Tive que ser interrompida: "É suficiente", disse o presidente da banca.

Saí radiante, à procura do meu colega para reproduzir-lhe o exame que

achei brilhantíssimo (era de

um otimismo feroz) e devolver-lhe os livros. Nunca mais o encontrei.

Deixou-me os ensebados

volumes, o caderno em espiral com sua letrinha torta, vesga, e sumiu

completamente. Nem sequer os

exames chegou a prestar. Dezenas de pessoas somem todos os dias. Era

possível ver ainda seu retrato na seção de desaparecidos de algum jornal.

Mas eu não lia jornais.

O retraio

Não achei o retrato do meu colega mas achei o de Kafka, sim, estava sob o

seu signo. Senão, como

explicar a coincidência? Numa velha revista judaica da obscura sala de

espera de um dentista do

bairro, distraí-me em ficar vendo as ilustrações, estava escrita em

iídiche. E de repente, ocupando

toda a página, ele. Os cabelos negros. O queixo obstinado. E os olhos.

Metade da cara era

bem-comportada mas a outra metade - meu Deus! - nunca encontrara antes

duas metades tão

diferentes assim: o lado direito, o de um funcionário meticuloso, filho-

família meio esquivo, sem

dúvida, mas contido. Cortês. A outra face, a de um possesso (tapei o lado

direito com a mão)

dilacerado num mundo onde a realidade e o sonho se fundiam no fogaréu de

uma paixão que tinha

duas portas, da loucura e da morte. Furtivamente, arranquei a página da

revista e guardei-a. A mulher

sentada ao lado me olhou, interrogativa. É um risco de bordado, eu disse

e tive sua inteira aprovação.

Fiquei sorrindo também: o bordado era

67

I um labirinto dentro do qual candidamente entrara e

l agora não conseguia mais sair.

l Os textos desregrados embora aparentemente

| cheios de lógica. Aparentemente cheios de lógica -

l esse o meu engano. Não descobrira ainda que era o

f contrário que ocorria: a

ilogicidade estava só na apa-

rência porque no âmago tudo se desenrolava com a precisão infalível de

uma equação matemática. O

caos estava na forma da apresentação do problema, não na essência. Caos

na pele do homem

transformado em inseto, caos nas andanças do inocente transformado em

vítima, caos na superfície,

nunca no fundo. Como a loucura é que vestia a lucidez, forçosamente os

meios tinham que ser

esdrúxulos mas ! sob a falsa demência, a marcha dos acontecimentos

' se desenrolava dentro de uma lógica implacável, bu-

| rocrática na sua fatalidade semelhante à marcha de

um processo percorrendo os canais competentes.

Naquela noite, sozinha em casa, com a energia da juventude, cheguei quase

a tocar no seu mistério.

Anos depois viria a pensar nele com o mesmo fervor enquanto andava nessa

Praga que ele amava e

detestava. Anoitecia. Lancei um olhar ao rio que ia se fazendo noite.

Ao transpor a ponte, vi que estava perdida. Falei com uma mulher do povo

que passou ao meu lado,

onde estaria meu hotel? Ela sorriu como uma criança, levantou a mão num

tímido adeus e prosseguiu

seu caminho. Passou um militar, recorri ao francês, ao inglês: ele abriu

os braços, disse alguma coisa

amável e desapareceu numa esquina. Fui andando solitária. Incomunicável

como ele queria.

Lembrei-me então do seu retrato que guardara dentro de algum livro, junto

com o retrato da minha

juventude e que também não sabia mais onde podia estar.

68

22 de outubro

Um crítico literário do século XIX, irritado com o livro de uma poetisa

que ousou sugerir em seus

poemas alguns anseios políticos, escreveu no seu artigo: "É desconsolador

quando se ouve a voz

delicada de uma senhora aconselhando a revolução. Por mim, desejaria que

a poetisa estivesse

sempre em colóquios com as flores, com as primaveras, com Deus".

Mexendo em antigas pastas na tentativa (vã) de ordená-las, acabei

encontrando o recorte de uma

crónica publicada em 1944. É sobre um pequeno livro de contos que escrevi

quando cursava a

Faculdade de Direito. Diz o cronista que se assinava M. G.: "Tem essa

jovem páginas que apesar de

escritas com pena adestrada, ficariam melhor se fossem da autoria de um

barbado".

Afetei um certo desdém pela crónica mas fiquei felicíssima: escrever um

texto que merecia vir da

pena de um homem, era o máximo para a garota de boina de 1944. Eu

trabalhava, estudava e

escolhera dois ofícios nitidamente masculinos: era uma feminista

inconsciente mas feminista.

Cachorro se chama com um assobio

com exceção do Bóbi que tinha uns toques aristocráticos na finura do

focinho e na fartura do pêlo

branco, era uma cachorra paupérrima, carente de raça, comida e afeto. A

maior parte veio da rua,

todos com aquele ar de ande j os que a gente vê nas estradas, vindo de

longe e indo para mais longe

ainda, a expressão obstinada de um objetivo, mas que objetivo será esse?

Perguntar-lhes o

itinerário

69

seria o mesmo que perguntar pelo itinerário de uma nuvem.

Se alguém bota a mão no ombro de um andejo e diz: vem! ele vai porque só

esse gesto interrompe a

condenação que lhe foi imposta (por quem?) de não parar nunca. com o

cachorro andante, basta um

assobio, cachorro se chama com um assobio.

Em Sertãozinho assim chamei todos para a nossa casa que tinha porão e

quintal. Os mais tímidos,

disfarçando, resistindo, e com esses era preciso mostrar o melhor da

fala, o melhor do gesto, venha,

seu bobo! confia em mim.

Ele confia. Mas desconfiando, reavivada a memória aguda dos pontapés,

pedradas. Aproxima um

metro. Recua meio, porejando medo nas orelhas baixas, no rabo mais baixo

ainda.

Divido com ele a empada que comprei na Maria Pi tombo, reservando para

mim a metade com o

camarão, que cachorro é como criança, não entende desses requintes.

Apanha o pedaço no ar, engole

sem mastigar e continua me olhando firme. Dou-lhe um doce de abóbora que

ele abocanha no mesmo

estilo, a fome é tão antiga quanto a noite, esse eu encontrei numa noite.

A cena seguinte é um jogo. Ele vem atrás de mim? Não vem? you andando sem

me voltar: é preciso

dar uma certa margem de liberdade não só às personagens (o que aprendi

depois) mas também aos

bichos. No portão de casa, afetando desinteresse, paro e olho. Lá está

ele sentado no meio da

rua, esperando. Seguiu-me sem muito empenho e agora, como eu, joga o jogo

do distraído. Mas sinto

no escuro a tensão do arco que se retesa e me flecha com a pergunta: vai

me adotar, vai?

Se nesse tempo eu tivesse lido Machado de Assis, diria ao meu novo amigo

que depois de Napoleão

tenente e imperador, tudo é possível. Fui

70

buscá-lo e fiz a advertência, entrasse com calma, muita calma, melhor

mesmo que ficasse pelo menos

dois dias escondido no porão enquanto as arestas iriam sendo aplainadas

não só em relação aos outros

bichos da casa (tínhamos até um mico, até um papagaio), mas tendo em

vista as duas órfãs, obstáculo

maior. Não tardaram os grunhidos e ranger de dentes dos outros cachorros

com toda aquela insolência

de uma classe em ascensão. Não tardaram os protestos das duas órfãs que

já eram moças feitas.

Ameaças de fazer a mala e a pista, imagine se you continuar limpando

sujeira de cachorro! Tempo de

escravidão já acabou!

Não acabou não. Ficaram elas e ficou a Filipa, não se tratava de um

cachorro, como pensei e desejei,

sempre soube que os machos são bem-vindos mas as fêmeas são praguejadas e

rejeitadas com a mais

fervorosa das convicções. Hoje está aí o feminismo se vingando de tantos

anos de confinamento e

servidão mas nesse tempo dos cachorros eu só sabia de uma coisa: que o

pecado de Eva no Paraíso era

tão terrível que todas as suas filhas teriam que pagar,

e caro, até o fim dos seus dias. As cadelas incluídas.

Não estranhei quando vi minha mãe puxar os cabelos, tinha gestos

dramáticos, ah! meu Pai, se ainda

fosse um macho, mas fêmea?! Daqui a pouco vai estar com uma ninhada

enorme. . .

Um anjo passou na hora, ouviu e disse: Amém! porque foi pequeno o

caixotinho de cebolas para os

cachorrinhos ainda cegos e embolados num nó preto e branco sobre os

trapos dos quais se desprendia

o terno cheiro de urina e leite - o próprio cheiro da infância.

71

O gorro do pintor ?

A cidade ficou na maior excitação com a chegada de Hortênsia Serena, a

declamadora. Fui correndo

ver seu retrato de corpo inteiro, pregado numa cartolina na porta do

clube: fiquei extasiada. Nunca

tinha visto uma mulher assim tão grande, tão suntuosa no seu longo

vestido preto e diadema,

revirados os olhos para o céu, os braços pendidos na frente do corpo com

as mãos fortemente

entrelaçadas no gesto da Senhora das Dores na procissão da Paixão. O

anúncio dizia que fora

aplaudidíssima nos teatros de São Paulo, Rio e Lisboa mas tia Ernestina

franziu a boca, desconfiada:

se veio dar com os costados aqui é porque não presta. . . Reação enérgica

da minha mãe, imagina, uma

artista internacional!

Foi a primeira vez que ouvi a palavra internacional e que ficou para

sempre ligada àquela noite em

que Hortênsia Serena começou a recitar e de. repente abriu os

braços imensos e o vestido preto (o mesmo do retrato) se abriu em duas

enormes asas, presos os

panejamentos em argolas enfiadas nos dedinhos. Dedinhos, sim, as mãos

gorduchas eram minúsculas

como minúsculos eram os pés metidos em sapatinhos de cetim com fivela de

pérolas. No começo dos

recitativos (estávamos na primeira fila) sua figura me empolgou de tal

forma que eu só olhava, mal

ouvia o poema no qual ela imitava a voz do vento, soprando e rodopiando

numa ventania tão forte que

eu chegava a me encolher na cadeira, e se tivesse enlouquecido? Mas no

número seguinte, já

acostumada com as asas, só prestei atenção na história pungente do pintor

que tinha um cachorro

muito amado e um amadíssimo gorro de veludo, presente da noiva que teria

morrido, não estou muito

certa do destino da moça. O gorro e o cão, eis os únicos bens do artista

de vida duríssima, ainda não

estava

72

na moda investir em quadros no alto mercado dos capitais. Mas acontece

que o pintor enriqueceu e

com o poder e a glória vieram os vícios correlates: deu de beber, ficou

vaidoso, mesquinho. O coração

- que era só brandura - endureceu tanto que até o cachorro passou a ser

maltratado em meio das

libações e orgias, palavras que também aprendi nesse tempo. Numa noite de

maior bebedeira, quando

o mísero cachorro já velho e quase cego se aproximou abanando o rabo,

sorrindo o pintor teve a ideia:

livrar-se do antigo amigo que o irritava com sua simples presença. Tomou-

o pela coleira, vamos

passear, querido? E atirou-o no rio. Mas no instante exato em que o

perverso se inclinou para

as águas, o gorro de veludo (única lembrança da inocente juventude) é

arrancado pelo vento e cai no

rio juntamente com o cão. O pintor se enfurece: afinal, só por causa

daquele mísero bicho ele perde

sua preciosa relíquia! Volta para casa, deprimido, tenta dormir, não

consegue, põe-se a andar pelo

casarão quando de repente ouve um estranho ruído lá fora, alguém como que

batendo fracamente,

chamando: quem seria àquelas horas?

As lágrimas que já corriam abundantes pela minha cara deram uma parada

brusca no suspense que

Hortênsia Serena fez render, estáticas mãos e asas abertas no ar -

quem?!. . . Silêncio. Um silêncio tão

profundo que se ouviu o colchete de pressão do corpete da declamado rã se

abrir no susto. Abri a

boca. O pintor abre a porta: na sua frente está o cachorro pingando água,

tremendo, trazendo na boca

o gorro de veludo. Aproxima-se ganindo muito doce (nesse momento, minha

mãe começou a me

arrastar da sala), deposita-lhe aos pés o gorro amado e tomba

redondamente morto. Na rua,

apressadamente minha mãe me abraçou, me consolou, eu não podia chorar

alto assim, não via então?

estava atrapalhan-

73

do. Repetiu que tudo aquilo era bobagem, mentira e voltamos aos nossos

lugares. Hortênsia Serena

agradecia as últimas palmas com a soberba de uma rainha. Teria mesmo me

fuzilado com um olhar

azul de cólera ou foi impressão minha? Só sei que não a encarei mais até

o fim da recitação.

No dia seguinte, quando minha mãe me mandou comprar os ingressos, li a

novidade escrita com tinta

ainda úmida na cartolina: proibida a entrada de crianças. Meu irmão, que

não fora na véspera porque

estava de castigo, deu um pontapé no cartaz, essa vacona! mas eu fiquei

quieta.

O jardineiro

Só colhia as rosas ao anoitecer porque durante o sono elas não sentiam o

aço frio da tesoura. Uma

noite ele sonhou que cortava as hastes de manhã, em pleno sol, as rosas

despertas e gritando e

sangrando na altura do corte das cabeças decepadas. Quando ele acordou,

viu que estava com as mãos

sujas de sangue.

To die, to sleep no more

Não se matou mas toda sua breve vida foi um único movimento na direção do

famoso

Anjo-dasAsas-Escuras, cantado e convocado pelos poetas das capas pretas.

Seu nome, Manuel

António Álvares de Azevedo, na intimidade, Maneco. Paulista, residente na

sua cidade que contava

com cerca de quinze mil habitantes naquele ano de 1831. Sua escola? A

Academia de Direito do

Largo de São Francisco e que já

74 i

servira de convento a frades velhinhos, os fantasmas úmidos suspirando

ainda pelos corredores de

tábuas carcomidas. Então chegaram os estudantes, a juventude transviada

da época.

Bons moços tentando sacudir um pouco a pasmaceira dos usos e costumes,

Cristo-Rei! tanto pudor e

tanto espartilho nas matriarcas e donzelas, fazer o que na província que

ainda por cima era garoenta,

fria?! Mas foi para se autoflagelar que os jesuítas inventaram de fundar

o vilarejo neste pântano? A

solução era se divertir um pouco com as rameiras nos lupanares e nas

repúblicas onde podiam beber,

rir e até amar, menos esse Maneco que só bebia leite e que morreu virgem,

segundo a crónica literária,

confirmada por M. A., virgenzíssimo! Mas nesse ponto, suspendo o juízo: o

que a gente sabe sobre o

próximo? E sobre um próximo assim distante? A gente sabe tão pouco, a

gente não sabe nada, vai ver

era um sonso.

O fato é que a reputação dos meninos não podia ser pior. Os estudantes! -

benziam-se os velhos

quando passava o tropel dos jovens de capas e olheiras negras. Os

estudantes! - suspiravam as

mocinhas que enrubesciam e empalideciam em seguida, se usava nesse tempo

o contraste nas faces

intactas, a palavra intacta com o c, indispensável este c que funciona de

degrau, obstáculo para os

amores dificílimos. Os poetas, principalmente os poetas sentiam aquele

vago n'alma, estudavam mal

(Maneco, a exceção) e nas noites de lua cheia faziam serenatas pelas

ruas. Ou missas negras no

cemitério, assistidas por musas airadas e ousadas, uma delas teria

morrido de susto quando a

brincadeira exorbitou - ô Byron!

- que ourives desta terra de formigas e caipiras (assim o poeta se

referiu à paulicéia numa carta à mãe)

poderia transformar crânios humanos em taças?

75

Remotamente, chegavam as notícias das loucuras dos artistas europeus

reavivando as extravagâncias

e perversões da atmosfera romântica que por lá já

estava saturando. Mas aqui a coisa apenas começava. Então era preciso se

intoxicar com leituras

miasmentas e se embriagar com bebidas banais (onde a cocaína? onde o

absinto?), escamoteando

com palavras importantes a realidade sem nenhuma importância: "Escravo,

enche esta taça!" -

ordenava no poema Fagundes Varela. E o preto velho da vendinha vinha

descalço e enchia o copo de

cachaça. O jogo era o mesmo no sexo: os filhos-família namoravam as

donzelas nos saraus

lítero-musicais (as tertúlias) e em seguida, sonhando com cortesãs

fabulosas, se conspurcavam com

as rameiras das pensõezinhas da zona infestada de sapos - ô Shakespeare!

- ajuda um pouco. Ajudou, sim, a esse outro discípulo da primeira geração

romântica, Francisco

Otaviano, enrolado no mesmo tema: Morrer. . . dormir. . . talvez sonhar.

. . quem sabe?

Romantismo e subdesenvolvimento

Pregavam a liberdade esses poetas. Exigiam que o artista fosse o

revolucionário capaz de romper com

todos os moldes na busca desregrada de uma regra original. E se sentiam

predestinados, condenados

pela força do destino: "Que fatalidade, meu pai!" - disse o poeta antes

de morrer, e esse presságio

envolveria toda a massa dos companheiros de geração. Coaxar dos sapos e

"o borbulhar do génio"

- como equilibrar a circunstância mesquinha com a exaltação poética? A

solução era se deixar

envenenar pela angústia existencial que tinha na época um nome mais

curto: dúvida. Duvidar do

amor, da

76

arte, de si mesmo - duvidar de tudo, menos da morte que só ela é certa no

jardim das incertezas.

O subdesenvolvido romantismo provinciano contrastando com a

grandiloqúência castroalvesca, "oh,

Paulicéia, oh, Ponte Grande, oh, Glória!. . ." A. C. estranha que nesse

verso a paulicéia esteja

mencionada como bairro e não como um todo. E essa coincidência? pergunto

agora: em pleno

modernismo, Mário e Oswald de Andrade reavivam o mesmo verso nos seus

títulos de livros,

Paulicéia desvairada e Serafim Ponte Grande - ô literatura!

Cinco ou seis poetas da melhor qualidade compondo a constelação em forma

de lira, em destaque a

estrela maior, Álvares de Azevedo. Que me perdoem os baianos mas nem

Castro Alves, nem o

fluminense Fagundes Varela nem o maranhense Gonçalves Dias (viva o

indianismo!) escreveu obra

tão bela.

O poetinha paulista leu demais. Trabalhou demais num ritmo acelerado para

produzir o que produziu

nos seus incompletos vinte e um anos de vida, os pressentimentos batendo

na janela do seu quarto

solitário, depressa, Maneco, que já está anoitecendo! A vontade de ousar

e a timidez. Que não o

impediu de alguns atrevimentos em poemas de ironia, não mais o menino mas

o homem falando num

tom cínico em spleen, charutos. . . Paixão e tédio se alternando. À

exaltação. com a pergunta

obstinada que voltava nas insónias, Cavalheiro, quem és? que mysterio. .

. Mistério

com y - mais misterioso ainda. E a resposta do Phantasma que se

apresenta, é sonho e é febre: O

delírio que te ha de matar.

Falava num tom tão experiente em viciados mas quem bebeu de fato foi seu

sucessor Fagundes

Varela. Falava em mulheres desmaiando de desejo mas tudo indica que quem

as conheceu no sexo foi

Castro Alves.

77

No enterro de um amigo suicida, no cemitério iluminado por archotes (era

noite), disse o poeta no

discurso fúnebre: "Todos os anos a morte escolhe, sorrindo, os melhores

dentre nós!"

A Sorridente, que andava ali por perto, anotou no caderninho o nome do

orador: Álvares de Azevedo.

Profissão? Poeta. Diagnóstico? Tumor na fossa ilíaca - coisa rara na

Escola de Morrer Cedo.

24 de outubro

O vizinho do andar superior - e que nunca cheguei a ver - fazia às vezes

ruídos esquisitíssimos, não

consegui decifrá-los nas minhas noites acesas, eram ruídos noturnos:

coisas esponjosas que se

arrastavam pelo chão, pensei em panos úmidos mas os ruídos passaram por

variações, criaram vida e

se puseram deslizantes como cobras indo e vindo num ritmo comandado.

Muitas cobras - seria um

amestrador de circo? Cessaram de repente e começou um barulho trepidante,

ágil como o movimento

circular de uma máquina de rodinhas, rodinhas de borracha, talvez um

carrinho de boneca, embora

certa noite as rodas do carrinho tomassem inesperadamente dimensões

adultas, ficaram rodas mais

responsáveis, difíceis - uma cadeira de paralítico?

Os novos inquilinos que chegaram são silenciosos. Tão

silenciosos que ouço no silêncio o som de uma pena raspando o papel numa

letra caprichada

- um velho escritor? Quando cessa o ruído rascante da pena que já deve

estar muito usada, começa o

ruído delicado de alfinetes caindo no chão, dezenas de alfinetes que

depois são recolhidos numa

caixinha de papelão. Quando a caixa transborda, são espetados numa

almofadinha - um alfaiate?

Fiquei adian-

78

do a pergunta que ia fazer ao porteiro sobre os meus vizinhos mas eles se

mudaram, chegaram

inquilinos novos e até agora não ouvi nada. Absolutamente nada. Continuo

esperando.

25 de outubro

Volto hoje à Bienal para ver mais uma vez as Rosas num pote verde. Me

sento diante do quadro e fico

olhando. Chega um casal de jovens enlaçados, a moça fez alguma observação

divertida porque o

rapaz riu enquanto arranca o suéter, se queixa do calor. E no mesmo andar

de disponibilidade,

passam. Chegam dois intelectuais, silenciosos e compenetrados, um deles

bem dentro do tipo de

intelectual de cinema, os óculos, a barbicha, o cachimbo apagado no bolso

da jaqueta, é proibido

fumar. Afastam-se do quadro na distância exata, o de barbicha murmureja

algo para o mais jovem que

concorda com um movimento de cabeça. Passam. Chegam os colegiais de meias

grossas e uniforme

azul e branco, estão irrequietos, falantes, mas aos poucos vão perdendo a

alegria e é em meio de total

perplexidade (a boca ligeiramente aberta, o olhar vazio) que ouvem

a monitora esclarecer que este é um importante trabalho de Vincent van

Gogh, um pintor holandês

que nasceu em 1853 e morreu em 1890 (repete a data para dois jovens que

tomam nota num caderno)

e é considerado um dos maiores pintores do mundo. Levanta mais a voz

quando diz que toda sua arte

se inspira nos humildes e deserdados da sorte, ele próprio um homem

bastante infeliz, não esquecer

que o génio e a loucura estão sempre juntos nas artes, Van Gogh (ela faz

uma pausa, quer dar maior

ênfase ao que vem em seguida) pintava entre crises mentais criando

79

assim numerosas obras-primas que foram verdadeiras renovações não só no

tocante às paisagens

como também na concepção dos retratos. Faz nova pausa enquanto os jovens

tomam suas notas.

Aponta para o quadro e conclui que o pintor revelou também grande

originalidade nos temas florais,

conforme todos podiam ver diante desse simples quadro. Os colegiais já

voltaram a cochichar

indóceis, a menina que masca chicle de bola raspando as solas dos sapatos

no chão como um cavalo

sôfrego. A monitora quer dizer ainda alguma coisa, faz a expressão de

quem acaba de atirar pérolas

aos porcos e levanta a mão, "vamos, vamos!" Também passam. Agora é o pai

de família que chega

com a mulher de ar enfastiado, puxando os filhos pela mão, o menorzinho

pedindo coca-cola, "tou

com sede, mãe!..." O pai promete

a coca-cola mas depois - "agora não enche!" diz sacudindo o menino que

ensaia o choro, a mulher

intervém, pega o menino no colo enquanto o homem se dirige ao

primogénito, está impaciente,

"vocês precisam se ilustrar um pouco, a vida não é só futebol!" Baixa a

voz, explica que esse foi um

pintor notável mas esquisito à beça, chegou um dia a cortar a orelha

direita (ou esquerda?) para

mandar embrulhada num papel de presente para uma dona. .. O menino do

meio se interessa, "cortou

o quê?" A mulher se apoia no braço do marido, está exausta, veio com os

sapatos de salto, se

soubesse, teria vindo com os de feira e o homem se irrita, ele bem que

avisou, não avisou?, mas por

acaso alguém prestou atenção aos seus avisos? Por acaso alguém naquela

casa ouvia o que ele dizia?

A mulher se anima, ah! agora lembrava, tinha visto uma fita com esse

pintor, beleza de fita! o artista

era aquele cara de furinho no queixo, ih, trabalhou tão bem, como era

mesmo o nome dele? "O nome

está aqui, na ponta da língua!..." O menino choraminga mais

80

alto, "quero coca-cola, mãe!" Passam. Como todos os outros, também eles

passam. Ficam as rosas

num pote verde. São vermelhas? Amarelas? Brancas? Vistas de uma certa

distância, nelas predomina

um certo tom rosado mas com a aproximação investe o vermelho coagulado no

labirinto

profundo das corolas, as tintas densas, um amarelo áspero como que

buscando a saída por entre laivos

arroxeados, perseguindo o branco que foge da mistura esverdeada e

reaparece adiante, num reflexo

azul de tão puro. Todas as cores enredadas nas corolas atrozes que arfam

num intumescimento de

carne, as bordas das pétalas gretadas. Vertendo sangue.

Desço a rampa e me encontro com o poeta Y., ele está comendo um cachorro-

quente, sinto seu hálito

intenso quando fala de boca cheia. Agradeço o convite, estou sem apetite.

26 de outubro

Tarde de autógrafos. Primeiro livro. Na gráfica, o funcionário me informa

que os convites já foram

expedidos e que os salgadinhos já estão providenciados, vermute e

amendoins. Baixo o olhar para a

mesa: tem três gavetas do lado direito e nessas gavetas estavam os

convites e os envelopes ainda em

branco. Isso na semana passada. Fico olhando pensativamente a primeira

gaveta e não sei que

pressentimento me faz pensar que a gaveta ainda está cheia, que os

convites estão todos ali. Aceito o

café que ele me oferece, é um moço muito cordial que agora me conta,

rindo, o fracasso que foi a

tarde de autógrafos do escritor B., vazante absoluta, o único comprador

que entrou na livraria foi para

perguntar se já tinha saído a nova edição d'Os sertões, ah! que

81

engraçado, ele riu. Lembra outro episódio-piada enquanto me sirvo de

outro café, minha mão está

tremendo quando levanto a concha de açúcar, mas esfriou tanto assim? Quer

dizer que a remessa

dos convites foi há uma semana - faço a pergunta afirmativa e ele tem uma

expressão evasiva, com um ponto de suspeita lá no fundo: "Não me lembro

exatamente quando eles foram, sei que agora a coisa é com o correio".

Através do vidro da janela, vejo o céu. Além das incertezas do correio,

há algo que também foge

completamente de qualquer controle: o tempo. E se justo hoje - fim do

dia, começo da noite -

desaba uma tempestade. A cidade virando uma Veneza sem pontes, onde os

leitores, os amigos, os

camaradas de letras? Elegante essa expressão que me soa bem portuguesa,

camaradas de letras. São solidários, sim, mas com qualquer tempo? Na

livraria deserta, alguns familiares fidelíssimos, enxugando

disfarçadamente a água do guarda-chuva que escorreu em cascata até o

ombro. Me vejo solitária como no instante da criação. Uma diferença, a

hora da criação é uma hora vital e aqui as coisas fluem em câmera lenta,

o pesadelo é lento. Às vezes, furtivamente, olho a rua. Sombra e chuva.

Os transeuntes passando num pé-de-vento, arrebatados pela ventania, ah!

como correm! E nesse trecho, a câmera filma acelerado, rapidinho como nas

comédias do cinema mudo. Volta para a lentidão interior. Bebo o vermute

ruim, encho a boca de amendoins e fico desenhando bem devagar a

dedicatória para a tiazinha que lamenta o mau tempo, "que pena!" Não tem

importância, eu digo.

A menor importância, repito e me envergonho do meu tom falsamente humilde

e esqueço o nome

da prima que morou tantos anos em casa. Faço uma dedicatória

afetuosíssima para um

desconhecido e gelada para o amigo íntimo, seria uma solução. Essa

82

do autor morrer na própria tarde de autógrafos, as pessoas chegando na

livraria e a voz compungida

do livreiro avisando que o autor morreu de uma síncope, o corpo está na

Biblioteca Municipal, em

exposição. "Dispo o meu coração como uma puta", resmungou Shakespeare e é

nisso que penso

enquanto you dando a entrevistinha para á jovem que chegou com seu

gravador embrulhado no

impermeável, os cabelos compridos pingando água, as gotas escorrendo no

celofane, casulo das

flores que começam a murchar em cima da mesa. Vejo os dedinhos curtos, de

unhas roídas,

apertando num acaso desesperado os botões do gravador, é que não está bem

certa se estará

gravando ou não, essa máquina continua um mistério para ela. Digo que

todas as máquinas são

misteriosíssimas, quando a gente pensa que aprendeu tudo a respeito,

acontece alguma coisa e fica

escuro outra vez. Mistérios, repito e ela passa para a pergunta número

dois, quando e por que

começou a escrever. Faço a dedicatória para o jovem de olhos asiáticos,

não entendo o nome que

vai soletrando, cometo erros na dedicatória e quando me volto de novo

para o gravador, o coração

não se despe mas veste fantasias sucessivas, agora é um cigano, agora é

um mendigo, veste a pele

de cordeiro mas vira lobo ao beber a água do rio - mistérios, menina!

Me despeço do moço da gráfica que está atendendo o telefone e quando olho

para o céu acumulado,

cortado pela chispa de um relâmpago, me vem uma incontrolável vontade de

rir. Agora sei que a

gaveta continua repleta, convites e convidados, todos fechados ali e ele

sabe disso, esse funcionário

bemhumorado. Na rua, me lembro da ameaça bíblica, Deuteronômio? "O céu

que está por cima da

tua cabeça será de bronze e a terra debaixo dos teus pés será de ferro."

Continuo feliz. Livre.

Recuso a me

83

interpretar mas quando começar a tempestade, o meu céu secreto estará

desabrochado em estrelas.

27 de outubro

Tu quoque Baudelaire?! Sim, ele também, por que não? Anoto este seu

pensamento que é um

símbolo da estrutura patriarcal: Aimer dês femmes intelligentes est un

plaisir de pédéraste.

Não era em vão que as mulheres disfarçavam a inteligência que repelia

pretendentes ao invés de

atraí-los, mulher inteligente chegava a assustar. Me lembro do tio J.

dizendo à minha mãe que

rompera o noivado com M. I. porque ela era inteligente demais, culta

demais, andava exausto com

suas elucubrações intelectuais, queria uma gueixa e não uma Minerva:

"Parece um homem falando!

Me deitar com ela é me deitar com a Mulher Barbada do circo". Minha mãe

riu, eu fiquei rindo

junto mas um tanto preocupada, era adolescente, com certos planos. A

sabedoria então era fazer

como a nossa vaquinha Filomena que escondia o leite? Filomena escondia o

leite, era sonsa.

Roxo é a cor da paixão

Filomena escondia o leite, queria guardá-lo in,Jeiro para o bezerrinho.

Tia L. escondia sua poesia,

quis guardá-la para a morte. Dessa remota tiazinha ficou apenas um

desbotado retrato no álbum:

vestido de tafetá preto de gola alta, agarrada no pescoço para deixar

escapar só a fímbria da

rendinha. Cintura de vespa, toda dura sob as barbatanas do esparti-

84

;

lho. E a carinha em pânico. Leve, descontraída, a sombrinha branca com

seus babados frouxos e um

laçarote transparente no cabo.

Escrevia os poemas escondida, fechada no quarto, a letra tremida, a tinta

roxa. Meu bisavô ficou

meio desconfiado e fez o seu discurso: "Umas desfrutáveis, mana, umas

pobres desfrutáveis essas

moças que começam com caraminholas, metidas a literatas!" Ela entendeu e

fechou a sete chaves a

obra proibida. Antes de morrer (morreu de amor contrariado), pediu que

enchessem com seus

versos o travesseiro do caixão branco, era moda caixões com travesseiros.

Foram tantos os versos,

mas tantos que tiveram que encher também o acetinado colchão da mocinha

duplamente inédita, era

virgem.

Mas quem ousava desafiar a família e a sociedade? Aqui no Brasil foram

bem poucas as que

chegaram a se manifestar. Lá fora o número de artistas até que foi

razoável nos moldes de uma

George Sand que assumiu ofício e sexo com total arrogância. Mas se

passando para a outra banda:

amiga dos homens, assinava seus escritos com nome de homem, vestiuse como

um homem e

fumava tranquila seus charutinhos. Uma época. Dois estilos.

28 de outubro

O telefone tocou às duas da madrugada, fui atender. Era Z., que começou

por me pedir desculpas

pelo adiantado da hora mas é que estava por demais desesperado, ia se

matar. Das duas até as três e

meia, calma e racionalmente fiquei expondo o elenco de razões

poderosíssimas que poderiam levá-

lo a viver. Ele resistiu a todas as razões e quando achei que não tinha

mais nada a dizer em prol da

vida, recorri ao

85

meu último trunfo mas sem convicção, sempre o considerei um materialista:

pode se matar mas

você vai pró inferno!

Ele me pareceu impressionado com a perspectiva desse inferno no qual

nunca acreditou. Ficou

pensativo. Despediu-se já sonolento e prometeu adiar o gesto. Salvei-o

mas não me salvei, agora

quem queria se matar era eu.

A noite perdida. Não perder o dia - resolvi e preparei minhas defesas.

Telefonaram e não atendi,

tocaram a campainha e deixei tocar, veio o correio, as cartas invadindo o

vestíbulo, introduzidas

uma atrás da outra debaixo da porta após os chamados veementes do

interfone. Fiquei quieta,

olhando para uma das cartas que foi atirada com tanta força que chegou

até minha poltrona, o

envelope arfante num desafogo de respiração. Fiz o chá e fiquei roendo

uma torrada com mel

enquanto a campainha recomeçou a tocar com obstinação. Ouço o novo

visitante fungar e estalar os

dedos e não faço ideia quem possa ser essa pessoa que estala os dedos e

funga quando se irrita. Ligo

o toca-discos bem baixinho, Bach: Toccata, Adagio e Fuga em dó maior.

Volto para minha mesa.

Abrir a agenda é entreabrir a carapaça que quando perco (essa carapaça a

gente perde às vezes) fico

escondida como os pequenos crustáceos do fundo do mar, esperando que se

forme outra. Espio os

dias por essa fresta.

29 de outubro

Volto de uma reunião feminista. Exaltação e fervor na maioria das

participantes. De resto, a mesma

confusão de toda revolução ainda no início. Discussões bizantinas em tomo

de palitos quando o

86 )

essencial. . . Muita vontade de afirmação pessoal, muita vontade de poder

na mesma linha machista.

Digressões e agressões desnecessárias. Algumas das revolucionárias sabem.

Mas são poucas as que

sabem e desenvolvem um raciocínio claro. Na maioria, a perplexidade, fico

comovida. Mas não têm

importância, nenhuma importância a confusão e os desencontros de direção

e de linguagem: quando

na Torre de Babel alguém pedia uma tábua, atiravam um tijolo. Toda

revolução desse tipo tem que

ir mesmo por paus e pedras, nenhum prejuízo nisso, pois não é o próprio

sistema que está sendo

revolvido? Não tem ainda a revolução uma base na massa mas esse fato

também me parece normal,

ocorre o mesmo em todas as partes do mundo onde se levantou a bandeira.

Tempo de espera.

30 de outubro

Escolhi a mesinha na calçada e pedi um suco de frutas naturais mas

sabendo que viria um suco com

sabor de frutas artificiais, frutas de laboratório, bebés de laboratório

- mas onde estamos? Enfim, já

anunciaram que temos nossas usinas nucleares, um dia vai chegar um

sergipano (ou um paulistano,

não tenho preconceito de região) e vai apertar distraidamente o botão

errado. Pronto. O Brasil vira

memória. E as pessoas tão inconscientes ouvindo as musiquinhas na porta

da loja de discos. O

homem engraxando os sapatos. O casal de namorados na fila do cinema. O

velho com o netinho

jogando migalhas para os pombos - mas ninguém mais lê os jornais? Me

lembrei que na juventude

quase nem lia jornal e agora essa massa de. informações me atochando

olhos, ouvidos, boca, nariz -

e se parar de ler jor-

87

nais? Era BOM antes, lembra? Mas agora era tarde. Tarde no Planeta! Tinha

de ficar sabendo que a

polícia tailandesa descobriu que casais de traficantes sequestram bebés,

extraem as entranhas das

crianças e enchem os buracos com heroína, cocaína

- mas por que eu tinha que saber disso? Visualizo o casal de jovens

fingindo a maior dor ao

acompanhar no avião o corpo do anjinho pesado de drogas. Mas por que

tenho que assumir também

as patifarias tailandesas? Como se não bastassem as nossas. Afastei o

copo de suco, inapetente para

o suco. Para a vida. Pedi um café e o café igualmente intragável, mas de

onde veio esse café?

perguntei e o garçom cara-de-pau informando que o café veio do Brasil,

ora! Pedi a conta e quando

ouvi minha voz a descoberta me iluminou como um raio: a gripe, estava com

gripe. Aquela

sonolência, a depressão era da gripe, claro, ô maravilha! quando se

descobre a causa. Me dêem a

causa que com o efeito me arrumo eu! Despedi-me efusivamente do garçom e

voltei para casa, ia

depor as armas no primeiro degrau.

As cadeiras

Há duas cadeiras que se parecem tanto que quando me sento numa

imediatamente me ocorre a

lembrança da outra: cadeira de dentista e cadeira de avião. Igual o

constrangimento, a má vontade

quando me dirijo a elas - vontade de adiar a hora. E a partida. A ânsia

no peito, o frio nas mãos. No

bolso, o cartão do dentista com a hora marcada. No bolso, a passagem

aérea, pessoal e

intransferível. Vi certa manhã um gato com seu andar de Veludo rondando a

gaiola do passarinho.

com esse mesmo andar o medo se aproxima de mim, sinto seu cheiro em am-

88

bos os ambientes anti-sépticos, fechados. Cores neutras, luz fria

incidindo nos metais reluzentes que

lembram farmácia. Hospital. Há sempre uma música suave no rádio. O

locutor de voz velada faz o

anúncio no mesmo tom impessoal com que o moço de bordo anuncia pelo

microfone as condições

atmosféricas em meio das recomendações de praxe. A enfermeira tão limpa

de avental branco não

tem qualquer coisa da aeromoça tão gentil que oferece revistas, caramelos

e algodõezinhos para os

ouvidos? O guardanapo é preso ao pescoço com aqueles mesmos gestos

mecânicos com que a

aeromoça vem nos ajudar a fechar o cinto de segurança. "Deseja mais

alguma coisa?" - pergunta ela

com uma amabilidade postiça. Desejaria descer - seria a resposta exata.

Vontade de fugir da cadeira

de couro tão confortável, a almofadinha na altura da nuca, o assento

anatómico, perfeito. Perfeito?

Perfeição um tanto suspeita: depois de tantas inovações, por que o avião

ainda cai? Por que o

dentista ainda dói? Tão importante essa vitória da técnica com raízes

norte-americanas, último tipo,

precisão. Infalibilidade. A aeromoça se afasta com o sorriso igual ao da

chegada. A enfermeira se

afasta e as solas de seus sapatos parecem grudar no oleado do chão. O

ronco do avião no ensaio da

decolagem. O motor do dentista provando uma, duas vezes antes de nele ser

atarraxado a agulha. A

boca aberta como uma oferenda. O corpo encolhido, o peito fechado.

Entrelaçadas no colo as mãos

duras, viscosas. A doce musiquinha do rádio parece vir de muito longe -

de que mundo? Acelera-se

o motor. O corpo se agarra à cadeira, ambos integrados, formando uma peça

só. Curta a respiração.

Os olhos apertados. O pedal invisível é acionado e a cadeira com o corpo

vai se erguendo no ar. Os

motores do avião sopram com mais força, vai levantando voo. A pata do

gato alcança o passarinho.

89

2 de novembro

O repórter do jornal falado da tevê - um moço bonito e bem-vestido - fez

hoje denúncias terríveis.

Sempre estão sendo feitas denúncias terríveis, o Brasil é o país,

suponho, onde se faz mais

denúncias, somos extraordinariamente bem-informados através de todos os

meios de comunicação.

Mas as denúncias feitas nesta noite me perturbaram demais. Guardei apenas

dois números que me

marcaram como se marca o gado: 15000000 (quinze milhões) de árvores são

abatidas por ano na

floresta amazônica. E 500 000 (quinhentas mil) crianças morrem por ano no

Brasil só de

tuberculose, excluídas outras doenças. O país das denúncias. Nunca

acontece nada depois mas ao

menos a gente fica sabendo, o que já é alguma coisa. O locutor esboça um

sorriso após o noticiário

tenebroso e nos deseja uma boa noite.

J de novembro

O menino de cara inchada entra na sala de espera e corre choramingando

até a enfermeira, não está

aguentando de dor, quer que o dentista arranque imediatamente esse

miserável. A enfermeira faz

uma expressão compungida e pergunta se não me importo de ceder minha hora

para o menino. com

todo o prazer - respondo e saio para a rua. Estou leve, inspirada. Nenhum

sentimento de culpa. you

andando e pensando debaixo do sol, é BOM pensar e andar no sol. Dentes

demais, nervos demais.

Num sistema dental assim complexo tem que haver mesmo os inconformados.

Os dissidentes. Mas

a maioria ficou firme, fiel ao regime, me comovo com tamanha dis-

90

ciplina. E este sol e este ar fino. Escrevo um poema no cartão da hora

cancelada: Estou viva. /

Lúcida. / E tirante os dissidentes / os dentes são meus.

Édipo e suspiros

"Realizei inúmeras pesquisas com o pneumógrafo", disse Cari Jung. "Nesse

aparelho, fica

registrado o volume exato da respiração sob a influência de um complexo,

isto é, sob a influência de

um bloqueio que restringe, trava o ato de respirar plenamente. Assim, uma

das razões da

tuberculose é a manifestação de um complexo sob o domínio do qual as

pessoas têm uma respiração

artificial, sem profundidade porque não são ventilados os ápices

pulmonares. Daí o organismo,

fragilizado, com maior facilidade contrai a doença. Queria acrescentar

que metade dos casos de

tuberculose é de origem psíquica. A título de ilustração, vi muitas curas

verdadeiramente

surpreendentes de tuberculose crónica efetuadas por psicanalistas. No

tratamento psíquico, aos

poucos as pessoas aprendiam de novo a respirar quando se revelava a

natureza dos seus complexos:

se autoconheciam. E se conhecendo, se aliviavam passando a respirar

melhor, caminho seguro para

a cura total."

Nessa abordagem, não tratou Jung especialmente do complexo de Édipo, mas

repensando nos

nossos românticos, tuberculosos na sua estarrecedora maioria, vejo que

não podiam eles escapar da

engrenagem edipiana numa época em que o preconceito em relação ao segundo

sexo estava no

auge, nítida a divisão das mulheres em dois grupos rigorosos, como num

laboratório de química: de

um lado, as mães, as irmãs, as esposas e as noivas, incluídas nes-

91

sã faixa aquelas que entravam para o convento, mortas para este mundo. No

lado oposto, as

prostitutas sem misturas e sem nuances: santas e pecadoras. Santuário e

besteiro.

Dentro da mentalidade vigorante, natural o surgimento e desenvolvimento

do complexo edipiano:

Mal do Século somado ao Mal de Édipo, as letras graúdas para ênfase maior

porque a carga era

realmente poderosa, Álvares de Azevedo, edipiano puro, é um exemplo

bastante expressivo dessa

fixação materna: longe de casa e morando numa cidade na qual não achava a

menor graça, começou

a viver mal. Respirar mal, as portas e as janelas sempre fechadas, ele

detestava o ar livre. O peito

fechado e fechada a braguilha. Devia suspirar muito, os românticos

suspiravam demais. Suspiros

doloridos, suspiro nunca é saudável porque quem suspira é um complexado e

complexado edipiano,

esse então suspira dobrado.

"Que fatalidade, meu pai!" - suspirou antes de morrer, mas ao invés de

dizer pai, poderia ter dito

"minha mãe!" não tivesse ele tido o cuidado de afastar a mãe do quarto,

pai pode sofrer, mãe,

nunca! Paixão por essa mãe. Paixão pela irmã. A solução era escrever seus

poemas, suas cartas,

relatos às vezes divertidos, maliciosos, agudo o senso de humor. Outras

vezes, confidências de um

menino mimado, queixoso, o tom quase amargo mas contido, não fosse ela se

afligir ainda mais

com o seu pessimismo. com a sua saudade.

Nas poesias, real ou inaparente, a imagem materna sempre magnífica: o

sagrado amor. Alguns

poetas menores como Casimiro de Abreu, exaltadores da infância (ai! os

meus oito anos!) também

foram edipianos exemplares nessa Escola de Morrer Cedo. Mas Álvares de

Azevedo tinha o vigor

do génio:

92

Se eu morresse amanha, viria ao menos fechar meus olhos minha doce irmã;

Minha mãe de

saudades morreria Se eu morresse amanha!

"Botei meu nené numa creche pra acabar desde cedo com fixações,

dependências", me disse uma

feminista convicta. Minha razão concordou plenamente com esse

comportamento, está certo, cortar

em profundidade o cordão umbilical, não venha ele se enrolar mais tarde

no peito do edipiano,

dificultando-lhe o ato de respirar com todas as sombrias consequências

junguianas. Mas meu

coração, esse resistiu à ideia. E se o menino, escapando dos suspiros

edipianos, crescer aquele moço

ressentido, fazendo bico, um a mais no exército dos rejeitados crónicos?

A prova ;

Estatísticas. Números. A civilização da tecnologia. Então alguns

cientistas-monges resolveram

demonstrar que existe alguma coisa de imponderável que escapa a esse

materialismo que está

fazendo do homem o mais infeliz dos seres: num laboratório foram

plantadas três sementes em

condições e circunstâncias absolutamente iguais. Igual a terra, a

iluminação e a água regada nos três

vasos onde foram colocadas as sementes trigêmeas. Uma única diferença

nesse tratamento: quando

o cientista-monge regava a terra do primeiro vaso, dizia em voz alta

palavras de fervor, esperança.

Palavras de amor: "Quero que você cresça bela e forte porque confio em

você, porque neste instante

mesmo estou lhe dando minha bênção do fundo do coração". . . etecétera,

etecétera. Diante do

segundo vaso, em silêncio e

93

automaticamente ele deixava cair a água. Mas quando chegava a vez do

terceiro vaso, ele só tinha

palavras de hostilidade, desafeto: "Você será uma plantinha anêmica,

feia, não acredito na sua

sobrevivência, está me ouvindo? Não gosto de você!"

Ela ouviu. As outras também ouviram e sentiram a diferença de tratamento:

a semente bem-amada

resultou numa planta vigorosa e cheia de graça. A semente regada com

indiferença cresceu

indiferente, sem a exuberância da primeira. Quanto à semente rejeitada,

esta virou uma plantinha

obscura, de caule entortado e folhas tímidas, a cabeça pendida para o

chão.

A disciplina do amor

Foi na França, durante a segunda grande guerra: um jovem tinha um

cachorro que todos os dias,

pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um

pouco antes das seis da

tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e na maior

alegria, acompanhava-o com

seu passinho saltitante de volta a casa. A vila inteira já conhecia o

cachorro e as pessoas que

passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava a correr todo

animado atrás dos mais

íntimos. Para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o

momento em que seu dono

apontava lá longe. Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi

convocado. Pensa que o

cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina,

fixo o olhar ansioso

naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse

indicar a presença do dono

bemamado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava sua vida

normal de cachorro até

chegar o dia

94

seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à

pata, voltava ao seu posto

de espera. O jovem morreu num bombardeio mas no pequeno coração do

cachorro não morreu a

esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia

chegando aquela hora ele

disparava para o compromisso assumido, todos os dias. Todos os dias. com

o passar dos anos (a

memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que

não voltou. Casou-se

a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares.

Os amigos, para outros

amigos. Só o cachorro já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu)

continuou a esperá-lo na

sua esquina. As pessoas estranhavam, mas quem esse cachorro está

esperando?. . . Uma tarde (era

inverno) ele lá ficou, o focinho voltado para aquela direção.

Persona

Passei o pente no cabelo, abotoei o colete, enfiei o anel no dedo e me

olhei no espelho: a imagem

(persona) correspondia exatamente ao juízo que eu (e os outros) faziam de

mim. Fechei a mala.

Tomei o trem. Na recepção do hotel, apresentei meus documentos, preenchi

a ficha, gratifiquei o

moço que me conduziu ao apartamento, descerrei as cortinas para a bela

vista e liguei o rádio de

cabeceira que tocava a Serenata de Schubert. Quando anoiteceu, rasguei

meus documentos em mil

pedacinhos, joguei tudo no vaso sanitário e puxei a descarga, tirei o

colete, guardei-o dentro da

mala e despachei a mala para o seu país de origem, desfiz as pegadas da

estação até o hotel,

tranquei a porta do quarto, joguei a chave no rio e saí pela janela.

95

Tunísia

Sondei o nosso acompanhante, um árabe de longa bata cinzenta, bigodões

negros e fez vermelho no

alto da cabeça, o pingente ao vento. Pergunto-lhe se Cartago era muito

longe de Túnis.

"Carthage?',', ele repete num francês forte, carregado nos erres, francês

de árabe em terras d'África.

Não, não era longe não, ficava cerca de meia hora dali, talvez menos.

O hall borbulhante, já transbordando com as delegações do festival de

cinema que chegavam de

todas as partes do mundo. Quando entrei no elevador, senti um perfume

delicioso: âmbar. Certos

perfumes me deixam feliz e aquele especialmente, luminoso, quente. Alguém

subiu neste elevador e

deixou este perfume, eu disse a P. E. A mesma pessoa esteve aqui de novo,

pensei em êxtase

quando entrei no elevador pela segunda vez. Na minha distração, custou um

pouco para perceber

que o perfume de âmbar fazia parte do elevador. Então, sempre que entrava

nele, ficava feliz outra

vez. E Cartago?

Outono sob o sol da África quer dizer verão. Mas as noites são suaves com

uma brisa cálida que

chega a ser fria madrugada adentro. "Puxa, como os ricos se divertem!" -

foi o pensamento

subversivo que tive na manhã em que da sacada do apartamento fiquei vendo

lá embaixo, em redor

da mancha azul-turquesa da piscina, americanos e alemães lustrosos e

vermelhos tomando sol nas

suas cadeiras, óculos escuros, o copo de uísque na mão, servidos por

jovens garçons de calças

bufantes, ah, como brilhavam as uvas douradas entre os cubos de gelo. O

vinho também dourado.

Esqueci-os na sua imobilidade de lagartos e fiquei vendo a cidade lá

adiante na sua brancura

imaculada de cal. Nas lonjuras, com o casario rareando nos descampados,

as silhuetas dos camelos

cruzando as estradas.

96

Convencionai a divisão mas válida: tem as cidades masculinas e as cidades

femininas, ô padre

Anchieta!, meu Padrinho, que optimus para o industrial e que pessimus

para o artista viver no

regaço de aço de uma cidade-macho como São Paulo. O Rio? Feminino, é

claro. Nessa trilha, Túnis

também é uma cidade do segundo sexo e do terceiro mundo, acentuado o sexo

na disposição do

casario redondo, sem arestas, com seus labirintos e mistérios de um tempo

em que o sexo ainda

tinha mistério. com a moda dos sexólogos e da indústria do erotismo

parece que o mistério acabou.

Ou ainda restou algum? . . .

Perambulo pela cidade que é bela e limpa, bela na parte antiga porque não

contaminada pela

arquitetura ocidental. Os mercados refulgentes de peças de cobre,

tapeçarias, jóias. As praças onde

os vendedores ambulantes abrem suas tendas de uvas e tâmaras em cachos.

Os mendigos também

em cachos.

Fico olhando as mulheres vestidas à maneira tradicional, o rosto velado

embora a dura lei dos

árabes já as tivesse libertado do uso obrigatório do véu que deixa apenas

os olhos de fora. Olhos

negros, pintados, contrastando com a brancura das túnicas nas quais se

enrolam da cabeça aos pés.

A um garçom que me serviu um peixe rosado como a rosada areia de

Hammamet, perguntei por que

as mulheres não tinham ainda se decidido a baixar o véu. Pressão da

família? Da religião? Eram

raras as que passavam pelas ruas vestidas à maneira ocidental, ousando

desafiar os costumes:

algumas jovens com jeito de universitárias e algumas mulheres maduras, o

ar independente de

viúvas ou intelectuais afeitas aos usos de outras terras. O garçom negou

com veemência qualquer

pressão religiosa ou familiar. "É que elas se habituaram com esse estilo

de vestimenta, apenas isso. .

." Fiz-lhe a pergunta direta; e a sua

l

97

mulher? Ela anda sem o véu? O homem me encarou, escandalizado: "Nunca,

madame, imagine se

eu ia permitir! Mulher tern que ser escondida. Guardada".

As guardadas mulheres da Tunísia. No festival de cinema, as bobinas se

desenrolando. As

mulheres-bobinas se enrolando nos véus. Sob o céu estrelado me senti

dentro de uma das antigas

gravuras (imagens secretas) das Mil e uma noites, conta, Sheherazade!

Sexta-f eira 13

Era um romance e reduzi para uma novela. Era uma novela e reduzi para um

conto - fragmento que

pode ser lido em poucos minutos e soprado da memória com a rapidez com

que foi soprada a cinza

da pequena urna que o funcionário do crematório entregou ao familiar

interessado. E que o familiar

interessado (segundo a vontade do morto) deveria espalhar no campo. Ou no

mar, isso se a moda do

dia estivesse mais inclinada para o mar. Mas o familiar interessado abriu

mão de todo o ritual que o

morto idealizou (veleiro, as cinzas na espuma das ondas ou o cavalo de

crinas ao vento, a campina,

cavaleiro e ânfora) e simplificou a cerimónia: levou a pequena urna até o

clube, tinha atrás da

quadra de ténis uma pista de corrida, podia enterrá-la debaixo da árvore.

Debaixo da árvore, dois

tenistas tomando laranjada, desistiu. E naquele terreno baldio? Lá perto

mesmo, hem? Que tal

naquele terreno? Foi até o terreno, ótimo, ninguém. com o cabo quebrado

de uma vassoura que

achou no meio do mato já alto, fez a cova apressada e enterrou a urna,

cobrindo-a com terra, lixo, o

que encontrou

98

fácil em redor. Quando saiu, viu o moleque espiando, esperando que ele

sumisse para desenterrar a

urna, jogar as cinzas fora (louco de raiva, mas não era dinheiro?) e

levar a caixinha, quem sabe

podia render alguma coisa. Chutou uma pedra, e daí? Fazer o quê agora?

"Paciência, tenho hora

certa pra pegar o batente, viu? E com esse trânsito, caralho! Um pouco

mais de respeito pelos vivos,

pó!"

Apiaí

A origem talvez esteja no verbo apear, desmontar, botar o pé no chão,

vamos, apeia aí! mas também

não estou certa, o que sabe a gente das origens? Me lembro do rio rolando

pardacento perto da casa

dos morcegos, uma ruína que tinha sido - contavam - uma bela casa onde

fora assassinada a Laura

das Rendas. Agora era o abrigo da morcegada, meu irmão prendeu um na

gaiola, pude ver a cara

dele bem de perto: a focinheira arrebitada, de um cinza escamoso, era

ruim como a do pequeno

diabo sob a sandália do soldado-santo na pintura da parede da igreja, as

velhas beatas raspavam

com a unha da raiva esse focinho. Mas seus olhinhos murchos, com laivos

de sangue, tinham o

cansaço triste dos olhinhos de um velho, solta ele! eu pedi. O Morro do

Ouro. Meu pai era dono de

um pedaço do morro, tem mesmo ouro, pai? eu perguntava e ele sorria por

entre as baforadas da

fumaça do charuto, gostava de charutos e roleta, era um jogador. Minha

mãe tocava piano e fazia

goiabada no tacho de cobre, chamei de mulher-goiabada às mulheres dessa

geração. Gostava de

cantar e me parecia alegre mas vendo hoje os seus retratos, noto que sua

expressão era triste, ela era

triste?

99

Todas as noites, depois do jantar, a molecada do bairro se amontoava no

portão da minha casa: era a

hora negra das histórias dos lobisomens, bruxas, almas-penadas, tinha uma

procissão de caveiras

que passava à meia-noite, cantando, ô Deus! como eu tremia quando minha

pajem tapava o nariz e

imitava na perfeição esse canto. Minha mãe descobriu que ela chamava a

cachorrada para lamber no

chão os pratos sujos com os restos do jantar (tinha pressa, queria ficar

livre logo) e botou-a de

castigo. Então tomei seu lugar de contadora de histórias e assim que

comecei a inventar, vi que

sofria menos como narradora porque transferia meu medo para os outros,

agora eram os outros que

tremiam, não eu. Datam desse tempo meus primeiros escritos, isso depois

do aprendizado com a

sopa de letrinhas, aprendi a escrever meu nome com as letrinhas de

macarrão que ia alinhando na

borda do prato, me lembro que o y era difícil de achar, procurava no meu

prato, ia ver no prato dos

outros que acabavam me enxotando. Tinha que recorrer ao caldeirão

fervente com as letras

borbulhando lá no fundo.

Ervagens

Começou por dizer que trabalhava no campo desde menino e que era parente

longe de Bismarck,

por acaso eu já tinha ouvido falar em Bismarck? Fiz que sim com a cabeça

e ele apertou os olhinhos

azuis e vivos como duas continhas. Coçou o queixo com a barba branco-

amarelada meio rala e no

sorriso mostrou apenas os dois caninos que lhe restaram, avariados, mas

resistindo: "Ich! ser

parente de gente importante não adianta nada". Concordei, é verdade, às

vezes não adiantava

mesmo nada. Ele apoiou

100

l

a enxada na árvore e apontou para uma touceira, está vendo? Alecrim. E

disse que chá de alecrim

era um santo remédio para o coração, por acaso meu coração não andava

bem? Inclinei-me para a

planta, meu coração? Sim, até que ele andava bem demais, mas que coração

não funciona quando se

tem vinte anos? O problema é que eu estava apaixonada, o outro se lixando

com o meu amor e esse

amor fazendo crescer aquele fogaréu no peito, ô Bismarck! qual é a erva

que acalma o amor?

perguntei mas ele agora se voltava para um pé de hortelã, a melhor coisa

do mundo para o estômago

era um chazinho de hortelã sem açúcar depois das refeições. Olhei

desinteressada para o galho com

as folhinhas ainda úmidas de chuva, apanhei uma e triturei-a nos dedos.

Fiquei sentindo seu

perfume, estômago? Nem sabia se tinha algum, o que me doía às vezes era a

barriga, esse chá devia

ser BOM para velhos, tinha uns velhos lá em casa, mas o que me

interessava saber, viu? . . . O

alemão já capengava todo animado em redor de outra planta, voltou com uma

folha, essa era a

ervacidreira, beleza de chá pra sossegar o nervo. Nervos? Trinquei a

folha nos dentes, não, também

não, minha loucura era razoável, fechada a sete chaves, o meu era mal de

amor, amor! Não que não

quisesse amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento, comecei a dizer e o

velho meio surdo me

explicando que o chá de folha de tangerina era demais de BOM para

desengrossar sangue grosso,

pensei que se tratasse de folha de mexerica mas a folha de tangerina era

diferente, quer ver?, e ele

foi buscar ligeiro a folha espessa e aveludada: bastava uma xícara desse

chá e o sangue já ficava

leviano como o sangue de uma criancinha. Guardei a folha no bolso da

blusa enquanto ouvia a

advertência do perigo de cortar gripe com pílulas, injecoes, a gripe

tinha que madurar na-

101

turalmente até que o catarro, com o perdão da palavra, se desgrude do

peito porque senão vira a

tísica.

Puxei-o pelo braço antes que ele fosse buscar a folha antigripal, mas e a

tisana para o mal de amor?

Tinham me dito que ele conhecia umas ervagens para atenuar aquela

aflição, aquela ansiedade,

mesmo dormindo estava acordada como o dragão da história, ô vigilância! ô

tensão! Não confundir

com tesão que isso não se usava, imagine, todas as emoções muito

espirituais, era a alma

esbraseada e quando se dizia alma, não se pensava noutra coisa, veja: só

porque um colega vivia

falando nas vantagens do amor livre, foi apelidado de Amor Livre e podado

de tudo quanto era

festinha de família. E só tinha festinha familiar no nosso grupo.

Mal de amor? Ah. . . - fez o alemão apertando os olhinhos incrivelmente

jovens. Sorriu e falou num

tom secreto que tinha de fato uma erva rara para abrandar essa doença,

maravilha de erva mas que

não dava assim à beça, não, só conhecia um pé perto da sua casa, meio

mofino porque alguém

descobrira os efeitos e vivia levando as folhas, gente ruim, até os

brotinhos arrancavam com a unha

mas ele já tinha tirado uma muda que crescia taluda, graças a Deus!

Tomei-lhe a mão escamosa,

então? podia me trazer algumas folhas? Ele se empertigou altivo, fino e

de repente ficou um

príncipe: teria o maior contentamento em ajudar a mocinha mas só amanhã

que agora já ia

anoitecer, amanhã, nessa mesma hora, traria até uma muda que ia plantar

numa lata, eu podia levar

quando viajasse. Pegou a enxada, enfiou a trouxinha de remendos no cabo,

botou a enxada no

ombro e lá se foi capengando pela picada barrenta, amanhã, amanhã!

Quando eu já ia chegando na sede da fazenda, me lembrei, mas não! amanhã

eu devia ir embora

cedinho, logo no primeiro trem para alcançar a pro-

102

vá oral, fim das férias e do convite, não tinha a menor ideia se um dia

ia voltar, ei! Bismarck! Otto

von Bismarck! fiquei chamando aos gritos. No silêncio que ia se fazendo

penumbra, só ouvi a

resposta de um passarinho, um fogo-pagou repetindo infinito que o fogo

tinha apagado, fogo-

pagou-pagou-pagou. . .

Marrecas selvagens

Algumas atravessam o lago voando na superfície, tão rasteiras no seu voo

que os pés vão roçando as

águas, deixando atrás de si um leve sulco que logo desaparece. Mas outras

fazem a travessia no

fundo do lago: submergem completamente para só ressurgirem na outra

margem. Então soltam

gritos, as asas pesadas de lodo, arrastando ainda nos pés restos de

plantas aquáticas. Eu olhava para

as marrecas que escolhiam o fundo.

As frases fatais

Numa revista norte-americana leio esta declaração da feminista B. F.:

"Será maravilhoso envelhecer

um dia e poder me instalar tranquila num banco de jardim, sem que apareça

qualquer sedutor

frustrado procurando puxar conversa".

Não acho maravilhoso envelhecer. A gente envelhece na marra, porque não

há mesmo outro jeito, já

fui a tantas estações de águas, já bebi de tantas fontes - onde a Fonte

da Juventude, onde? Quanto ao

banco de jardim, se um sedutor (frustrado ou não) vier conversar comigo,

não me parece isso um

103

horror, basta me levantar e ir sentar em outro banco. Pode ser também que

o sedutor frustrado nem

queira seduzir mas falar apenas na sua frustração, já vi tanto

desconhecido querer falar sobre seus

problemas. Então a gente ouve ou não. Horror mesmo seria se me sentasse

num banco de jardim e

as pessoas fugissem de mim espavoridas, sedutores e criancinhas. Aí, sim,

eu ficaria muito triste.

Frase fatal de outra feminista, mulher que admiro muito, M. T. H.: "Odeio

os homens e me deito

todas as noites com o homem que amo!"

As contradições. Mas esse ódio generalizado pelos homens não acabará por

contaminar o seu amor

no particular? A vontade de vingança só pode desviar a revolução dos seus

objetivos verdadeiros.

Às mais exaltadas, lembro a frase de Che Guevara num diálogo com seus

revolucionários: "É

preciso endurecer mas sem perder a ternura".

As frases ideais

Volto (ainda e sempre) a Simone de Beauvoir e dela destaco esta frase,

marco elementar desde o

início da luta: "Somente o trabalho fora do lar é capaz de ajudar a plena

realização psíquica e social

da mulher".

E a retaguarda dessa mulher que vai trabalhar fora? Como fica essa

retaguarda? A professora

Moema Toscano dá a resposta certa: "Enquanto não se superar a necessidade

da empregada

doméstica (como acontece nos países desenvolvidos) eu não acredito que

possa haver um

feminismo no Brasil".

I«4

Revolução na Igreja

Dona Petronilha - vamos chamá-la assim, pois como não conheço mesmo

ninguém com esse nome,

servirá ele para batizar essa dama. Dama que existiu com sua voz macia e

olhos de aço, marcando

com seu perfil agudo a minha infância. Falar em dona Petronilha era falar

em alma piedosa, sem

orgulho, pronta para descer do seu pedestal para se dedicar às obras de

caridade que o jornal local

apregoava e que o padre mencionava com fartura de detalhes nos sermões de

domingo. Tinha

cadeira cativa na igreja, controle total das quermesses no Largo do

Jardim, nome gravado no

mármore da biblioteca e opinião acatada pelo juiz quando a pequena sala

do fórum se agitava em

julgamentos locais. Afinal, quem ajudou a reconstruir a cadeia?

Deixara-lhe o marido uma respeitável fortuna acumulada em negócios de

usura, mas como quem

empresta aos pobres empresta a Deus, era ela exigentíssima quanto às

fortunas alheias,

principalmente se os donos de tais fortunas traziam no nome uma certa

raiz semita: logo vi, dizia ela

reticente, e todos sorriam em redor, ah! o faro de dona Petronilha . . .

Tirou do asilo três órfãs que

trabalhavam de graça em sua bela casa mas não se deduza disso que dona

Petronilha era avarenta,

ao contrário, quem fez a doação dos preciosos livros encadernados que

enchiam as estantes da

biblioteca? Dona Petronilha. Quem deixava na sacola que era passada

durante a missa a maior

esmola? Dona Petronilha. É verdade que os tais livros doados foram todos

escolhidos por ela,

seleção rigorosa, "nada de imoralidades ou pregações políticas!" Também

os leitores eram

selecionados porque faziam parte de um clube sob sua presidência: só

aceitamos sócios finos,

educados, dizia ela, e não essa gente de mãos sujas.

105

Comovido com tamanha generosidade, além da cadeira cativa o padre já lhe

assegurara uma gaveta

funerária na igreja, os dizeres esclarecendo na pedra por que razão

mereceu essa dama tal

homenagem póstuma. Mas poderia ser de outra forma? Natural que seu

augusto nome liderasse a

lista das patronesses nos espetáculos beneficentes, natural vê-la ainda

dirigindo como sócia-

fundadora o jornal dos literatos da cidade: "Não pretendo em absoluto me

intrometer nos trabalhos

desses jovens mas quero, isto sim, orientá-los!" Orientou também o grupo

teatral quando o grupo

resolveu representar o poema As máscaras: em meio dos ensaios, como

achasse fortes demais os

arroubos amorosos de Arlequim, aconselhou alguns cortes drásticos e tão

profundos que o rapaz

que fazia o papel ameaçou abandonar tudo, não fosse a habilidade com que

ela resolveu o impasse:

fico com metade dos ingressos, decidiu. E faço questão de presenteá-los

com as fantasias. Mas

quero adiantar que só comparecerei se forem feitos os tais cortes que

sugeri. Vocês são livres, meus

queridos, vocês decidem.

Compareceu. E se nunca foi a passeatas marchando com Deus e pela Família

é porque naquela

época não havia nenhuma iniciativa nesse sentido e nem era preciso.

Lembro-me agora da figura bem desenhada de dona Petronilha, a de voz

macia e olhos de aço. E

vejo nessa figura da minha infância o símbolo da burguesia diante da qual

se curvavam os poderes

públicos e a Igreja. Tudo em miniatura, é certo, cidade pequena, igreja

pequena, prefeitura mínima.

Mas o mesmo funcionamento da engrenagem das grandes máquinas: no centro,

dona Petronilha e,

em redor, a massa encardida do povo de mãos sujas e boca aberta para as

reivindicações.

Vejo agora a nova Igreja se libertando dessa

106

burguesia. Vejo a nova Igreja empenhada na mais corajosa das revoluções

para superar a Igreja do

passado, intransigente, paternalista e cujo destino do altar, como

acentuou Tristão de Athayde, se

confundia com o destino dos tronos.

!

l

10 de dezembro

Se sou amada, tenho esperança - descobri hoje cedo. Mas amada por quem?

Não por mim mesma,

seria pedir demais. Pensei em telefonar para os amigos mas hoje os amigos

estão ocupados. Ou

ausentes, viajando, é muito grande o número das pessoa em trânsito. O

único telefone que tentei me

respondeu polidamente isto é uma gravação, queira deixar o seu nome ou o

recado que a senhora

Aí. K. voltará breve. Muito obrigada. Tudo isso com um fundo musical,

Night and day. Liguei mais

uma vez só para ficar ouvindo a musiquinha. Tentei ler, fui pegar as

Confissões de Santo Agostinho

que hoje a leitura deve ser mística, já que não fui à missa. Me lembrei

que faz muitos anos que não

you à missa porque tenho que arrumar a minha mesa ou fazer ginástica ou

responder alguma carta.

E minha mesa está em desordem e também aqui dentro. Dialogar comigo

mesma, pensei depois que

li no pórtico do livro: "Criastes-nos para Vós e o nosso coração vive

inquieto, enquanto não repousa

em Vós". O diálogo, se não com Deus, ao menos comigo, mas me dizer o quê?

Comecei a escrever estes fragmentos: fiquei sendo a narradora que me

focaliza e me analisa mas

sempre através de uma intermediária que seria o terceiro lado deste

triângulo. Fica simples, somos

três.

107

Perfeito o convívio entre nós porque a intermediária é discreta, tipo

leva-e-trás mas sem

interpretações.

O casal

Vita Sackville-West e Haroldo Nicolson, uma lésbica e um pederasta,

mantiveram intacto o seu

casamento e foram felizes até a morte - na versão do biógrafo do casal,

filho de ambos. Mais

estranho considero um casal amigo do meu pai, com relações sexuais

regulares (os filhos do

casamento iam nascendo tranquilamente), mas que durante trinta anos não

trocou uma só palavra. E

viviam na mesma casa. Numa cidade pequena. Não se falaram durante toda a

existência que teve a

duração do casamento, morreram num desastre de trens. Quando chegava

alguém (um empregado

ou um amigo) aí então se comunicavam mas sempre através desse terceiro,

mais ou menos assim:

"Hoje tenho médico às três horas", ela dizia, "you precisar do carro,

estarei de volta antes das cinco.

Mas caso ele queira o carro nesse período, posso tomar um táxi." O amigo

(ou o empregado)

voltava-se para ele: "Vai precisar do carro nesse período?" O homem

encarava o amigo (ou o

empregado): "Diga a ela que hoje ficarei em casa o dia todo, poderá

dispensar depois o motorista,

obrigado". Quando faltava esse intermediário que podia também ser um dos

filhos, simplesmente

mantinham-se em silêncio.

108

11 de dezembro

Encho a xícara de café bem quente. Acendo um cigarro. Se trabalhar bem,

ela poderá mais tarde

ligar a tevê e ver um filme antigo de vampiro, aviso. Ou o seriado d'O

incrível Hulk, isso se for dia

daquela flor de moço virar um gigante verde, arrebentando as camisas. Me

detenho nesse detalhe: e

essas camisas que ele usa e na hora da metamorfose estalam e ficam

reduzidas a trapos? Hem? . . .

Encurtam, enxovalhadas. E reaparecem em ordem, a roupa reconstituída

assim que ele volta à

aparente normalidade. Mas há tanto tempo o cinema não esclarece esse

detalhe, lembra? aquela

jovem que virava pantera em plena rua mas e os sapatos, os brincos? Onde

vão parar esses

acessórios na hora da danação? E como podem eles voltar na cena seguinte?

A moça-pantera com

seu impermeável de couro e sua boina que estava na moda quando vi essa

fita. No desenho

animado, o gato tom dando trombadas na parede, caindo todo fragmentado e

os cacos se juntando

em seguida, os dentes perfeitos, nenhum vestígio da desintegração. Esses

e outros mistérios fora do

cinema. E que jamais serão revelados, ô felicidade!

12 de dezembro •

Nada fácil testemunhar este mundo com tudo o que tem de BOM. De ruim. Um

mundo grande, que

vai além da chácara do vigário. Diante de si mesmo, diante do papel o

escritor se sente grande

porque sua tarefa é digna. Pode ser corrompido mas só raramente corrompe.

109

Et inquietum esí cor nostrum

Volto às Confissões. É BOM ler Santo Agostinho, repensar nas suas

palavras de humildade neste

tempo de arrogância. A moda instável, as pessoas instáveis, obsessão pelo

novo: durou pouco a

moda dos técnicos, me lembro que um candidato, no seu cartaz de

propaganda, botou lá o retrato,

radiante, o nome embaixo e a ordem: Vote num técnico! Mas técnico em quê?

Ele não dizia e nem

era preciso, deve ter sido eleito. Veio em seguida a moda dos executivos:

cursos para executivos,

restaurantes para executivos, ginástica para executivos, até ônibus, até

mulheres. . . Não durou

muito, o brasileiro é inconstante e veio a moda dos psicólogos. Centenas

de psicólogos de avental

branco, defendendo tese e abrindo consultório, orientando nas escolas e

dando cursos em serviços

sociais e particulares - enfim, se a situação deu uma piorada, não foi

por falta desses profissionais.

Mas eis que já vem por aí, como uma cachoeira cobrindo tudo, a moda dos

sexólogos. Só se fala em

sexologia para crianças, adultos, velhos, alegria, meus velhinhos! que os

sexólogos resolvem

qualquer problema. Ou, pelo menos, esclarecem.

16 de dezembro

Meu menino foi se chegando, a festa ainda no meio quando ele se chegou

com aquele jeito assim de

quem não estava querendo nada. Sem a menor pressa, em silêncio, encostou

a cabeça no meu

ombro. Apoiou-se mais e foi levantando a perna. Não venha me dizer que

você quer subir no meu

colo!

- eu disse fingindo espanto. Mas ele não queria dizer nada, aprendera com

os grandes que às vezes

110

/

o silêncio é muito mais convincente do que a palavra e o movimento. Este,

ele completou de

repente subindo nos meus joelhos e se enrodilhando em seguida,

transbordando quase (tinha

crescido tanto) mas cabendo ainda no pouso ao qual estava acostumado. Mas

desse tamanho e ainda

querendo colo, filho? Queria. Daquele tamanho mesmo queria uma só coisa

em meio da festa: colo.

Em vão lembrei que era cedo ainda para dormir, a festa era dele, não

queria mais uma fatia de bolo?

E que tal um sorvete? Ah! e o teatrinho do João Minhoca, o moço já estava

montando os bonecos,

então ia perder o João Minhoca?! Já estava perdido porque agora ele

dormia profundamente.

Tranquilo. Vai me amarrotar todo o vestido, eu me queixei ajeitando-o

melhor (tão grande!) e

limpando a baba - fio dourado de mel

- que já lhe escorria da boca entreaberta. Mas como ele cresceu neste

último ano! pensei. Pensei

ainda que aquela bem podia ser a última vez que ele me pedia para dormir

no colo, andava tão

independente, tão consciente da sua condição de homem. Quem sabe não

seria mesmo a última vez

que o tinha assim tão completamente meu como o tivera um dia? Assim tão

junto que formávamos

ambos um só corpo. Baixei os olhos cheios de lágrimas quando senti (tão

próximo) o doce cheiro de

poeira e suor com uma vaga memória de sabonete. Senti na pele o calor da

baba que me varou o

vestido. Contomei-o frouxamente com os braços como costumava contomar o

ventre quando não

sabia o que fazer com as mãos. Entrelacei os dedos que se fecharam num

círculo.

111

O direito de não amar

Se o homem destrói aquilo que mais ama, como afirmava Oscar Wilde, a

vontade de destruição se

aguça demais quando aquilo está amando um outro. O egoísmo, sem dúvida o

traço mais poderoso

de qualquer sexo, transborda então intenso e borbuIhante como água em pia

entupida, artérias e

canos congestionados na explosão aguda: "Nem comigo nem com ninguém!"

Deste raciocínio para

o tiro, veneno ou faca, vai um fio.

A segunda porta foi a que escolheu aquele meu colega de Academia quando

descobriu que a pior

das vinganças é não matar mas deixar o objeto amado viver, viver à

vontade, "pois que ela viva!"

decidiu ele na sua fúria vingativa.

Amou-a perdidamente. Acho que nunca vi ninguém amar tanto assim, talvez

com a mesma

intensidade com que ela amava o primo, disse isso mesmo numa hora de

impaciência, estou

apaixonada por outro, quer ter a bondade de desaparecer da minha frente?

Mas o meu colega (vinte

anos?) acreditava na luta e como ele lutou, meu Deus, como ele lutou!

Tentou conquistá-la com

presentes, era rico. Depois, com intermináveis poemas de amor, era poeta.

Na fase final, no auge da

cólera - era violento - começou com as ameaças. Ela guardou os presentes,

rasgou os poemas, fez a

queixa a um tio que era delegado da seção de homicídios e foi cair nos

braços do primo sem o

recurso das rimas e dos diamantes mas que conseguia fazê-la palpitar mais

branca e perfumada do

que a açucena-do-campo.

Meu colega dava murros nas paredes, nos móveis. Puxava os cabelos, "ela

não tem o direito de me

fazer isso!" com a débil voz da razão, tentei dizer-lhe que ela bem que

tinha esse direito de amar ou

não amar, vê se entende essa coisa tão simples!

112

Mas ele era só ilogicidade e desordem: "you lá, doulhe um tiro no peito e

me mato em seguida!"

jurou. Mas a tantos repetiu esse juramento que fiquei mais tranquilizada,

com a esperança de que a

energia canalizada para o ato acabaria se exaurindo nas palavras.

O que aconteceu. Uma noite me procurou todo penteado, todo contido, com

um sorrisinho no canto

da boca, sorriso meio sinistro, mas lúcido: "Achei uma solução melhor",

foi logo dizendo. "you

ficar quieto, que se case com esse tipo, ótimo que se casem depressa

porque é nesse casamento que

está minha vingança. No casamento e no tempo. Se nenhum casamento dá

certo, por que o deles vai

dar? Vai ser infeliz à beça! Pobre, com um filho debilóide, já andei

investigando tudo, ele tem

retardados na família, ih! o quanto ela vai se arrepender, por que não me

casei com o outro? Vai

ficar gorda, tem propensão para engordar e eu estarei jovem e lépido

porque sou esportista e rico,

you me conservar mas ela, velha, obesa, ô delícia!"

Há ainda uma terceira porta, saída de emergência para os desiludidos do

amor, não, nada de matar o

objeto da paixão ou esperar com o pensamento negro de ódio que ela vire

uma megera jogando

moscas na sopa do marido hemiplégico, mas renunciar. Simplesmente

renunciar com o coração

limpo de mágoa ou rancor, tão limpo que em meio do maior abandono

(difícil, hem!) ainda tenha

forças para se voltar na direção da amada como um girassol na despedida

do crepúsculo. E desejar

que ao menos ela seja feliz.

113

Fragmentos

"E eles têm alguma ligação entre si?" - perguntou-me A. M. Respondi-lhe

que são fragmentos do

real e do imaginário aparentemente independentes mas sei que há um

sentimento comum

costurando uns aos outros no tecido das raízes. Eu sou essa linha,

Os amantes

Estranho, sim. As pessoas ficam desconfiadas, ambíguas diante dos

apaixonados. Aproximam-se

deles, dizem coisas amáveis, mas guardam certa distância, não invadem o

casulo imantado que

envolve os amantes e que pode explodir como um terreno minado, muita

cautela ao pisar nesse

terreno. com sua disciplina indisciplinada, os amantes são seres

diferentes e o ser diferente é

excluído porque vira desafio, ameaça. Se o amor na sua doação absoluta os

faz mais frágeis, ao

mesmo tempo os protege como uma armadura. Os apaixonados voltaram ao

Jardim do Paraíso,

provaram da Árvore do Conhecimento e agora sabem.

25 de dezembro

Vejo o Menino Jesus do presépio e o seu cheiro é o mesmo da malinha de

couro com os cadernos

de escola, o estojo de lápis e o lanche embrulhado no papel de pão. A

alegria excitante porque

proibida: escrever minhas invenções nas últimas páginas do

114 í

caderno de desenho que era o mais grosso de todos, copiá-las lá no fim

para ninguém achar,

ninguém era a dona Alzira. O sentimento de pecado e prazer que me tomava

quando via os touros

cobrindo as vacas no pasto - essa exaltação culposa me possuía ao

escrever as histórias nas páginas

proibidas. Que dona Alzira acabou descobrindo: "Por que você andou

fazendo aqui esses rabiscos?"

- me interpelou, sacudindo na mão o caderno. Pela primeira vez a

enfrentei e respondi com firmeza

que não eram rabiscos mas meus escritos, que tive que copiar porque senão

esquecia.

Na minha inocência, eu já sabia por instinto o que viria a ficar tão

claro mais tarde: que a obsessão

da permanência é inseparável da criação.

28 de dezembro

Encontro com F. na livraria. Estranhou o título que you dar a este livro,

mas por que disciplina do

amor? O amor lá tem disciplina? perguntou e deu a resposta: amor

disciplinado nunca foi amor,

pode ser método, arrumação no sentido de se botar tudo direitinho nos

lugares, cálculo, mas amor?!

Pois amor não era ilogicidade? Transgressão?

Digo-lhe que a indisciplina está só na aparência, na superfície. Na

casca. Porque lá nas profundezas

o amor é de uma ordem e de uma harmonia só comparável à abóbada celeste.

Ele ficou me olhando. Arqueou as sobrancelhas, surpreendido: "Mas então

só conheci o amor

superficial? Cada vez que amei foi tanta a insatisfação e a insegurança.

Fico em total desordem!"

Desejei-lhe um amor verdadeiro e ele riu, desafiante. Quis saber se por

acaso eu tinha atingido

115

no amor essa plenitude celestial. Não respondi. Falamos sobre política,

livros. Mas quando saí da

livraria, me vi Adão sendo expulso do Paraíso, o semblante descaído e o

olhar no chão.

10 de janeiro

É noite e chove sem parar. Comecei por concluir que grande parte da

chamada esquerda brasileira é

de ordem puramente sentimental, poucos escapam dessa classificação. Todos

uns românticos, do

género chupador de mexerica - diria meu amigo C. J. Eu incluída? Eu

incluída. Quero argumentar

com ele mas não consigo ir adiante, estou com a pressão baixa, fim da

gripe. Não quero polémica

nem com C. J. nem comigo, hoje não. Hoje não. Já ouvi o suficiente há

pouco, quando o elegante

locutor do jornal falado provou por palavras e imagens a nossa miséria e

respectiva incapacidade de

luta contra essa infelicidade e essa miséria - uma característica não só

do nosso povo mas da nossa

civilização. Falou também na bomba atómica mas com nomes bem mais amenos,

tão amenos que

quando um belo dia ela estourar na nossa cabeça, nem perceberemos que foi

ela que estourou: a

morte limpa.

Pergunto ao Pai Celestial o que posso fazer nessa circunstância, posso

fazer alguma coisa? Nada

- eu mesma respondo. O que pode fazer um escritor? Escrever e assim mesmo

sem insistir nos tais

temas desagradáveis porque senão as pessoas fogem espavoridas. Está certo

esse locutor do jornal

que deve passar nas mãos água de lavanda inglesa antes de anunciar por

caminhos mais sutis que a

goiaba apodreceu aqui e em outros reinos, o que não deixa de ser um

mesquinho consolo: não

estamos sós.

116

11 de janeiro

Nessa ordem de ideias, passo do chupador de mexerica ao chupador de

sangue, um romântico

também, ao menos na forma. Ligo o toca-discos, vampiro exige música

romântica. No turnos de

Chopin. you até minha mesa. Que cada qual cuide da rosa do seu jardim,

digo em voz alta e

dissolvo uma aspirina no copo. A ramificação da dor tão fina e minuciosa

como a folha de avenca.

A folha empalidece, se retrai, acendo um cigarro. Os vampiros e sua

evolução no cinema e na vida

real. Na minha infância, ele era simplesmente o morcego, primo do

lobisomem, sugador do sangue

de gentes e bichos. "Chupa o sangue e depois assopra" - esclarecia minha

pajem, uma antologia

ambulante do terror. - "E quando assopra, tem um sopro tão manso que a

gente até esquece da dor

da ferida,que ele fez."

Só mais tarde conheci o vampiro do cinema, morcego também mas logo

renascendo no envernizado

conde Drácula, habitante de um castelo em meio de penhascos e árvores

negras. Enquanto brilhava

o sol, jazia ele deitado no seu esquife de bronze, com sua bela roupa de

ópera, o anel de brasão

luzindo no dedo mínimo, a capa caindo em pregas até as sapatilhas com

fivelas. Mas assim que

anoitecia, voava em forma morcegal até o bosque onde o jovem forasteiro

teve partida a roda da

carruagem. O morcego faz seu voo de reconhecimento, desce na vertical e

num bater de asas mais

ligeiro do que um bater de pálpebras, aparece na forma do conde de

cartola e luvas brancas,

convidando o forasteiro e a noiva a pernoitarem no castelo. Esse vampiro

clássico (depois é que

tomei conhecimento de Nosferatu, quase um inocente de tão espiritual) não

tinha preferências

quanto ao sexo: atacava tanto os moços como as mocinhas. A única

condição, pelo

117

que pude observar, era que fossem belos e jovens. Nunca vi nenhum Drácula

ir sugar uma velhota.

E sobravam velhotas e velhotes nesses enredos. Liquidou, sim, alguns

velhos, mas por vingança,

irritado com os cientistas amigos da família que ameaçavam interromper-

lhe a carreira.

Nas revoluções da imagem, novo tratamento receberam esses mortos-vivos:

não mais morcegos de

asas penugentas, essa fase primária da metamorfose foi abolida, ficou na

moda o vampiro aparecer

direto na forma humana, sempre o nobre de cabelos sedutoramente grisalhos

e com um encanto

perverso no sorriso. Outro detalhe: enquanto seu antecessor atacava

homens e mulheres sem

preferência de sexo, o vampiro desse estágio demonstrava inequívoca

inclinação por mulheres,

noivas formosas ou recém-casadas que voltavam dos encontros com o ar

assim esvaído de uma

Bovary saciada, evitando a carícia do marido ou o olhar interrogativo do

noivo, "que dor de cabeça!

sorry". E escondiam com a echarpe de renda os furos do pescoço, atenção

para esse pormenor

importante: na antiga versão esses furos eram discretos sinaizinhos que o

médico só achava depois

de um exame minucioso na jovem anêmica. Já no vampirismo evoluído e em

cores, os furos do

pescoço são enormes, de bordas intumescidas, quase obscenos de tão

profundos. Vemos que agora

o vampiro não é apenas o sugador de sangue para sobreviver mas o amante

fogosíssimo ao qual elas

se entregavam até a morte - mas o que digo? além mesmo da morte, promessa

de imortalidade no

harém do bemamado.

118

Drácula e o fim do harém

Para esse harém elas sempre caminharam implacáveis: as brancas tranças de

alho dependuradas nas

portas e janelas, no estilo de estranhas guirlandas, os crucifixos de

ouro e prata dependurados no

pescoço, as velas, as orações - todas as defesas eram consciente ou

inconscientemente afastadas nas

noites de vampiragem. O sono agitado não durava muito, elas acordavam. E

lá iam suspirosas até a

varanda que dava para o jardim escuríssimo, as camisolas transparentes,

esvoaçantes. Expostas.

Fecha essa janela! eu tinha vontade de gritar. Mas obscuramente ficava

desejando que não houvesse

nenhuma intervenção: era preciso que ela escancarasse a janela numa vil

conivência com o visitante

(a inconsciência não anula a vilania), e que o noivo fosse dormir na

outra ala da casa e que, no

momento exato, a lua. Propiciação para a vinda dele, terrível, sim, mas

inevitável. O balcão florido.

Nos panejamentos negros da capa, reminiscências do palpitar das antigas

asas, o passo veludoso e a

voz de catacumba: Good evening, my darling! O grito. O desmaio, melhor

assim, que não surja

nenhuma luta. Ele afasta numa carícia os caracóis que resvalam na face

branca. O esgar brusco em

meio do silvo salivoso. Os caninos aumentados se cravam na carne tenra do

pescoço da desmaiada -

vampiro e público se satisfazendo plenamente.

Enquanto vivas, as eleitas eram muito bemtratadas pelo conde mas assim

que morriam e se

mudavam com seus caixões e camisolas para os sepulcros do novo dono, o

tratamento era outro.

Passada a lua-de-mel, viam-se reduzidas à condição de servas como as

demais mortas-vivas do

castelo. com um simples olhar o ditador dava suas ordens. Castigava

duramente as rebeladas,

trancava com cadeado

119

o caixão das amotinadas e às que se mostravam submissas, dóceis,

recompensava com

incumbências mais delicadas como seduzir os namorados das jovens que ele

já começava a rondar,

tão infiel quanto um marido feliz.

Nenhuma novidade nesse comportamento vampiresco, todos os vampiros sempre

foram refinados

machistas, a começar pelo verdadeiro Drácula (em romeno, drácula

significa diabo), o conde Vlad

Tepes, governador da Transilvânia no século XIV e que inspirou toda a

série dos escritores

jugularianos. Não ficou provado que ele bebia sangue mas se chafurdava de

tal modo nas matanças

que começou a lenda de que precisava realmente desse sangue para viver.

Sangue também do

segundo sexo: quando um camponês apareceu mal vestido porque a mulher não

sabia costurar, ele

não vacilou, mandou empalar a negligente e deu ao viúvo uma nova esposa,

perita nos trabalhos da

agulha.

Carmila ,,

O reinado absoluto dos vampiros começou a enfastiar os cineastas, que tal

uma revolução na

tradição vampiresca? E se ao invés do personagem principal ser um homem

for agora uma mulher,

bela, jovem e tão terrível quanto seu antecessor? Um matriarcado no qual

os homens ocupariam um

lugar secundário. Já não é mais o conde-morcego que vai fazer seus

passeios, agora é a condessa-

morcega, a bela Carmila (uma francesa) que atrai e fisga os caninos

agudos nos pescoços das

mocinhas, Carmila só ataca mulheres. Pode atacar um homem mas como meio

apenas de chegar à

mulher desejada: abre-se assim o jogo lésbico, insinuado num dos

primeiros

120

filmes da série draculiana, onde ele conquista uma jovem e, depois de

incorporá-la à sua corte,

ordena à morta-viva que vá seduzir a amiga íntima que anda resistindo. De

modo discreto já tinha

havido antes indicações de homossexualismo no comportamento do assessor

direto do conde, um

morto-vivo inconformado com o procedimento do amo que resolve ficar

noivo. Mas em Carmila as

situações são límpidas, cristalinas: a morceguinha não faz cerimónia.

Num enevoado cenário barroco, altamente erótico, ainda uma vez o amor e a

morte se enlaçam nas

raízes do sangue que é a vida. Carmila poderia repetir o poema de

Novalis, que M. C. C. traduziu:

Suga-me com força, / Amante, até que / eu desfaleça/e possa amar.

Obediente ao convencional modelo masculino, a condessa Carmila acaba

transformando as

conquistadas em servas. Não abre mão do poder e através dele cria o seu

matriarcado tão

paternalista quanto o patriarcado dos antigos donos do castelo da Traiv

silvânia. A roda da história

recomeça o seu giro, parece que nos enredos de nobres não há mesmo outra

saída.

Enquanto se vai viver

Por que a morte me estarrece assim, como se fosse a primeira vez, como se

nunca antes? A rara

morte, três ou quatro. com as outras, tudo normal ou quase: o choque. A

introspecção com uma

consolação filosofante. O apego maior a Deus. A cristalização da dor,

pequenas pedras que you

guardando na minha mesa, de vez em quando tomo uma, sintolhe a forma, o

calor, aperto-a com

força na gruta da

121

mão. Devolvo-a ao seu lugar. Mas essas três ou quatro mortes que me

arremeteram à infância, a

certas noites de tamanha fragilidade. Tamanho medo, como se não fosse

amanhecer nunca mais.

A memória se abre na mesa, baralho de cartas marcadas, escolho uma assim

ao acaso. Este é um

jantar em casa dos B. M., foi em 43? Ou em 44? Não importa. E. V. chega

com uma capa de chuva,

cachecol azul-marinho e chapéu desabado, faz frio. Chegam alguns colegas

da faculdade, alguém

me entrega um violão, toco mal, mas o que é bem ou mal nessa idade? O

calor do vinho, o calor da

glória que vinha dele, tudo era importante, ah! que emoção quando

cantamos a cantiga da

Academia, os versos se referiam à guerra: Quando se sente bater / No

peito heróica pancada /

Deixa-se a folha dobrada / Enquanto se vai morrer.

E. V. faz perguntas sobre a participação dos estudantes na Força

Expedicionária: sim, vários dos

nossos já tinham partido, estavam lutando na Itália. Um poeta se levanta

e com voz embargada fala

do amor e da morte enquanto, emocionadíssima, eu faço no violão um grave

fundo musical. E. V.

elogiou o poema, elogiou meu violão mas reagiu na hora: éramos tão

jovens, que conversa era essa

de desencanto, pessimismo, que horror! estávamos mais intoxicados do que

os românticos do

romantismo. "Vocês ainda vão ver tanta coisa, meninos, vão viver tanto e

viver é tão BOM. Tebas

não tem apenas uma porta mas mil e nessa idade estão todas abertas!"

Fiquei olhando meu copo: através do cristal a vida ficava tão

transparente.

122

Retraio no jardim

Praça da República. Conto a E. V. que amo muito esse jardim, frequentei a

escola ali em frente, era

aqui que vinha jogar com as meninas. Quero mostrar-lhe o busto de

Fagundes Varela com o nome

de Álvares de Azevedo, o escultor (ou quem fez a encomenda?) trocou as

cabeças e agora lá está o

poeta Fagundes Varela com o nome e o verso do outro: Foi poeta, sonhou e

amou na vida. E. V.

ficou impressionado: "Vês como a glória é incerta, confusa?"

- perguntou sorrindo e seu sorriso é de um menino. Não podíamos confiar

nos outros, melhor

cuidarmos nós mesmos da posteridade, decidiu. E chamou o fotógrafo, um

velho lambe-lambe que

veio com sua máquina antiquada de panos pretos e balde d'água.

"É para a posteridade - avisou E. V. - Vais caprichar?'' Ficamos solenes

e empertigados entre os

salgueiros. Dias depois escrevi-lhe uma carta metade triste (tinha levado

bomba em Civil) e metade

alegre, me diverti demais quando fui buscar nosso retrato para a

eternidade e o fotógrafo lamentou

sinceramente mas o caso é que tinha entrado luz no filme, aquele estava

perdido. A glória velada.

A hora do sétimo anjo

Rua Felipe de Oliveira. Estamos sentados no pequeno pátio da casa. Choveu

há pouco e o perfume

das flores vem úmido. Intenso. De vez em quando um neto de E. V. se

aproxima, diz um segredo no

ouvido de M. e foge de novo, afetando encabulamento. Procuro identificar

os gringos, os mais

lindos da rua, ele avisou. Na saída, espiamos o quarto das crianças, elas

já estão dormindo.

Reconheço a meni-

123

ninha com cara de amendoim torrado, como ele a descreveu. Quer me mostrar

os desenhos que ela

faz, estamos agora na sua toca, sou um urso, ele avisa e se anima quando

lhe pergunto pelo novo

livro: será um romance, tem até o nome, A hora do sétimo anjo

- não era um BOM título? Mostrou o desenho que seria o esboço da capa,

uma brincadeira que fez de

parceria com a neta. Quando me fixei no seu rosto, vislumbrei uma certa

luminosidade, era noite

sem lua, já estávamos na calçada e aquela ténue fosforescência - mas de

onde vinha? Q céu baixo,

nuvens roxas. Sombras. E a doce claridade fazendo-o mais nítido e

singularmente mais distante.

Entrei no táxi. Recomeçou a chover, olhei para trás. Ele já tinha

desaparecido.

Cavalos selvagens

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da

tarde. O homem de

negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz

Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no

sábado. A freira faz orações

diariamente em horas certas. A prostituta faz o trottoir todos os dias em

certas horas. O patriarca

joga bridge e faz amor segundo o calendário. O operário joga bilhar e faz

amor nos feriados.

Homens, mulheres e crianças todos com seus dias previstos e organizados:

amanhã tem missa de

sétimo dia, depois de amanhã tem casamento. Batizado na terça e na

quarta, macarronada, que a

feijoada fica para sábado, comemoração prévia do futebol de domingo,

vitória certa, ora se! ... As

obedientes engrenagens da máquina funcionando com suas rodinhas

ensinadas, umas de

124

ouro, outras de aço, estas mais simples, mais complexas aquelas lá

adiante, azeitadas para o

movimento que é uma fatalidade, taque-taque taque-taque. . . Apáticos e

não apáticos, convulsos e

apaziguados, atentos e delirantes em pleno funcionamento num ritmo

implacável.

Às vezes, por motivos obscuros ou claros, uma rodinha da engrenagem salta

fora e fica desvairada

além do tempo, do espaço - onde? A máquina prossegue no seu funcionamento

que é uma

condenação, apenas aquela rodinha já não faz parte dessa ordem. "E um

desajustado" - diz o

médico, o amigo íntimo, o primo, a mulher, a amante, o chefe. Há que

readaptá-lo depressa à

engrenagem familiar e social, apertar esses parafusos docemente frouxos.

Se o desajustado é um

adolescente, mais fácil reconduzi-lo com a ajuda de psicólogos,

analistas, padres, orientadores,

educadores - mas por que ele ainda não está nos eixos? Por que tem que

haver certas peças

resistindo assim inconformadas? Não interessa curá-lo mas neutralizá-lo,

taque-taque taque-taque.

Pronto, passou a crise? Todos concordam, ele está ótimo ou quase. Mas às

vezes o olhar toma

aquela expressão que ninguém alcança e volta o fervor antigo, cólera e

gozo nos

descompromissamentos e rupturas - aguda a lembrança violenta do cheiro de

mato que recusa o

asfalto, o elevador, a disciplina, ah! vontade de fugir sem olhar para

trás, desatino e alegria de um

cavalo selvagem, os fogosos cavalos de crina e narinas frementes,

escapando do laço do caçador.

Na história de Arthur Miller, eram os pobres cavalos selvagens destinados

a uma fábrica que os

transformaria num precioso produto enlatado. O instinto, só o instinto os

advertia das armadilhas

nas madrugadas. E fugiam galopando por montes, rios, vales - até quando?

Inexperiência ou cansaço? Cavalos e homens

125

acabam por voltar à engrenagem. Muitos esquecem mas alguns ainda se

lembram e o olhar toma

aquela expressão que ninguém entende, ânsia de liberdade. De paixão. Em

fragmentos de tempo

voltam a ser inabordáveis mas a máquina vigilante descobre os rebeldes e

aciona o alarme, mais

poderoso o apelo, taque-taque TAQUE-TAQUE! Inútil. Ei-los de novo

desembestados: "Laçá-los é

o mesmo que laçar um sonho",

A decisão

O homem entrou em casa e com passadas firmes foi reto procurar a mulher

que estava na cozinha,

enchendo a chaleira d'água. Ele tinha a cara rubra, os olhos brilhantes

mas os lábios estavam

brancos e secos, teve que passar a ponta da língua entre eles para

separá-los, a saliva virou cola?

antes de dizer o que estava querendo dizer há mais de cinco anos e não

dizia, adiando, adiando.

Esperando uma oportunidade melhor e vinha a oportunidade melhor e faltava

a coragem, esmorecia,

quem sabe na próxima semana, depois do aniversário do Afonsinho? Ou em

dezembro, depois do

aumento no emprego, teria então mais dinheiro para enfrentar duas casas -

mas o que é isso,

aumento nos vencimentos e aumento da inflação? Espera, agora a Georgeana

pegou sarampo, deixa

ela ficar boa e então. E então?! Hoje, HOJE! tinha que ser hoje, já! As

grandes decisões eram assim

mesmo, como numa batalha, seguir a inspiração do momento e o momento era

inadiável, maduro,

estourando como um fruto, ele estourando também, aproveitar essa energia

de lutador que lhe viera

de um jato, sentiu-se um Napoleão, iluminado, o dedo apontando na direção

do inimigo, avançar!

126

Avançou e a fala ficou sem pausa e sem hesitação, fala treinada há cinco

anos, ir no alvo, depressa!

ia deixá-la, era isso, ia deixá-la porque estava loucamente apaixonado

por outra e de joelhos pedia

perdão pelo sofrimento e pelo desgosto, está certo, podia chamá-lo de

crápula por deixar uma

esposa tão perfeita e uns filhos tão queridos mas se ficasse a vida

acabaria num inferno tão

insuportável que era melhor dizer tudo agora porque ia morrer se não

dissesse esta coisa que lhe

caíra na cabeça como um tijolo, esta paixão avassaladora, talvez se

arrependesse um dia e até se

matasse de remorso mas agora tinha que confessar, estava apaixonado por

outra e ela devia entender

e mais tarde os filhos iam entender também que tinha que ir porque estava

APAIXONADO POR

OUTRA - você está me ouvindo?

A mulher pelejava por acender o fósforo úmido, não conseguiu, riscou

outro palito e o palito falhou

e experiemntou um terceiro enquanto lhe gritava que chegasse dessa

brincadeira besta, já não

bastavam as crianças que hoje estavam impossíveis e também ele agora

atormentando, hein?!

Empurrou-o na direção da porta, mas vamos, não fique aí com essa cara,

depressa, vá buscar uma

caixa de fósf. , . ah! graças a Deus que este não molhou, vontade de um

café bem quente, café com

pão, de qualquer jeito ele tinha que sair para buscar pó de café e

depressa que logo, logo, a água

estaria fervendo, queria o pó moído na hora e meia dúzia de pãezinhos que

deviam estar saindo do

forno e levasse também o Júnior que estava se pegando lá com o irmão, mas

se mexa, homem! está

com dinheiro aí? E claro, também um pacote de fósforos marca Olho (e riu)

que este é marca

barbante pra não dizer outra marca que começa com m (enxugou as mãos no

avental), como se não

bastassem as gracinhas do filho e também ele com as brincadeiras

debilóides, um pouco velho pra

brincar assim, não?

127

O homem pegou o Júnior pela mão, foi buscar o pó de café, os pãezinhos,

os fósforos e não brincou

mais,

27 de janeiro

Encontro com M., um antigo colega de faculdade que resolveu ser professor

universitário. Defesa

brilhante de tese. Cursos de aperfeiçoamento no exterior. Voltou, casou.

Cinco filhos. Leciona em

duas faculdades e nas pausas faz viagens para dar aulas extras na

periferia e se fala em viagem é

porque essa periferia ficou por demais periférica, o tempo que perde nos

transportes. É que tem um

filho com graves problemas psíquicos, gasta demais com esse filho, "uma

anormalidade!" - exclama

e eu não sei se ele se refere ao filho ou aos gastos. Me convida para

tomar um café e prossegue

falando, precisa falar, interrompeu a análise e nem sobra dinheiro para

tais supérfluos, tem que

aproveitar os amigos com paciência de ouvir: a mulher também lecionava

mas concluíram na ponta

do lápis que seria mais económico se ela ficasse cuidando da casa,

fazendo trabalhos domésticos,

ela que era uma psicóloga tão talentosa, feminista ativa, estava

justamente fazendo uma pesquisa

sobre o mercado feminino de trabalho e interrompeu tudo - também ele

interrompe a frase, está

desolado. Mas uma coisa é a teoria e outra coisa é a prática, onde uma

creche lá nas redondezas?

"Ilusões" - diz e olha nostálgico para o cigarro que acendi, faz dois

meses que deixou de fumar

porque tem que pensar nas prioridades e prioridade era a saúde, uma

disciplina feroz para aguentar

o tranco, nem álcool nem fumo. Apago meu cigarro e ele aspira o resquício

de fumaça que ficou no

ar:

128

ganha vencimentos tão vencidos que nem tenho coragem de transcrevê-los

aqui. Faz ironia com o

destino que o fez nascer no Brasil onde o ideal seria inventar fardas

obrigatórias para os

professores, poupando-os do vexame de se apresentarem quase andrajosos.

Lembra que nessa

faculdade onde ganha esse salário ridículo esteve um cantor da moda que

recebeu uma pequena

fortuna só numa noite, cantando no seu violãozinho, blu-blu-blu, blu-blu-

blu.

Nascer no Brasil até que é BOM, meu querido. O triste é não ter voz. Nem

ter vez.

A voz do próximo

Quando ela se achou velha, calmamente resolveu dependurar as chuteiras

(nos negócios do amor,

nunca foi uma jogadora do primeiro time) e assumir a velhice com

dignidade. Então ouviu a voz do

próximo: "Que horror, mas como uma pessoa se entrega desse jeito, ficou

até desleixada, presença

negativa! De repente parece que resolveu envelhecer e envelheceu tudo,

sem nenhuma luta, isso só

pode ser neurose, há de ver, quer provocar piedade, é uma punitiva!"

Muito impressionada com o que ouviu ela resolveu reagir, lutar por uma

imagem melhor. Fez

plástica, pintou os cabelos, comprou roupas da moda e começou a namorar

outra vez. Então ouviu a

voz do próximo: "Mas que ridícula! Caindo de velhice e ainda querendo

fazer charme, uma

desfrutável! Já puxou a cara umas três vezes, se pinta feito uma palhaça,

virou arroz-de-festa e

ainda namorando um moço que podia ser seu filho! Devia se recolher, devia

ir rezar!"

Muito impressionada com o que ouviu ela re-

129

solveu se afastar da vida frívola, das vaidades deste mundo e na solidão

decidiu entrar para um

convento, quem sabe no convento se encontraria? E se encontrando, quem

sabe encontraria Deus?

Então ouviu a voz do próximo: "Depois de velho o Diabo faz-se ermitão! Vê

se é possível uma

vocação assim retardada, por que só agora essa mania de religião? Tudo

mentira, afetação, vontade

de ser original, imagine se vai durar. . . Quando descobrir que ninguém

está ligando, deixa de

bancar a santa. Pode ser também que esteja esclerosada, pode ser isso,

esclerose!"

Muito impressionada com o que ouviu ela resolveu sair do convento e num

dia de depressão mais

aguda decidiu se matar. Mas queria uma morte silenciosa, sem chamar a

menor atenção - se

possível, sem deixar sequer o corpo, estava tão triste consigo mesma que

achou que nem o enterro

merecia. Tirou a roupa para não ser identificada, dependurou na cintura

uma sacola com pedras e

entrou no rio. Então ouviu a voz do próximo: "Está vendo? A vida inteira

ela só quis uma coisa, se

exibir, se mostrar, uma narcisista até na hora em que cismou de morrer,

imagine, entrar nua no rio!

No velho estilo para provocar escândalo. Só para comover mas a mim é que

não comoveu, ao

contrário, fiquei tão decepcionada, que ideia de querer fazer da morte um

espetáculo!"

Muito impressionada com o que ouviu (e ouviu tão mal, a voz do próximo

longe demais, quase

apagando) ela quis gritar de alegria, quis rir, rir - mas então era

assim? - ô Deus! - e se preocupando

com isso, perdendo a vida, que maravilha não ter morrido, quer dizer que

alguém entrou no rio para

salvá-la? Maravilha, coisa extraordinária, quer dizer quê? . . . Mas onde

estava agora? No hospital?

Se estava ouvindo (ouvindo mal, embora!) é porque estava viva, pena não

poder ver nem falar, o

corpo

130

também insensível, nem sentia o corpo mas se estava ouvindo, hem?! Se

estava ouvindo - e livre,

para sempre livre, ah, como demorou para entender que os outros - ah, que

demora para se libertar,

nascer de novo! Então ouviu a voz do próximo (desta vez, tão longe que

ficou um sopro) pedir

depressa a tampa, já estava passando da hora de fechar o caixão.

J de fevereiro

Ubatuba é uma deliciosa praia do litoral paulista: despojada, simples,

ela como que se preservou das

tentações de um mundanismo sofisticado e lá se conserva com suas praias

ainda intactas e sua

cidadezinha de sabor colonial: muitos barcos de pesca, muita batida de

maracujá, muita banana-

ouro e prata, muita bananada do tipo caseiro. O cinema à noite com velhos

filmes de terror. O

parque de diversões com sua roda-gigante e suas barracas de tiro ao alvo

de inatingíveis alvos. E o

silêncio.

Foi do terraço de uma casa nessa praia que P. E., o jardineiro António e

eu vimos um objeto não

identificado e que se convencionou chamar de disco voador.

Hesitei em narrar esse episódio porque pude bem imaginar os sorrisos, os

olhares desconfiados das

pessoas fazendo aquelas caras, disco voador, imagine!, tudo invenção da

ficcionista, pura vontade

de ser interessante, é claro. Acabei me decidindo: uma escritora pode

então se recusar a dar

testemunho de fatos do seu tempo?

Dia 5 de fevereiro. Três horas da tarde, estirada numa cadeira de lona eu

lia um livro de poesias e

ouvia - era BOM de ouvir - o barulho das grandes ondas batendo espumosas

nas pedras que se

131

erguem defronte do terraço que dá para o mar alto. Céu cinzento, a névoa

baixando como uma

lâmina de aço até a linha do horizonte. Calor e calma. Então ouvi P. E.,

que estava sentado ao lado,

dizer num tom de voz meio vago: "Olha lá. . . Tem uma coisa no céu". A

ordem não tinha muita

convicção. Prossegui lendo. E logo ele retomou: "Está brilhando tanto!

Vai ver, é um disco voador".

Respondi sem erguer o olhar: dê-lhe minhas lembranças.

Mas ele se levantou de repente, num susto, a voz emocionada: "Depressa!

Venha ver! ..." Levantei-

me e olhei na direção que ele indicou: uma grande luz branca, de forma

irregular, cintilava como

uma estranha estrela no fundo de aço do céu. Como uma estranha estrela

porque era maior do que

uma estrela. A luz mais clara, sem as cintilações vermeIho-azuladas: luz

totalmente branca feito a

luz de um raio, imóvel no primeiro instante. Porque logo em seguida

iniciou um movimento de

deslocação para a esquerda e para o fundo do céu. Um helicóptero? foi o

que me ocorreu no

primeiro momento. Não, não era um helicóptero. Um balão? Não, que ideia!

nunca um balão faria

aquele movimento que se acelerava cada vez mais e tão para o fundo que

tive a impressão que a

coisa ia cair no mar. Mas assim que ficou alguns dedos apenas acima da

linha do horizonte,

começou sua marcha da esquerda para a direita, apagando e acendendo,

apagando e acendendo num

ritmo de pulsação, tum-tum, tum-tum. . . A trajetória entrecortada do

foco de luz me fez pensar num

coração cintilante, apagando e acendendo, turnturn, tum-tum - um coração

silencioso palpitando

rápido e fugindo, levantei a mão e fui abrindo e fechando os dedos para

imitar seu palpitar, tum-

tum, mais longe ainda! tum-tum - gritei pelo jardineiro que estava

lidando com suas folhagens,

depressa, seu António, venha ver depressa! Queria o testemunho

32

de um caiçara tosco. Foi a terceira testemunha: pôs as mãos em concha em

tomo dos olhos, estava

vendo, sim, representava uma estrela mas como uma estrela pode andar

desse jeito e no dia claro?

Quanto tempo teria durado essa segunda fase do objeto acendendo e

apagando compassadamente na

sua marcha horizontal? Dois minutos? Três? Foi como se a terra tivesse

parado, tudo parado em

redor, o mar petrificado, os pássaros mudos, nem brisa nem folha, também

nós estáticos - só a luz

branca se movendo na amplidão, o acender cada vez mais reduzido, não

passava agora de um

pontinho do tamanho da cabeça de um alfinete. Desapareceu.

Um meteoro? Um satélite? Ou a explosão de uma estrela? Mas aquele

movimento regular da luz

apagando e acendendo na sua marcha controlada como uma lâmpada - aquele

movimento de um

coração mecânico. E então? Decididamente, o que há entre o céu e a terra

ultrapassa nossa vã

enumeração.

í

7 de fevereiro

Abro a lata de chá que Mister horn Tim-Tim me deu em Shangai e esse

perfume (papoulas?) me faz

lembrar do seu sorriso fino. Da sua voz profunda. Conta que na China não

tem mais nem prostitutas

nem moscas. Fiquei pensativa: moscas era mais fácil de fazer desaparecer

mas prostitutas?!

Nenhuma prostituta, Mister horn Tim-Tim? Ele então esclareceu que o

tratamento que lhes era

dispensado era de tal modo persuasivo que só mesmo por pura burrice elas

voltavam a reincidir. O

argumento era por demais inocente, mas então é possível mudar a cabeça do

homem? No caso, da

mulher que quando cisma, o senhor está me compreendendo? Só matan-

133

do. Ele concordou, impossível fazer mudar a cabeça de quem quer que seja,

mas os métodos,

insistiu: esses métodos que empregavam eram de tal forma convincentes:

para começar, todas as

prostitutas eram encaminhadas para os centros de recuperação, havia

muitos desses centros

preparados para recebêlas. Lá, eram tratadas com consideração, reeducadas

e orientadas para que

quando saíssem já tivessem um emprego garantido, de acordo com as

inclinações e habilidades de

cada uma. Salário modesto mas digno nesse recomeço de vida. Se voltassem

a reincidir, o

tratamento já seria mais severo: encarceradas e desmoralizadas, podiam

até sofrer outras punições.

Perguntei que punições seriam essas e ele ficou reticente, achei melhor

levantar a última hipótese, e

se elas insistissem em transgredir uma terceira vez? Mister horn Tim-Tim

demorou para falar.

Quando o fez, foi para perguntar se eu já tinha provado churrasco de

cobra. Não? Sorriu com uma

expressão de discreta beatitude.

Srom

Ela foi o jardineiro surdo-mudo que encontrei j certa manhã podando a

grama do jardim do meu

avô.

| Quando a lâmina recurva afundou mais, traçando um

\ semicírculo, senti seu hálito de terra e me afastei de-

pressa. Foi depois a mariposa de prata com um olho azul-turquesa

desenhado em cada asa, entrou

no meu quarto, voejou pesadamente em redor da lâmpada e saiu para a

noite. Encontrei-a bem mais

tarde na flor de seda lilás do chapéu da minha professora, convidei-a

para um chá numa confeitaria

antiquada e do encontro só me ficou aquela flor comovente, de pétalas

lânguidas, estiradas ao longo

da aba de feltro

134 ,

empoeirado. Voltei a revê-la na madrugada de um aeroporto - Marrocos? Era

agora a criança de

gorro de lã, dormindo no colo da velha senhora que também cochilava, tudo

muito tranquilo até que

a velha acordou num susto, como se a tivessem sacudido, acordou e olhou

em pânico para a criança

dormindo, parecia perguntar, mas quem a deixou aqui? Desviei o olhar. Foi

ainda o som do bumbo

no escuro, as batidas compassadas de um ritual enquanto a trapezista de

malha branca e pés em

ponta ia subindo pela corda pendendo do teto, cada vez mais difíceis os

movimentos do corpo em

contrações de lagarta, subindo com o som do bumbo que avisava em código o

que ia acontecer -

tapei os ouvidos. Enrolo no dedo o fio do tempo, era menina e a reconheci

na pequena pá de cabo

de marfim, meu pai jogava na roleta mas eu olhava o homem de smoking com

sua pá leve, ágil,

recolhendo ou oferecendo as filhas deslizantes, o medo também deslízante

indo e vindo sobre o

pano verde com números nos quadrados, como o jogo da amarelinha. Naquele

baile de carnaval não

foi a mulher de cílios postiços e luvas de lantejoulas vermelhas? Passei

perto do seu camarote,

reconheci-a e ela me atirou um punhado de confete na boca.

Desertora de mortos assim que eles morrem, nunca está onde se supõe que

ela esteja. com seu raro

poder de mimetismo, toma a forma e o calor dos objetos, fragmenta-se nas

pessoas e a única vez

que deixou seu nome escrito foi na embaçada janela de uma igreja. De trás

para diante, era um

reflexo no vidro. Em latim.

35

12 de fevereiro

Chegou hoje cedo o pacote de livros que encomendei. Deixo o pacote

fechado. Chegaram livros

pelo correio. Levo-os à prateleira da estante onde está uma pequena

pilha, aguardando a vez.

Recolho na minha mesa as cartas e os convites que um dia you responder e

guardo-os numa pasta.

Fecho a porta para o telefone. Fecho a minha porta e fico quieta no

silêncio. A respiração calma.

Não sei se quero escrever mas talvez queira. Aos poucos, varando paredes

e telhados começam a

chegar os cantos das sereias e alguns desses cantos são fascinantes, nem

posso dizer que os

reconheço porque estão sempre se renovando em cada onda, em cada brisa.

Penso em Ulisses e faço

como ele, não tapo os ouvidos com cera porque quero saber, mas me amarro

com cordas ao mastro

do navio enquanto se multiplicam os doces chamados tentando me desviar

desta aventura. Sinto

mais agudo o prazer do risco ao descobrir como tudo conspira (a palavra é

essa, conspira) para me

afastar da minha rota. Cravo o olhar na rosa-dos-ventos, mais intensa a

ansiedade que cresce com os

apelos mas sob a ansiedade a profunda alegria por estar conseguindo.

15 de setembro

Se a vida estiver lá fora, nessas vozes que desdenhei? E se o desvio da

minha rota foi exatamente

esse que escolhi? Mas haverá ainda tempo?

Fico olhando o besourinho lustroso, de pintas vermelhas no verde-

esmeralda das asas. Atravessa

minha mesa num andar enérgico, decidido - de onde veio e para onde vai?

Toco-o com a ponta do

136

;

dedo e imediatamente ele se imobiliza dentro da pequena carapaça, se faz

de morto. Sua tática de

defesa me emociona, também me fiz de morta tantas vezes. Tenho vontade de

colher o besourinho

na palma da rnão e levá-lo até os potes de samambaia, não seria mais

feliz lá? Fico vacilante, o que

é bem para mim pode ser o mal para ele. A ambiguidade do Bem. Afasto-me

para que ele não se

sinta tolhido, quero-o livre. Observo de longe a bolinha verde-esmeralda

que ressuscita e retoma sua

marcha. Retomo a minha.

Delenda Carthago!

Mas não delendaram totalmente e a prova é que lá está ela, uma Cartago em

ruínas, mas resistindo

ainda bela com seu mármore cor-de-rosa com algumas estrias mais fortes

lembrando uma pálida

carne por onde um dia um sangue aguado divagou.

Meus conhecimentos geográficos são mais subdesenvolvidos do que os vinte

e dois Estados do meu

país. O que aprendi de geografia foi à minha custa, viajando, pisando nos

vagos coloridos dos

cadernos cartográficos. Onde a Cartago da minha infância? Onde?! Tive um

cachorro chamado

Cartago mas eis um nome demasiado imponente para um bastardo de bairro,

prevaleceu o apelido,

Tago. Fora o cachorro, as aulas transbordantes de proezas de Hércules,

guerras napoleônicas e

guerras púnicas, verdadeiro caos de mártires e heróis em empastelamento

de fogo e latim com as

silhuetas de Nero com sua lira. Enquanto Aníbal, de armadura negra,

passava num pé-devento,

delenda Carthago!

A Cartago literária veio mais tarde, com Salambô dançando descalça, ô

Flaubert! da minha

ostentação. Como usei Flaubert para impressionar meu

137

namorado da Academia, quando então citava num francês que acreditava

excelente: C'était à

Mégara, faubourg de Carthage, dans lês jardins ã'Hamilcar. . .

- Cartago? Mas Cartago não existe mais! contestou W. com veemência.

No meu dedo anular estava a prova: o anel de âmbar que um árabe me vendeu

num mercado de

Cartago dizendo que tinha sido de um santo cartaginês, esquecera o nome

do santo. Gostei tanto da

invenção que ela acabou sendo verdade, aprimorei-a: este anel foi de

Santo Agostinho, eu disse.

Comprado lá.

W. olhou o anel e depois me olhou mais demoradamente.

18 de setembro

Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que

vamos dizer o que

somos - declarou a personagem de um romance que escrevi em 1970.

Publicado em 73.

20 de setembro .-.-. ;.

Revejo algumas notas que andei escrevendo em tomo das condições em que o

naturalista Auguste

de Saint-Hilaire encontrou a mulher brasileira nas viagens que fez ao

Brasil, por volta de 1819: "As

mulheres da zona do Rio Grande, e em geral, da comarca de São João,

mostram-se um pouco mais

do que as de outras partes das Minas; todavia, como isto não é uso

geralmente admitido, e as que

aparecem diante dos hóspedes só o fazem calcando um pre-

}8

conceito, mostram muitas vezes uma certa audácia que tem qualquer coisa

de desagradável. Aqui,

como no resto da província, as donas-de-casa e suas filhas enfiavam

cautelosamente o rosto entre a

parede do quarto em que eu me achava e pela porta entreaberta a fim de me

ver escrever ou

examinar plantas, e, se eu me voltava de repente, percebia vultos que se

retiravam apressadamente.

Cem vezes representaram essa comédia". E mais adiante: "Passara, em duas

vezes diferentes, cerca

de sessenta dias em casa de um fazendeiro, extremamente distinto, que me

testemunhava amizade e

pelo qual também professava estima e apreço. Pouco antes de nos

separarmos para sempre, ele me

disse com embaraço: 'Está surpreso, sem dúvida, meu amigo, de que minhas

filhas não se tenham

jamais mostrado ao senhor; detesto o costume que me obriga a afastá-las,

mas não poderia subtrair-

me a ele sem prejudicar-lhes o casamento . .' Aliviei de um grande peso

esse homem respeitável,

respondendo-lhe que eu estava longe de o desaprovar, que não se devia

jamais atacar bruscamente

as ideias estabelecidas, que era necessário deixar o tempo agir, e que

pouco a pouco ele traria uma

feliz mudança. Parece que essa ainda não chegou: pois o sr. Gardner, cuja

viagem é recentíssima,

relata que foi recebido com a mais amável hospitalidade em uma fazenda

onde eu próprio fora

dignamente acolhido mas não vira a senhora da casa. Tomada mais idosa,

essa senhora não

procurou esquivar-se aos olhos do viajante inglês, mas as suas filhas se

esconderam, como ela

também o fizera na sua mocidade". Ainda um episódio narrado por um amigo

de A. S. H., hóspede

numa fazenda onde o fazendeiro estava doente: "Deram-me de jantar; mas

como a dona da casa não

queria se mostrar, deslizava com a filha por trás do engenho e

introduziam os pratos de comida por

um buraco".

H9

Das ajuizadas ponderações do visitante naturalista, destaco isto: "Não se

devia jamais atacar

bruscamente as ideias estabelecidas, que era necessário deixar o tempo

agir, e que pouco a pouco

ele traria uma feliz mudança".

Seria possível essa feliz mudança sem a revolução feminista? Jamais.

Apesar de todos os equívocos

e deformações decorrentes de qualquer revolução, o desafio feito ao

universo feminino amadureceu

e explodiu inadiável. Inevitável. As demagogias e os erros naturais da

experiência não prejudicam a

causa. "Estou nascendo", disse uma jovem universitária com cara de

Capitu. "Posso nascer

sossegada?"

Cabra-cega •' :

Era um jogo da minha meninice - será que ainda brincam assim? Os olhos

tapados com um pano, as

mãos tateantes. Os sustos. Os gritos. Tiro o pano dos olhos e me vejo de

corpo inteiro. Tão nítido

esse corpo que conheço tão mal, como ele me escapa! Principalmente na

doença, quando não sei o

que fazer com ele - mas que corpo é esse? Como posso entendê-lo se não

tenho a menor ideia do

que se passa lá por dentro? you de cabra-cega, às apalpadelas, tateante,

o que em mim é realidade e

o que é aparência? Corro até minha imagem e toco apenas no espelho.

O comilão

Gostava de ostras mas tinha preconceito, evitava olhar para essa coisa

que ia comendo apressado,

140

impaciente, a expressão de repugnância mas a boca salivante de prazer.

Exigia as ostras vivas

porque então o apetite ficava insuportavelmente excitado ao imaginá-las

se contraindo na morte sob

o sumo do limão. Também gostava de putas.

12 de fevereiro

Me vejo dividida em duas, eu e a outra que se fragmentou e que está

tentando agora unir os pedaços

do que foi um todo e se repartiu. Pergunto se seria isso a loucura. Essa

impossibilidade de ordenar o

que se desordenou. Como o vento soprando numa mesa de papéis avulsos que

se soltam no ar e se

perdem no chão, debaixo dos móveis, por entre os objetos - há um pedaço

escapando pela janela,

cuidado!

A mente fragmentada. Ela está contida inteira neste fragmento que

consegui captar. Está neste

fragmento e está num outro lá adiante, se dividiu, quero-a única e ela

ficou múltipla, não se fixa. Ou

se fixa obsessivamente num só ponto, a atenção concentrada, cristalizada,

virou cristal de rocha.

Espero que ela mesma decida quando mas não pergunto por quê. Baixou o

olhar esquivo para

lonjuras que não alcanço - ei! está me ouvindo? ei! - repito. Está me

ouvindo e não está, de novo um

fragmento de papel que o vento leva até a praia, ficou aérea, uma criança

quis agarrá-la para fazer

um barquinho mas ela foi mais alto. Quando caiu no mar, entrou pela boca

de um peixe de prata e

se lembrou então da história do homem que ficou morando dentro de uma

baleia, seria BOM? ela

pergunta. Morar lá dentro. com o óleo da baleia podia acender uma

lamparina. Mas não fala nisso,

não convém ficar falando, as pessoas em redor andam desconfiadas, melhor

o silêncio. O

141

silêncio. Encosta a testa no vidro da janela, precisa se apoiar em alguma

coisa e se apoia nesse vidro

mas se assusta quando se vê deformada, estou assim? Passo a mão na sua

face e com as pontas dos

dedos fecho a minha boca, foi só um reflexo, está tudo bem, digo e ela

fica vendo pela janela do

trem a paisagem correr lá fora, corre paralela e em sentido contrário, é

monótono mas é belo, beleza

é mesmo isso, monotonia. Boceja. Ficou sonolenta. E comovida porque no

mesmo carro viaja a

antiga pajem preta, a Guiomar, brincavam de estátua. Vê também o amor que

morreu faz tempo, é

ele, sim! meio escondido na sombra, não distingue bem suas feições mas

ouve o seu chamado vindo

de longe, tão longe, está me chamando com tanto carinho, Kuko!. . .

Enxugo os olhos, ah, se ele

pudesse ficar comigo, diz. Se ele ficar comigo, estarei salva salva

salva.

Me vejo lúcida e me animo, puxo-a pela mão, imploro, volta! e ela me

beija e o seu sorriso é de

quem pede desculpas por estar enlouquecendo: voltei e não voltou nunca

mais.

A disciplina do amor (II)

Conheceu-a na pensão alegre da Rosinha Ruiva e passou a procurá-la aos

sábados, com hora

marcada. Até que achou um desaforo esse negócio de marcar hora, por que

marcar hora? E se a

gente tiver vontade de ficar mais tempo junto? Combinou então a noite

inteira mas continuou a

insatisfação, por que não vê-la também nas segundas e quintas-feiras? A

semana era comprida

demais e podia pagar perfeitamente essas horas extras, não podia? Começou

a ficar inquieto de

novo, só três vezes por semana era pouco, queria todos os dias, sim

senhora, todos os

42

dias! Acabar com essa história de dividi-la com a homenzarrada, mulher

tem que ser inteira só da

gente, era preciso botar um pouco de ordem nisso! Foram morar juntos no

Hotel Lãs Vegas, perto

da Estação Rodoviária, mas só enquanto esperavam pelo quarto que um

colega de serviço prometeu

desocupar quando viajasse para Goiás. Não chegaram a se mudar para esse

quarto porque antes da

mudança já tinham percebido que aquele amor de fogaréu, beleza de amor!

estava acabado.

Ficavam a noite inteira deitados na cama de casal que tinham comprado

numa queima da Paschoal

Bianco e nada. Até domingos inteiros tinham ficado assim, esperando que

acontecesse. Não

acontecia. Então acendiam um cigarro e ligavam o radinho de pilha no

programa de calouros. Ele às

vezes chorava, envergonhado, devia estar doente, dava murros na parede.

Ela o consolava, se dizia

culpada, chorava junto e iam depois tomar uma cerveja. Ou uma sopa na

casa de uma senhora

alagoana que fornecia marmitas, aos sábados tinha feijoada completa.

Passaram a falar muito e

essas eram conversas tristes, lembranças pesadas de ressentimentos que

vinham de longe, quando

ainda nem se conheciam. Ela lembrava a infância ruim. O caso dele era

diferente, fora um moleque

alegre, depois é que a coisa azedou. Dormiam de mãos dadas. Tinham

marcado o casamento para

maio, mas em abril, de comum acordo, resolveram se separar. Venderam a

cama e o criado-mudo,

repartiram o dinheiro, ela ficou com as alianças como recordação e não se

viram mais até junho,

quando uma noite ele foi dar uma espiada lá na pensão da Rosinha onde

tinha sido tão feliz. O

coração começou a bater feito louco quando deu com ela toda decotada,

bebendo com um tipo.

Arrancou-a da mesa aos socos, chegou a se atracar com o tipo que ficou um

tigre e depois riram e

choraram muito enquanto se amaram com abrasa-

43

dora paixão. Voltou a vê-la todos os sábados. Prometendo que quando

passasse a ganhar uns extras

que tinha perdido na confusão da greve, ficariam juntos a noite inteira

mas por enquanto convinha

se sujeitar ao horário da casa.

O mercúrio

A febre. O termómetro escapa da minha mão, parte-se o vidro pelo meio e a

gota de mercúrio

escapa e rola livre no ladrilho. Fico de joelhos tentando pegá-la mas ela

foge roliça, densa, foge tão

sagaz que me excito com o jogo, alcanço-a lá adiante mas ela entra

debaixo do armário e agora me

espia com sua pupila prateada, luzindo no canto escuro. Estendo o braço,

toco-a de leve com a

ponta do dedo e ela vem resvalando pelo declive do ladrilho, vem vindo ao

meu encontro, inteira e

intacta, protegida pela imponderável película de poeira que foi

recolhendo em sua fuga. Consigo

aprisioná-la, estou radiante, é minha! e a gota se fragmenta numa

explosão silenciosa e os estilhaços

- mil bolinhas de mercúrio - escorrem pelos meus dedos e se perdem no

chão.

144

Essa história é muito antiga, lembra? Joãozinho e Maria foram levados à

floresta e lá entregues à

própria sorte (morte) pelos pais que planejavam o horror diante do fogão

com o caldeirão vazio. As

crianças ouviram a conversa, encheram os bolsos com grãos âe milho e

foram deixando cair os

grãos - nítida trilha amarela marcando o caminho de volta. Inventei datas

que fui deixando cair por

estas páginas assim ao acaso e agora não sei quais são as inventadas e

quais são as reais. Debruço-

me sobre algumas para examiná-las de perto e a proximidade as toma

singularmente mais distantes.

145

A LITERATURA COMO UM ATO DE AMOR

Ricardo Ramos

A nossa melhor ficcionista. A nossa maior escritora viva. A primeira dama

da nossa literatura

contemporânea.

Lygia Fagundes Telles já foi assim chamada, e de maneira repetida, pela

crítica tendente às

precedências, e classificações. Isso, no entanto, por mais que importe,

nos limita. Se precisamos

situá-la, não nos confundamos com fases nem feminismos. E digamos,

simplesmente, que é um dos

nomes mais importantes da ficção brasileira.

Na escritora, o que vem antes: a contista ou a romancista? Em outras

palavras: ela se realizará mais

plenamente no conto ou no romance?

Ainda uma vez, nos desviamos. Sem dúvida podemos considerá-la primordial

no conto ou no

romance, como também na sempre esquecida novela. E então, de novo

classificatórios, perdemos a

sua ficção como um todo. Pior, não chegamos à visão apropriada, entre

lúcida e sensível, capaz de

nos desvendar sua obra. Decerto altíssima em termos globais de ficção.

O crítico mais agudo verá que Lygia Fagundes Telles não se dispersa pelos

géneros ficcionistas, ao

contrário, os unifica. A percepção de Eduardo Portella já nos falou da

sua "indiscutível perícia" no

romance, como do seu "espaço muito especial" recortado no conto. Mas, e

principalmente, do que

nos

147

traz a escritora por inteiro: "Um realismo imaginário, limitado ao norte

pela agilidade textual, pela

eletricidade discursiva, e ao sul por uma espécie de resistência

subjetiva, difícil de ser encontrada

nos tempos da modernidade".

Por que lembramos, aqui e agora, tais controvérsias tão marginais? Talvez

porque, apesar de

secundárias, elas se coloquem, viradas pelo avesso ou positivamente, em

termos deste livro. Pois A

disciplina do amor reúne, na sua aparência fragmentada, a Lygia Fagundes

Telles que sabemos: a

contista, a romancista, a novelista, com laivos de crónica ou diário, de

anotação, de reflexão, a

enorme ficcionista que admiramos. Acima dos períodos e rótulos,

enigmática, ela vai lendo mãos e

cartas, de vidas e enredos, nos tecidos e tapetes de uma prosa iluminada

ou constelada pelos mais

claros céus noturnos. Essa mágica, misteriosa escritora. A nossa bela

feiticeira.

A propósito deste livro, ensaiemos uma outra aproximação. Deixando a

autora em segundo plano,

trazendo à boca de cena a sua matéria, melhor diríamos as suas achegas.

Naquilo de contatos,

imediatos e outros. Sigamos em frente.

Uma procura humilde, ou a humildade como técnica. Foi Clarice Lispector

quem escreveu sobre

isso, preocupada com a nossa incapacidade de atingir, na indagação de

tudo aquilo que nos leve

mais depressa ao entendimento do leitor. Ela vai além, se desenvolvendo,

confessa nunca haver tido

um só problema de expressão, mas sim de concepção, e diz falar do que

pode ou não ser alcançado.

Para concluir: "Só se aproximando com humildade da coisa é que ela não

escapa totalmente".

Tal postura, que tem muito de ordenação, nos faz recuar até a velha

teoria das duas almas. Em um

dos, seus contos, Machado de Assis estabelece que

148

"cada criatura humana traz duas almus consigo: uma que olha de dentro

para fora, outra que olha de

fora para dentro". Uma alma exterior, sim, uma segunda alma, que tanto

quanto a primeira tem por

encargo transmitir vida. E que é mutável, de natureza e de estado. A fim

de captá-la, tomou-se

necessário à personagem colocar-se diante do espelho, examinar-se

observando, e então "o vidro

exprimia tudo". Reproduzindo a figura integral.

Humildade e transparência. Essas duas palavras, como atitude, como

intenção, nos foram

ressaltadas por este A disciplina do amor. Porque não sabemos de livro

que melhor exprima, na

busca de uma inflexão pessoal que ê o trabalho do escritor, os acentos de

singela e transpassada

abordagem. A simplicidade no seu mecanismo de achar, posto que obrigação

interior de espelhar-

se, essa nos parece a norma essencial de Lygia Fagundes Telles. E nada

nos toca mais do que

tamanha verdade.

A disciplina do amor é uma reunião de contos, crónicas, confissões. Ou,

no passo mais largo, de

fragmentos de romance. De lembranças com pessoas, de flagrantes com

personagens, de vivas

paisagens pintadas. De sonhos e situações e sinais que nos acordam, ficam

evoluindo na imaginação

ou na consciência. São memórias, reflexões. Por entre choques e sustos,

visões e descobertas,

externos, interiores, esses caminhos perplexos.

Dito assim, pode parecer um livro dividido, ^racionado. Mas não, o

fragmentário mostra-se

incidental e de superfície. Pois existe a unidade de escrita, um dos

textos mais individualizados da

nossa prosa contemporânea, feito de ciente precisão e agilidade elegante,

uma difícil graça fluente.

E, além disso, temos harmonia maior: a personalidade de autor -

extremamente rica, onde se

marcam em

149

traços nítidos a descoberta emoção e o rigor controlado, o ser ao mesmo

tempo capaz da poesia, do

humor e da indignação. Sempre de maneira imprevista, posto que vindo

subterrânea e sutil até a

revelação.

Lygia Fagundes Telles escreve sobre enchentes e desfiles de escolas de

samba pela televisão,

passeio em praia de Ubatuba ou numa praça de Teerã. Entretanto, há

meteoros e mistérios em uma,

jovens enforcados pendentes na outra. Menos fatos, mais temas, sobre a

coragem, a loucura,

religião ou liberdade. Variações, visitações. O diabinho ao despertar, o

instante que precede o sono,

uma levitação entre a vida e a morte. A gata Iracema, que tem um sentido,

a tiazinha que não viveu

e soube disso antes de morrer, que tem outro. As frases do caderno, os

lugares não esquecidos e

quem ou que os povoou, rostos, objetos, sentimentos. Penosos sentimentos,

aqueles pentimentos.

Ao termo de tudo, mais ambiguidades. Ou superposições, com as relações

nítidas, mas sem chaves

de abrir. A criança perdendo o medo ao contar suas próprias histórias,

ela que apavorada as ouvia

da'empregada, iniciando-se no ofício de amanhã. E o seu reverso, o

processo de extinção do

escritor, ele tão finito quanto a árvore e o índio. Ou não conhecemos o

nosso país? Um lado e outro.

Entre os dois, um território de indagações, meditações. No conjunto, há

vários traçados, que se

cruzam, completam ou conflitam. É sempre assim, quando se busca entender.

"Particularmente,

quando se enfrenta a sucessão das nossas dúvidas maiores, e sem

escamotear procuramos um porto.

Aqui não existe o trivial ou desimportante. Se guardamos de um trecho a

sensação de acidental, é

que não soubemos chegar ao cerne dele, seus acasos organizados. No centro

de tudo, Lygia

Fagundes

150

Telles se preocupa com a vida, o engano de vida, o que o tempo faz da

vida. Os desencontros, as

lacunas, os desequilíbrios de viver. A busca que empreendemos, ainda que

sem sentir, a cada passo

do nosso roteiro. E o quanto nos perdemos, não chegamos, ficamos em pleno

mar.

Exemplo, exemplar: "'Por que não lhe disse antes? Apertá-lo demoradamente

contra o meu peito e

dizer. Não disse porque pensava que tinha pela frente a eternidade. Só me

resta agora esperar que

aconteça outra vez, vislumbro esse encontro - mas you reconhecê-lo? E you

me reconhecer nos

farrapos da memória do meu eu? Peço que me faça um sinal e responderei ao

código secreto na

noite e no silêncio dos navios que se comunicam quando se cruzam no mar".

Sem perceber, ficamos. Até que as marrecas selvagens, muitas delas,

escolham o fundo e suas asas

terminem pesando de tanto lodo. É uma escolha, sim. A da lucidez e não a

da trégua, porque uma

representa luta e outra ausência, doença, mesmo que não o saibamos. Ou a

da própria sensibilidade,

sem maior compreensão, porque existe isso de adivinhar apesar de

fagueiros. Verso e reverso. Sim e

não. Não neste caso, não inteiramente, acreditamos. A escritora se

denuncia, ao longo de todo o

livro, portadora de um plano de coerência que se pode exercer até na

incerteza, na suspeita, na

hesitação, mas talvez por isso mesmo seja tão assombrosa e legítima.

Quem é o escritor? Volta e meia nos perguntam isso: Quem é você? A

resposta, relativamente

simples em termos de entrevista, se complica no fundamental.

O escritor é e parece que é, existe e representa, individualizada, se

multiplica. Autor e intérprete, ele

origina e se exercita, ao mesmo tempo o princípio e

151

o fim, mas ainda as variáveis do processo. Ou seja, no popular: solta o

foguete e sai atrás da vareta.

Sendo assim uno e diverso, o escritor é um ser difícil de catalogar. Ou

de classificar. Quanto mais

ele for verdadeiro, mais sobram as áreas de imprecisão. Por quê? Porque a

explicação do escritor

está na sua escrita. Um universo de palavras, compondo um chão, um homem

e um clima, todos

difíceis de determinar. Pessoais e intransferíveis. Acima das

aproximações, ou dos nivelamentos.

Quem é você? O repórter pergunta, a gente deve bater pronto. Como o

jogador, em decisão de

campeonato, cobrado na base do pênalti. Quem sou eu?

Lygia Fagundes Telles nos responde, com este A disciplina do amor. Eu sou

esta, essa, aquela, sou

uma e sou duas, sou demais, repartida e inteira, sou tantas que nem sei.

Sou aqui, agora, amanhã

não sou mais, sou imponderáveis de mim, dos outros, que é que sou? Uma

visão, um feitio, uma

ressonância. Ou uma espécie de filtro, que desejamos o mais fino, para

que o trabalho resulte

perfeito. De um outro ângulo, e mesmo que precário, em trânsito, um jeito

de ver as pessoas, as

coisas, o mundo, tudo o que realmente importa. Eu sou assim.

E o livro, falando pelo escritor, nos diz mais. Que sem ser

autobiográfico, antes se colocando na

carne dos outros, o autor segue projetando as suas inquietações, os seus

desesperos, e todavia os

organiza com serenidade em plano definitivo. Que essa é uma tarefa de

recolha, em que se vão

juntando tensões e tormentos, descobertas e cintilações, os cotidianos

achados e perdidos que se

fazem materiais de reconstrução harmoniosa. Que nós nos exercemos

diários, e por isso assumimos

tantas inflexões, tantos sentidos e formas, temos de nos urdir

secretamente, disciplinadamente, sem

o que não renasceremos.

152

A diversidade, para Lygia Fagundes Telles, será mais o reconhecimento do

nosso caráter mutável.

Fruto das muitas circunstâncias que de certo modo nos conformam, ou da

própria condição do

homem, do seu contínuo de avanços e recuos e pausas, estilhaçado por

natureza, no entanto

querendo inteirarse. Como já nos advertiram: o bonito das pessoas é que

não estão acabadas, elas

estão sempre por terminar. E apesar disso, devemos encontrar aqui e ali,

como indicação de traço

pessoal, o fio condutor que as informa e distingue, individualmente. Os

seus momentos, que são

poucos, de constância. Ou de coerência.

Talvez por causa disso, dos seus motivos que humanamente são tão

inconstantes ou mutantes, A

disciplina do amor nos chegue assim móvel, ágil, tumultuado. Graças à sua

matéria viva, repetimos.

Sob o ponto de vista da ficção, examinadas atitudes da autora e expressão

em livro, temos

exatamente o inverso: equilíbrio, rigor, simetria. A difícil unidade na

pluralidade.

A disciplina, do amor. Partindo do título, escandido em ritmo, ou nas

suas conotações de forma e

fundo, temos os dois lados do livro, fundidos na sua inteireza.

O amor como sentido, a disciplina como expressão. Esta depurando aquele.

Em modos e maneiras

de salientá-lo, destacá-lo, valorizá-lo. Pode haver proposta melhor?

Lygia Fagundes Telles percebeu, com a clarividência do artista, que tudo

são confluências ou

dispersões, não adiantam os dós-de-peito isolados, mais valem os

cumulativos tons menores. E

ciente ordenou, ligou, demonstrou. Nunca obra conclusiva.

Wilson Martins destacou a ambiguidade na obra de Lygia "Fagundes Telles,

o fato de ela saber

153

projetar-se, entrar na pele dos outros, e de que nisso se aproxima de

Machado de Assis, ao livrar-se

da experiência pessoal e alçar-se. Fábio Lucas distinguiu nela a

escritora que transita livremente do

real para o supra-real, aquela que evita o patético e o melodramático,

esses enfeites do cotidiano, e

alcança afinal o vasto território da magia ou da pura imaginação. Enfim,

Paulo Rónai viu em sua

prosa obras-primas, frementes de inquietações e profundezas, que se

ordenam na clássica

mensagem de arte.

Eles são mestres de organizar o nosso pensamento. Sem dúvida, nos guiam.

Do que nos falam,

decerto concordamos. Do que não falam, provavelmente intuímos. Ou não

será esse também papel

da crítica, além de elucidar, nos levar pelo caminho das interrogações?

No caso da escritora, são muitas as perguntas. Que acompanham nossa

leitura, e depois

permanecem, ou que vivem na sua obra, fazem parte dela, como um refratado

emblema. Muitas

delas já encaminham respostas. Qual a personalidade da autora, tão vária

e mercurial, quais as suas

referências particulares, tão dispersas, ou assim extraordinariamente

ricas? leremos de procurá-la

muito além ao biográfico, de acompanhar as transmutações por que ela

passa, ao emprestar-se de

corpo e alma às suas personagens. Qual o mundo que a autora nos

transmite, um mundo de

contrastes e mudanças, um mundo que evolui próximo ou diferente do

imediato, que tem pouco a

ver com o que somos ou pretendemos? Teremos de buscá-lo na recriação da

realidade, pois se o real

nos agride nós o reinventamos, loucamente, lindamente, em verdade o

aproximamos da nossa

imagem e semelhança. Qual o ponto de encontro, de equilíbrio, entre as

escuras zonas de magia e

despegada claridade palpável que a autora nos revela em meios tons?

leremos de encontrá-lo na sua

capaci-

154

(

dade de equalizar, harmonizar, no seu talento surpreendente para o

amálgama.

As interrogações se sucedem, pois a grande obra não se resolve em

certezas. Entretanto, se Lygia

Fagundes Telles oferece tantas faces, e tão brilhantes, e que vibrando

nos seguem repuxando a

memória, nenhum outro livro seu é tão conclusivo quanto este A disciplina

do amor. No plano geral

da ficção, que nos remete ao essencial da escritora. E num plano mais

particular, que nos orienta

pelos seus temas e enredos, pelas suas opiniões e atitudes.

Através dessas indicações, que perpassam pelo livro com muito de

confissão modelar, chegamos ao

que será a sua revelação maior: o como a autora vê o seu ofício. Como

Lygia Fagundes Telles

encara o ato de escrever, como ela se coloca diante da literatura. E aqui

não existem ambiguidades.

Nitidamente, escrevemos como amamos. Envolvidos, arrebatados, doadores. E

no entanto sem

perder de vista a beleza do que jazemos, ou vivemos. Que tem ou busca uma

explosiva simetria ou

harmonia. A literatura é um ato de amor.

Este é um livro belo e sério. De temática decerto elevada, aquela

duradoura, mas abordada com a

requerida humildade, realizada com a necessária transparência. E a

disciplina de Lygia Fagundes

Telles, essa amorosa da literatura. Em todas as suas gradações: musa,

esposa, amante, e as suas

intermediárias, explícitas ou sugeridas. Hoje como ontem, como desde os

seus começos, pois não se

trata de lançamento isolado, apenas um novo título em sua bibliografia,

por mais notável que ele

seja. A disciplina do amor assume a importância de livro-chave,

descortinador, mapa e guia de toda

uma positiva aventura literária, o vasto mundo de uma admirável

escritora. Na sua matéria peculiar,

no seu tratamento

155

personalizado, na linguagem e atmosfera, no variável dos veios e veredas,

nas tantas referências que

marcam o feitio de tão grande autora. Pelo muito que ela significa em

nossa prosa de ficção, e não

somente ecoando uma crescente popularidade (obra adotada nas escolas e

universidades, adaptada

para a televisão, discutida nas mais diferentes esferas), é urgente que

se leia a disciplina do amor de

Lygia Fagundes Telles.

156

EU, LYGIA

Nasci em São Paulo, mas passei a infância em •pequenas cidades do

interior do Estado, onde meu

pai foi promotor público, delegado ou juiz: Sertãozinho, Assis, Apiaí. .

. Foi uma infância meio

selvagem, livre. Muito verde. Muitos bichos. Figura importante dessa

idade de ouro foi uma pajem

que me jazia confidências e me contava histórias sinistras, apavorantes,

com lobisomens e antigos

mortos que se levantavam e lá vinham com seu canto fanhoso até nossa

porta.

Eu ouvia e ficava tremendo de medo debaixo das cobertas. Até que, certa

noite em que minha

pajem não pôde ser a contadora de histórias, resolvi substituí-la e então

fiz a descoberta: senti

menos medo quando passei de ouvinte para narradora. Enquanto contava,

deixei de tremer, me senti

poderosa porque transferia para os outros o medo que me aniquilava, sim,

me senti independente,

forte.

Meu pai (Durval de Azevedo Fagundes) era um homem meio desligado,

sonhador. Minha mãe

(Maria do Rosário de Azevedo Fagundes) tocava piano, cantava e me parecia

muito comunicativa,

alegre. Mas vendo hoje seus retratos, descubro que sua expressão era

triste. Queria que eu fosse

declamadora, mas quando lhe disse que não gostava de recitar mas sim de

escrever, ficou animada.

Embora um tanto apreensiva: "É uma profissão de homens", disse. "Mas

siva:

157

se você quer, por que não?" E me contava a história de uma antiga

tiazinha que era poeta. E ao

nosso parente Silva Jardim, um homem muito ilustre que caiu no Vesúvio,

fiquei impressionada,

caiu dentro do vulcão? "Lá dentro", ela repetiu. "Nunca ninguém antes

caiu num vulcão, não é

extraordinário?" E achou que, com esses nomes tão importantes na nossa

árvore, eu bem que podia

ter a vocação.

Não sabíamos, nem eu nem ela, o que era o feminismo, mas nesse estímulo

se revelou uma

feminista, inconsciente, embora. Mais tarde também ficou entusiasmada

quando lhe comuniquei

que queria estudar direito, me diplomar na mesma academia do Largo de São

Francisco onde meu

pai estudou: pois se vários primos tinham estudado lá, por que não eu, a

mais inteligente de todos

(me elogiava demais), não podia também ser doutora?

Quando a família se mudou para a capital, fiz dois cursos superiores, o

curso de direito e o de

educação física. Vem daí minha disciplina e inclinação para os esportes,

gosto de nadar, fazer

ginástica. E ando quilómetros. Casamento. Um filho, Goffredo Telles Neto.

Meu segundo

casamento, com Paulo Emílio Salles Gomes (crítico de cinema, ensaísta,

ficcionista e fundador da

Cinemateca Brasileira), me aproximou do cinema, fiquei fascinada com a

experiência de

transformar o texto literário em imagem. Sou hoje presidente da

Cinemateca Brasileira. Exerço

ainda a função de procuradora do Instituto de Previdência do Estado de

São Paulo.

Signo de Aries, domicílio do planeta Marte. A cor do signo é o vermelho,

mas aposto igualmente no

verde. Minha bandeira (se tivesse uma) seria metade verde, metade

vermelha. Esperança e paixão.

Fervor e cólera. Alguns dos meus textos nasceram de uma simples visão,

imagem que retive na

memória. Ou de uma frase que ouvi.

158

Outros textos, ainda, nasceram em algum sonho. Mas a maior parte tem

origens obscuras; afinal, o

ato de criação literária é sempre um mistério onde há magia.

Impossível localizar criação e criatura. Separar a obra do criador. Sei

que há escritores que

conseguem se explicar tão bem, esclarecer o lado escuro do ofício. Eu

não. "Escrevo e esse corpo-a-

corpo com a palavra já me toma todo o tempo, que se faz mais curto neste

cotidiano devorador.

A função do escritor? Ser testemunha do seu tempo e da sua sociedade.

Escrever por aqueles que

não podem escrever. Falar por aqueles que muitas veies esperam ouvir da

nossa boca. a palavra que

gostariam de dizer. Comunicar-se com o próximo e se possível, mesmo por

meio de soluções

ambíguas, ajudá-lo no seu sofrimento e na sua esperança.

Lygia Fagundes Telles

Obras publicadas: "Praia viva" (contos, 1944); "O cacto vermelho"

(contos, 1949); "Ciranda de

pedra" (romance, 1954); "Gaby" (novela, na obra coletiva "Os sete pecados

capitais", 1954);

"Histórias do desencontro" (contos, 1958); "Verão no aquário" (romance,

1963); "Histórias

escolhidas" (contos, 1964); "O jardim selvagem" (contos,

1965); "Trilogia da confissão" (em "Os dezoito melhores contos do

Brasil", 1968); "Antes do baile

verde" (contos, 1971); "Seleta" (contos, 1971); "As meninas" (romance,

1973); "Seminário dos

ratos" (contos, 1977); "Filhos pródigos" (contos, 1978); "A disciplina do

amor" (ensaios, 1980);

"Mistérios" (contos, 1981).

Da autora, o Círculo já publicou: "Ciranda de pedra", "Antes do baile

verde" e "As meninas".

159